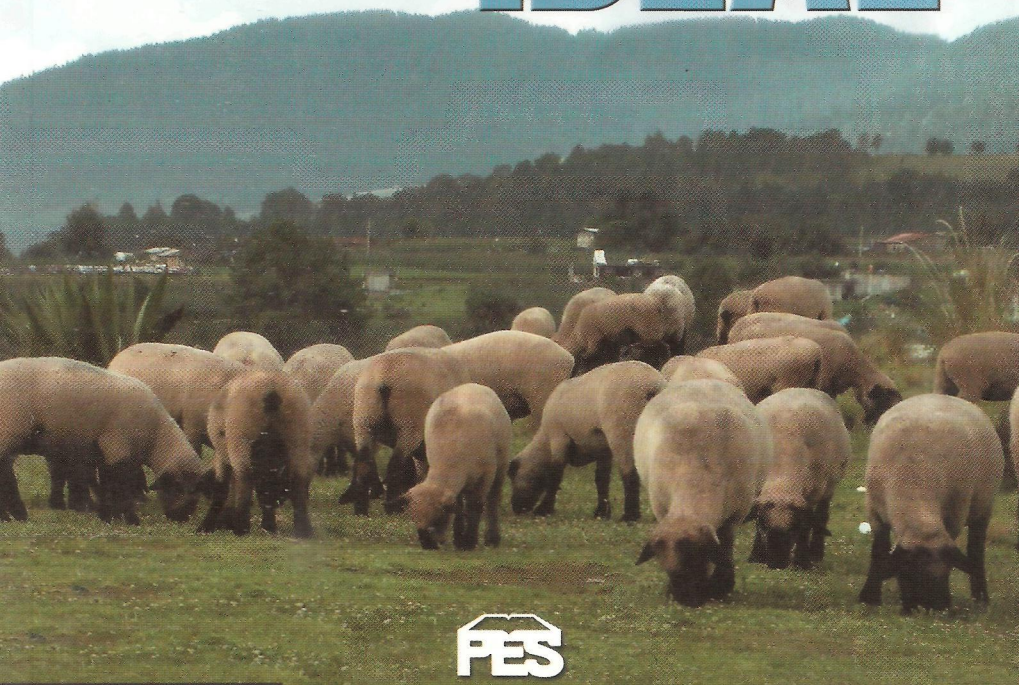
C. H. Spurgeon

UM MINISTÉRIO IDEAL



PES

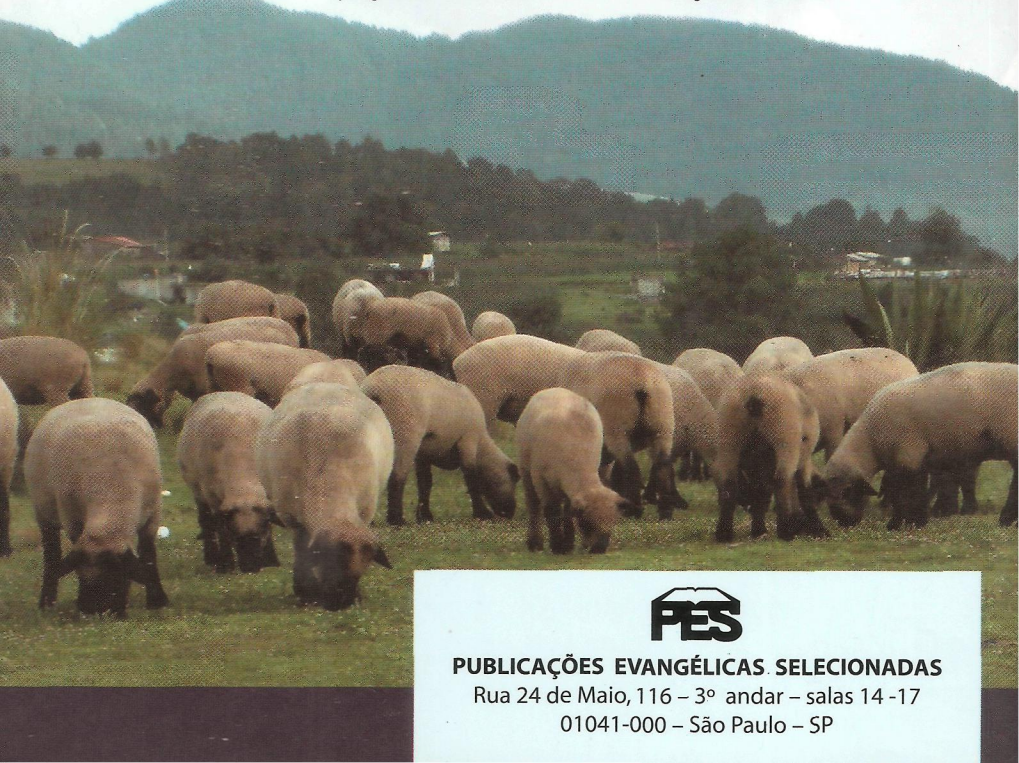
VOLUME 2

UM MINISTÉRIO IDEAL

Em 1865 Spurgeon inaugurou a "Conferência Anual" do Colégio de Pastores, a qual foram convidados todos os pastores que haviam sido preparados no Colégio. Essa reunião anual estava destinada a oferecer um laço de união permanente entre eles. Durante toda sua vida, Spurgeon pronunciou vinte e sete palestras presidenciais na Conferência; doze delas foram reimpressas após sua morte, das quais seis estão neste livro.

Se havemos de entender atualmente porque o testemunho evangélico chegou a um nível tão baixo, é necessário que retrocedamos ao século dezenove e descubramos o que ocorreu. Este volume nos concede bastante luz adicional neste assunto, com as observações do famoso pregador sobre a mudança de ênfase na pregação do evangelho, acerca dos aspectos da "obra missionária" moderna, no que se refere ao descuido da doutrina da soberania de Deus e a respeito da decadência geral da pureza doutrinária.

"Para serem pregadores eficazes devem ser teólogos autênticos."



PES
PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14 -17
01041-000 – São Paulo – SP

UM MINISTÉRIO IDEAL

Volume 2

Conferências a ministros e estudantes

C. H. Spurgeon

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título original:
An All Round Ministry

Primeira edição em português:
1990

Segunda edição em português:
2005

Tradução do inglês:
Edgard Leitão

Revisor:
Antonio Poccinelli

Cooperador:
Luís Christianini

Capa:
Wirley dos Santos Corrêa

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Introdução 6

1. Fé 13

2. A Individualidade e o contrário dela 38

3. Como enfrentar os males da nossa época 56

4. Os males de nosso tempo: nossos objetivos, necessidades e encorajamentos 76

5. O poder do pregador e as condições para obtê-lo 96

6. O ministro nos tempos atuais 126

MAZINHO RODRIGUES

INTRODUÇÃO

Embora C. H. Spurgeon seja ainda lembrado como pregador popular, geralmente se esquece que a influência exercida por ele sobre ministros e estudantes de teologia foi um fator ainda mais importante, talvez, do que o seu próprio ministério. Hoje é pouco conhecido o fato de que ele organizou uma instituição teológica, supervisionou a preparação de mais de 800 estudantes, presidiu uma conferência anual de ministros, e considerou tudo isso como "o labor e deleite de minha vida, em relação ao qual o resto do meu trabalho não é senão a plataforma; deleite superior ainda ao que me oferece meu êxito ministerial" (*Autobiografia,* vol. 3, p. 127). Os pontos de vista de Spurgeon quanto ao ministério, especialmente com referência à educação teológica, têm recebido pouca atenção desde a sua morte em 1892. À primeira vista é difícil explicar tal coisa, quando recordamos que durante 37 anos Spurgeon pregou semana após semana a uma congregação de cerca de 5.000 pessoas. Será que em nossos dias, de tão evidente decadência no poder da pregação e freqüência às igrejas, as opiniões de um homem como ele não valem a pena ser conhecidas?

A melhor ilustração dos pontos de vista de Spurgeon quanto à preparação para o ministério é a história do seu próprio colégio teológico. Quase desde o início do seu ministério em Londres em 1854, para as vastas multidões, ele sentiu a carga da necessidade de muito mais pregadores de enérgica posição evangélica. Sabia, como tantas vezes repetia, que os seminários sempre haviam tido papel vital no

provimento de tais homens. "Honorato e Columba nos dias antigos, e também Wycliffe, Lutero e Calvino na época da Reforma, prepararam os exércitos do Senhor para sua missão. As escolas dos profetas são fator primário se se trata de manter vivo e propagar o poder da religião num país" (Ibid. p. 137).

"Falamos de Lutero e Calvino nos tempos da Reforma, mas devemos recordar que esses homens chegaram a ser o que eram devido, em grande parte, a seu poder para gravar a sua imagem e sua influência sobre outros homens com os quais entraram em contato. Se alguém fosse a Würtemburg, não via apenas Lutero, mas também o colégio de Lutero, os homens a seu redor, todos os estudantes que estavam sendo formados em outros Luteros sob sua direção. O mesmo ocorria em Genebra. Quanto deve a Escócia ao fato de Calvino ter instruído John Knox! Quanto benefício têm alcançado outras nações, advindo da pequena república da Suíça devido ao fato de que Calvino teve o bom senso de perceber que um só homem não podia esperar influenciar uma nação inteira a menos que se multiplicasse e estendesse seus pontos de vista, escrevendo-os sobre as tábuas de carne dos corações de homens jovens e fervorosos! As igrejas parecem ter esquecido disso. A Igreja deveria tomar o colégio teológico o objeto principal dos seus cuidados" ("Vida e Obra de C. H. Spurgeon", G. H. Pike, vol. 4, p. 356).

Informa-nos Spurgeon que pouco depois de haver iniciado seu ministério em Londres, "vários jovens zelosos foram trazidos ao conhecimento da verdade; e entre eles alguns cujas pregações ao ar livre foram abençoadas por Deus para a conversão de almas". O primeiro destes foi um moço chamado Medhurst. Certos membros da igreja disseram ao pastor que o mencionado jovem não estava preparado para tal trabalho. Spurgeon então entrevistou o moço e recebeu a seguinte memorável resposta: "Sr. Spurgeon, eu tenho que

pregar, e continuarei pregando – a menos que o senhor me degole". Isso induziu a Spurgeon à decisão prática de fazer algo a fim de preparar tais homens para o ministério. Assim, no ano de 1855 (quando Spurgeon tinha apenas 21 anos e havia mil pessoas que davam provas seguras de conversão e desejavam ser admitidas na sua capela), Medhurst começou a freqüentar cada semana a casa de seu pastor, para receber várias horas de instrução teológica. Em 1857 surgiu outro estudante. Pouco tempo depois o número aumentou para 8; a seguir 20 e finalmente 70 a 100 alunos, que recebiam um curso de dois anos no que chegou a ser conhecido como o "Colégio dos Pastores". Em 1891 haviam sido preparados 845 homens. Deles, muitos abriram novos campos e formaram novas igrejas na Inglaterra, porém muitos outros levaram o evangelho aos confins da terra.

Pode-se interrogar porque Spurgeon formava um novo colégio quando já havia tantas instituições de formação teológica não-conformista. Muitos criam ser tal iniciativa desnecessária e divisionista. A resposta dele era, essencialmente, por não haver um seminário que satisfizesse às necessidades conforme ele percebia a situação. Além disso, ele se distinguia das demais organizações existentes nos quatro seguintes aspectos:

Primeiro, quanto ao ingresso dos estudantes – Spurgeon possuía a convicção de que não devia aceitar um homem que não estivesse apto para pregar e, até onde fosse possível discernir, vocacionado por Deus. Nem a capacidade mental nem os méritos universitários podiam compensar a ausência desses requisitos. "O grau inferior de piedade, a falta de entusiasmo, o fracasso na devoção particular e a ausência de consagração" eram fatores negativos intoleráveis em homens que aspirassem ser servos de Cristo. Categoricamente ele afirmou: "Nossa instituição tenciona impedir que ocupem o encargo sagrado os que não são vocacionados para ele.

Constantemente estamos rejeitando candidatos por duvidarmos de sua aptidão; nesse caso, nada lhes aproveita educação, dinheiro ou intercessão de parentes ou amigos".

Segundo, no que se refere ao plano de estudos da preparação teológica, havia ênfase especial à teologia bíblica. George Rogers, escolhido por Spurgeon para diretor do Colégio de Pastores, afirmou: "Dia a dia cresce a convicção de que a teologia deve ser a matéria principal numa instituição teológica". Spurgeon era cuidadoso ao declarar o que entendia por Teologia Bíblica. "Afirmamos sem rodeios que a teologia do Colégio é puritana. Nossa experiência e leitura das Escrituras nos confirmam na crença das doutrinas da graça, tão pouco em moda; minhas opiniões sobre o evangelho e o modo de preparar os pregadores são peculiares. Pregadores das grandes e antigas verdades do evangelho, ministros adequados para transmiti-las às massas, podiam ser encontrados mais facilmente numa instituição onde a pregação e a teologia eram as matérias principais – e não os diplomas e outras láureas da erudição humana."

Embora o próprio Spurgeon não tenha recebido uma educação universitária normal, desde a infância recebera na granja de seu avô um sólido fundamento de teologia calvinista, e quando iniciou sua pregação em Londres, demonstrou novamente o que a maioria havia esquecido desde os dias de Whitefield – que nessa teologia reside o verdadeiro poder de um ministério evangélico. Ele sempre entendia haver uma relação, muito mais íntima do que os homens crêem, entre a pregação de um ministro e a sua teologia. O que o levou a pôr a antiga teologia em lugar proeminente no plano de estudos do seu colégio não era mero interesse teórico nas doutrinas. "Para serem pregadores eficazes devem ser teólogos autênticos" era o axioma que constantemente repetia aos alunos.

Terceiro, quanto à maneira como devem ser preparados

os estudantes, Spurgeon sustentava com firmeza que a instrução deve ser ministrada de forma definida e dogmática. Os professores não devem ensinar de modo vago e liberal, apresentando diferentes "pontos de vista", deixando ao aluno a escolha do que lhe convier; pelo contrário, precisam declarar de maneira convincente e inconfundível a mente de Deus e demonstrar predileção resoluta pela teologia antiga, evidenciando-se saturados dela e dispostos a morrer por ela.

Falando em nome de Spurgeon, George Rogers, diretor do Colégio de Pastores declarou: "A teologia calvinista deve ser ensinada dogmaticamente. Não usamos essa palavra no sentido ofensivo do termo, e sim como o ensino indiscutível da Palavra de Deus. Não simpatizamos com nenhuma das modernas distorções das grandes verdades do evangelho. Preferimos a teologia puritana à moderna".

Spurgeon, porém, defendia que além do ensino ser verdadeiro, também devia ser fervoroso. "Que espécie de homens devem ser os ministros?" Precisam trovejar quando pregam, e relampejar quando conversam; devem arder na oração, brilhar na vida e consumir-se no espírito. Se não são assim, que poderiam realizar? Se não forem Sansões espirituais, como poderão vencer o leão rugidor? Como podem as portas do inferno ser levantadas dos seus gonzos?

"Entretanto, mesmo conhecendo a verdade e estando confirmados nela pela graça divina, não é trabalho fácil difundir o tesouro celestial. Comunicar aos outros o ensino de Deus é serviço delicado e difícil. Temos de conhecer primeiro a verdade em nossa própria alma a fim de transmiti-la eficazmente. Precisamos também viver no desfrute cotidiano dela. Só quando o Espírito inunda a mente de um homem pode esse influir noutras mentes de forma correta. O espírito do evangelho deve estar nele tanto quanto a sua doutrina."

Quarto, a posição de Spurgeon referente à preparação teológica divergia bastante do ensino convencional predominante. Conforme o seu entender, o objetivo que devia controlar tudo era a formação de pregadores poderosos. Defendia ardorosamente ser indispensável tornar cada aluno da instituição teológica eficiente no púlpito. Ele combateu o que denominou "idolatria do intelecto". Na sua época havia exagerado destaque ao prestígio acadêmico e à respeitabilidade cultural; muitos demonstravam ganância por alcançar diplomas universitários, havendo por isso uma invasão do espírito mundano na Igreja, em prejuízo da verdadeira finalidade da preparação ministerial. Embora reconhecendo o valor e o devido lugar do cultivo da mente, Spurgeon declarou: "Há uma erudição, que é essencial para um ministério eficiente, a saber, a erudição de toda a Bíblia; conhecer a Deus pela oração e a experiência da Sua misericórdia". Ainda que contrariasse as opiniões de muitos, ele acrescentou em termos inconfundíveis: "Nossos homens não buscam diplomas universitários, nem títulos honoríficos, embora muitos pudessem alcançá-los, mas pregar com eficácia, chegar ao coração das massas, evangelizar os perdidos; essa é a ambição deste colégio; isso, e nada mais. O desígnio do Colégio de Pastores desde o princípio tem sido ajudar aos pregadores, e não formar eruditos. Que o mundo eduque os homens para os seus próprios propósitos, e que a Igreja instrua aos obreiros para o seu serviço especial. Aspiramos auxiliar aos homens a proclamar a verdade de Deus, a expor as Escrituras, a atrair os pecadores e a edificar os santos".

Em 1865, Spurgeon inaugurou a "Conferência Anual" do Colégio de Pastores. Ele considerava a semana da Conferência como uma das mais importantes do ano; dedicava muito tempo, pensamento, cuidado e oração ao preparo das mensagens que dirigia às centenas de pastores e estudantes que na ocasião se reuniam, vindos de toda parte do país.

Os últimos trinta anos do século 19 presenciaram uma triste decadência do evangelismo, como escreveu Spurgeon em 1887: "Estamos descaindo a uma velocidade vertiginosa".

Apesar de pronunciadas há mais de um século, estas mensagens apresentam verdades que jamais envelhecem. Os fatores espirituais necessários a um ministério poderoso são tão independentes do tempo como o eram nos dias de Crisóstomo, Latimer ou Whitefield.

Numa hora em que estamos presenciando um crescente retorno à doutrina Reformada, há necessidade imperiosa de que os ministros e estudantes reconsiderem como esta mensagem deve ser pregada outra vez, com energia capaz de converter as massas. Dificilmente poderia haver melhor guia nessa questão do que C. H. Spurgeon.

Abril de 1960
Iain Murray

1

FÉ

Tendo chegado a hora em que devo falar a vocês, meus amados irmãos, desejo que Deus mesmo seja quem fale por meu intermédio.

O tema escolhido para esta palestra trata de *fé*. Como crentes em Cristo, todos somos da linhagem da fé. Há duas linhas de descendência que afirmam ter direito à herança do pacto. Uma delas, encabeçada por Ismael, filho de Hagar, é o ramo da natureza, dos esforços humanos e das obras. Não nos consideramos parentes dela. Sabemos que a mais elevada posição que pode alcançar o filho da carne só termina com a ordem: "Lança fora a escrava e o seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre" (Gál. 4:30). Nós, irmãos, somos filhos da promessa, nascidos não segundo a carne, não segundo a energia da natureza, mas pelo poder de Deus. Não atribuímos nosso novo nascimento ao sangue, nem à vontade da carne, nem à vontade do homem, mas unicamente a Deus. Não devemos nossa conversão ao raciocínio do lógico nem à eloqüência do orador, nem tampouco às nossas qualidades naturais ou esforços pessoais; somos, como Isaque, filhos do poder de Deus conforme a promessa.

Ora, pertence-nos o pacto, pois foi decidido – e o apóstolo declara esta decisão em nome de Deus – que "a Abraão foram feitas as promessas, e à sua semente. Não disse: às sementes, como se falasse de muitos, mas como de um: e a tua semente, a qual é Cristo... E se sois de Cristo, sois certamente linhagem

de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gál. 3:16,29). Somos totalmente salvos pela fé. O dia mais luminoso que já brilhou sobre nós foi aquele em que pela primeira vez "olhamos para Ele e fomos iluminados". Tudo era obscuro até que a fé contemplou o Sol da Justiça. A aurora da fé foi para nós a manhã da vida; unicamente pela fé começamos a viver. Desde então temos andado pela fé. Sempre que temos sido tentados a sair da verdade da fé, nos tornamos como os insensatos gálatas e chegamos a sofrer por nossa loucura. Espero que não tenhamos "sofrido tantas coisas em vão" (Gál. 3:4). Começamos no Espírito, e se tentarmos aperfeiçoar-nos pela carne, logo descobrimos estar navegando por uma rota errada e aproximando-nos dos escolhos. "O justo viverá pela fé"; é uma verdade sempre demonstrada eficaz em nossa experiência, pois uma; e outra vez temos visto que em qualquer outro caminho a morte nos mira de frente; portanto, "nós pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça pela fé" (Gál. 5:5).

Ora, irmãos, visto que a nossa linhagem é a da fé, e nosso direito aos privilégios do pacto é o da fé, e nossa vida em seu princípio e sua continuidade é toda da fé, atrevo-me a dizer que o nosso ministério é também o da fé. Somos arautos aos filhos dos homens, não da lei do Sinai, e sim do amor do Calvário. Dirigimo-nos a eles, não com o mandamento: "Faze isto e viverás", porém com a mensagem: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo". Nosso é o ministério da fé cheia de graça, e não segundo o homem, nem conforme à lei de um mandamento carnal. Não pregamos os méritos humanos, e sim a Cristo crucificado.

O objetivo de nossa pregação, assim como a sua doutrina, é a fé; pois não pensamos haver feito nada pelos pecadores até que pelo poder do Espírito Santo os tenhamos trazidos à fé; e só temos por útil nossa pregação aos santos quando os vemos crescer na fé. Assim como a fé é em nossa mão o

poder com o qual semeamos, e à medida que a semente que semeamos é recebida por nós por fé, e embebida na fé, assim também a colheita que buscamos é ver a fé brotando dentro dos corações humanos para louvor e glória de Deus.

Portanto, entretecida com toda a nossa vida espiritual e com todo o nosso trabalho ministerial, está a doutrina e a graça da fé; por isso devemos ser muito claros neste aspecto, o qual é negócio pequeno; e ser muito fortes neste aspecto, o qual é negócio grande. É sobre esse tópico que lhes falarei, orando fervorosamente que cada um seja como Abraão "fortalecido na fé, dando glória a Deus" e à semelhança de Estevão, "cheio de fé e do Espírito Santo".

Nossa obra exige especialmente fé. Se fracassarmos na fé, seria melhor não havê-la iniciado; e a menos que obtenhamos fé à proporção que nos dedicamos ao serviço, logo nos cansaremos dele. A observação demonstra sempre que a eficácia no trabalho do Senhor geralmente está muito em proporção à fé. Certamente não está em proporção com a capacidade, nem sempre segue paralela a uma exibição de zelo; mas é invariavelmente conforme à medida da fé, pois esta é, sem exceção, a lei do Reino: "Seja-vos feito segundo a vossa fé". É, pois, essencial que tenhamos fé se queremos ser úteis, e que tenhamos grande fé se almejamos ser extraordinariamente úteis. Por muitas outras razões além da utilidade (a saber, inclusive para poder resistir aos inimigos da verdade e a fim de vencer as tentações que cercam o nosso encargo), é imperativo que tenhamos abundante confiança no Deus vivo. Nós, mais do que todos os homens, necessitamos da fé que move montanhas, pela qual, na antiguidade, os homens de Deus "venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, taparam as bocas dos leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos na guerra, puseram em fuga os exércitos dos estranhos".

I. Inicialmente consideremos, em relação ao assunto, a pergunta: **EM QUE TEMOS FÉ, COMO MINISTROS, OU PELO MENOS GRANDE NECESSIDADE DELA?**

Primeiramente, temos *fé em Deus*. Cremos que Ele "existe e é galardoador dos que o buscam". Não cremos que os poderes da natureza, operam por si mesmos independentemente das constantes emanações de poder do Grande e Poderoso, que é o criador e sustentador de todas as coisas. Longe de nós banir Deus de Seu próprio universo. Tampouco cremos numa deidade meramente nominal, como fazem os que pretendem que todas as coisas são Deus, pois concebemos o panteísmo simplesmente como outra forma de ateísmo. Conhecemos o Senhor como uma existência pessoal definida, um Deus real, infinitamente mais real que todas as coisas que se vêem e se tocam, ainda mais real do que nós mesmos, pois não somos senão sombras; só *Ele* é o EU SOU, sempre o mesmo pelos séculos dos séculos.

Cremos num Deus de propósitos e planos, que não permite que um destino cego tiranize o mundo, e muito menos que uma casualidade sem objetivo o leve daqui para lá. Nem somos fatalistas, nem duvidamos da providência e da predestinação. Somos crentes num Deus "que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade". Não cremos que o Senhor tenha Se afastado do mundo, abandonando-o juntamente com os seus habitantes; estamos convictos de que Ele preside constantemente todos os assuntos da vida. Pela fé percebemos a Sua mão concedendo a cada fibra de erva uma correspondente gota de orvalho e a cada cria de corvo seu necessário alimento. Vemos o poder de Deus presente no vôo de todos os pardais, e ouvimos Sua plenitude. Passamos por ela, não pelos domínios de satanás, onde não chega a luz, nem por um caos onde se desconhece a autoridade, nem por um mar fervente onde as vagas irresis-tíveis do destino fazem caprichosamente naufragar os mortais; pelo contrário, andamos audaciosamente, tendo a

Deus em nós e ao nosso redor, vivendo, movendo-nos e tendo o nosso ser nEle, e assim, pela fé, habitamos num templo da providência e da graça onde tudo fala da Sua glória. Cremos num Deus presente onde quer que estejamos, que age e atua cumprindo Seus propósitos de modo constante e seguro em todos os assuntos, lugares e momentos; realizando Seus desígnios tanto no que parece mau como naquilo que é manifestamente bom; em todas as coisas avançando em Seu carro eterno até a meta escolhida pela sabedoria infinita, sem jamais diminuir o passo nem abandonar o controle, mas progredindo sempre, sem pausa, conforme a fortaleza sempiterna que há nEle. Cremos que esse Deus é fiel em tudo que prometeu, que não pode mentir nem mudar. O Deus de Abraão é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e é nosso Deus hoje. Não cremos nas opiniões inconstantes sobre o Ser divino que estão sendo adotadas pelas diversas filosofias. O Deus dos hebreus, Jeová, Jah, o Poderoso, o Deus que cumpre o pacto é o nosso Deus – "este Deus é o nosso Deus para sempre; Ele será nosso guia até à morte".

Se somos néscios ou não por crer nesse Deus, o mundo o saberá um dia; e se é mais razoável crer na natureza, ou em poderes por si mesmo, deixaremos que a eternidade o decida. Entretanto, para nós, fé em Deus não é apenas uma necessidade da razão, e sim o fruto de um instinto infantil que não se detém a justificar-se a si mesmo por meio de argumentos, surgindo em nós com nossa natureza regenerada.

Ao mesmo tempo, nossa fé se centraliza fervente e intensamente no *Cristo de Deus*. Nossa confiança está em Jesus; cremos em tudo o que a história inspirada afirma a respeito de Cristo, não fazendo dEle nem de Sua vida um mito, mas aceitando como fato que Deus habitou plenamente entre os homens em carne humana, e que na cruz do Calvário foi realmente oferecida, pelo Deus encarnado, uma expiação. No entanto, para nós, o Senhor Jesus não é apenas um

Salvador do passado. Cremos que "ascendeu às alturas" e "levou cativo o cativeiro" e que "vive sempre para interceder pelos que por ele se chegam a Deus". Na catedral de Turim vi uma vez algo muito notável, a saber, o suposto sudário do Senhor Jesus Cristo, o qual é devotamente adorado por multidões de católicos romanos. Ao contemplar a relíquia, não pude evitar a reflexão de que os emblemas da morte de Cristo eram tudo o que dEle possuía a igreja católica romana. Em vão mostram a verdadeira cruz, pois O crucificam de novo; inutilmente rezam no Seu sepulcro vazio, pois Ele não está ali, nem na igreja deles; em vão asseguram tratar-se do Seu sudário, pois conhecem apenas um Cristo morto. Entretanto, amados irmãos, nosso Cristo não está morto, nem dormindo; ainda "anda entre os candeeiros de ouro, e tem as estrelas na mão direita".

Nossa fé em Jesus é muito real. Cremos naquelas Suas remidoras feridas mais do que em qualquer outra realidade; para nós não há nada mais seguro do que o fato de que Ele foi morto e nos redimiu para Deus com o Seu precioso sangue. Cremos no resplendor da Sua glória, pois nada nos parece tão certo, como justa recompensa que fosse coroado de glória e de honra Aquele que foi obediente até à morte. Por essa razão também, cremos num Cristo verdadeiro que ainda há de vir pela segunda vez, assim como subiu aos céus; e embora não interroguemos minuciosamente no que se refere aos tempos e às épocas, sem dúvida estamos "esperando e apressando-nos para a vinda do dia de Deus", em cujo dia aguardamos a manifestação dos filos de Deus e a ressurreição dos seus corpos da tumba. Cristo Jesus não é ficção para nós; podemos cantar com o Dr. Watts:

"Enquanto os judeus em sua própria lei confiam,
e se orgulham os gregos da sabedoria,
Nós amamos o mistério encarnado
e nossa confiança pomos nele."

Temos igual confiança, irmãos amados, no *Espírito Santo.* Cremos implicitamente em Sua deidade e personalidade. Falamos de Suas influências, porque as possui, mas não esquecemos de que é uma Pessoa de quem emanam tais influências; cremos em Suas funções, porque possui funções, mas nos alegramos na Pessoa que as realiza e as torna efetivas para o nosso bem. Cada um de nós quisera afirmar devotamente: "Creio no Espírito Santo". Não obstante, irmãos, vocês crêem no Espírito Santo? "Sim!" dizem unânimes, espontânea e enfaticamente. "Sim", também o afirmo; porém não fiquem tristes se lhes interrogo uma vez mais se verdadeiramente e com certeza crêem nEle, pois há muitas maneiras de crer. Posso acreditar num homem, crendo nele com uma base muito frágil, sem arriscar nenhuma parcela de minha substância; mas posso crer nele de outra forma, isto é, por estar certo que seria capaz de confiar-lhe minha própria vida, seguro de que me seria fiel e que se demonstraria um ajudador eficiente e bem disposto. Teríamos esse tipo de confiança no Espírito Santo? Acaso cremos que neste instante Ele pode revestir-nos de poder como fez com os apóstolos no dia de Pentecoste? Será que acreditamos que através de nossa pregação mil almas poderiam nascer de novo num dia mediante o Seu poder? Se todos cremos assim, podemos considerar-nos felizes por fazermos parte de tal grupo, pois se apenas doze pessoas exclamassem, depois de ouvir um sermão: "Que devemos fazer para ser salvos?", a maioria dos cristãos diria exatamente como os judeus incrédulos. "Estes homens estão cheios de mosto." Condenaria o evento como sendo o resultado de excitação perigosa; nunca imaginaria que fosse atuação do Senhor. Por esta razão, lamento não existir na Igreja a fé no Espírito Santo que deveria haver; e, no entanto, tendo ouvido a voz que diz: "O poder pertence a Deus" como também a voz divina do Filho afirmando: "Credes em Deus, crede também em mim", igualmente é certo que

a terceira Pessoa na Trindade bendita tem direito à nossa carinhosa confiança. E ai de nós se O entristecermos com nossa incredulidade! Quando tivermos plena fé no Deus Trino, então seremos "fortalecidos no Senhor, e na força do Seu poder".

Além disso, queridos irmãos, vocês e eu cremos *nas doutrinas do evangelho.* Temos recebido as certezas da verdade revelada. Estas são coisas muito cridas entre nós. Não nos inclinamos ante as teorias dos homens acerca da verdade, nem admitimos que a teologia consista em "pontos de vista" e "opiniões". Declaramos que há certas verdades essenciais, permanentes, eternas, das quais é perigoso desviar-se. Estou profundamente entristecido ao escutar tantos ministros falarem como se a verdade de Deus fosse uma quantidade variável, um assunto de formação cotidiana, uma espécie de nariz de cera a que se dá forma nova constantemente, ou algo semelhante à nuvem levada pelo vento. Não é dessa maneira que creio! Tenho sido criticado como sendo um mero eco dos puritanos, mas prefiro antes ser o eco da verdade, que a voz da falsidade. Talvez seja a falta de capacidade intelectual que nos impede de afastar-nos do antigo bom caminho; mas ainda isso é melhor que a falta de graça, a qual é a razão porque os homens abandonam e mudam constantemente suas crenças. Podem ter a certeza de que não há nada novo em teologia, exceto o que é falso, e que os fatos da teologia autêntica são hoje em dia o que eram há dezoito séculos atrás.

Em nossos dias, porém, os que a si mesmos se denominam "homens de progresso", que iniciaram pregando o evangelho, degeneram à medida que avançam, e sua teologia, à semelhança dos caracóis, se derrete com o passar do tempo. Espero que nunca seja assim com nenhum de nós. Tenho comparado a carreira de certos teólogos com o percurso de um barril de vinho romano desde a vinha até à cidade. Começa saindo do lagar como suco de uva puro; mas na primeira parada, os condutores do carro precisam acalmar a sede; e quando chegam

a uma fonte, põem água a fim de compensar o vinho que beberam. No povoado seguinte, vários amantes do vinho pedem ou compram um pouco, e o discreto carreteiro adiciona outra porção de água. Esta operação se repete várias vezes, de tal modo que, ao entrar em Roma, o líquido é notavelmente diferente do que saiu da vinha. Há uma maneira bem semelhante a isso de "administrar" o evangelho. Omite-se um pouco da verdade, logo depois outra parte, e os homens preenchem o vazio com opiniões, inferências, especulações e sonhos, até que seu vinho está misturado com água, sem vantagem alguma para a água. Com amargura afirmo que muitos pregadores constroem uma torre de especulações teológicas sobre a qual se sentam, como Nero, tocando a música de sua própria filosofia, enquanto o mundo está em chamas devido ao pecado e à miséria. Divertem-se com os joguetes das especulações enquanto as almas dos homens perecem.

Grande parte da sabedoria humana é mera fachada para encobrir a ausência de piedade vital. Na Itália viajei em vagões de primeira classe que estavam cobertos com bordados preciosos, e pensei, a princípio, que aquilo era um privilégio para os passageiros, posto que sem dúvida mãos delicadas haviam confeccionado tão luxuoso adorno; mas logo descobri que aqueles revestimentos enfeitados serviam simplesmente para encobrir a graxa e a sujeira do tecido que havia por baixo. Grande parte do precioso sentimentalismo e da religiosidade que muitos pregam é um mero bordado para encobrir heresias detestáveis já rechaçadas há muito tempo, as quais não ousavam surgir novamente sem um disfarce para sua deformidade. Com palavras de sabedoria humana e especulações de invenção própria, os homens disfarçam a falsidade e enganam a muitos. Demos ao povo o que Deus nos dá. Seja cada um de vocês como Micaías, que declarou: "Tão certo como vive o Senhor, que o que o Senhor me disser, isso falarei". Se é insensatez ater-nos ao que está nas Escrituras, e se é loucura

crer na inspiração verbal, propomo-nos continuar sendo néscios até o fim, e esperamos encontrar-nos entre os néscios do mundo, que Deus escolheu para confundir os sábios, "para que nenhuma carne se glorie na Sua presença".

Irmãos, nossa fé, descansando sobre as doutrinas do evangelho e sobre o Deus do evangelho, abarca também *o poder da oração.* Cremos no poder das súplicas. Receio que esta crença está caindo de moda no chamado mundo cristão. A teoria de alguns é que a oração nos é útil, porém não pode afetar a Deus; e muito tem sido dito sobre a impossibilidade dos propósitos divinos serem alterados e sobre a absoluta improbabilidade de que um ser finito possa afetar a Deus são invariáveis; mas, que diremos, se a oração faz parte do Seu propósito, e se Ele ordena que Seu povo ore quando Se propõe abençoá-lo? A oração é uma das rodas necessárias na maquinaria da providência. O oferecimento de orações é tão eficaz nos negócios do mundo e na produção de acontecimentos, como o levantamento das dinastias ou a queda das nações. Cremos que Deus realmente escuta as vozes dos homens. Quanto a mim, se alguém disser: "Deus não ouve orações; essa idéia é supersticiosa", eu responderei com plena convicção que o Senhor tem escutado e respondido minhas orações dezenas e centenas de vezes, que as respostas vêm de maneira tão constante e singular que não podem ser meras coincidências.

Não devemos professar sempre nossa capacidade de demonstrar verdades bíblicas aos ímpios, pois muitas destas verdades ultrapassam o seu entendimento. Jamais tentaria convencer um cego que a erva é verde e o céu azul, pois ele não pode ter idéia da proposição que estou provando. Em tal caso, argumentar é loucura para ambas as partes. Para nós, em todos os aspectos, a oração não é coisa vã; recolhemo-nos ao nosso aposento, crendo que ao orar estamos efetuando uma operação elevada e real. Não dobramos os joelhos simplesmente por um dever e um exercício espiritual louvável; mas

porque cremos que ao transmitir ao Deus eterno as nossas necessidades, Seu ouvido está ligado ao coração que pulsa por nós e à mão que age em nosso favor. Para nós a oração genuína é verdadeiro poder.

Outro ponto que creio ser essencial para a fé exercida por um ministro é que cremos em *nosso encargo de pregar* o *evangelho.* Se algum irmão não está seguro de sua chamada ao ministério, que aguarde até alcançar essa convicção. Aquele que duvida que foi enviado por Deus, vacila; mas aquele que está certo da sua vocação do alto, exige um público e o orienta; não se escusa por sua existência nem por suas palavras, porém desempenha seu labor como um homem, e fala corajosamente a verdade de Deus em nome do Senhor. Tem uma mensagem a proclamar, e sente ardente necessidade de transmiti-la, pois ai dele se não anunciar o evangelho! Ante os ritualistas que se ufanam de possuir, unicamente eles, a sucessão apostólica, declaramos ter a incumbência genuína, enquanto as pretensões deles são falsas. Não tememos submeter nossas afirmações à prova que o Senhor mesmo instituiu: "Pelos frutos os conhecereis". Cremos que Deus nos ungiu para pregar o evangelho, e o pregamos realmente; mas, quem testificará que esses "sacerdotes" ao menos *conhecem* o evangelho? Sob nosso ministério o Espírito de Deus regenera os homens, porém não atua da maneira por meio dos farsantes. Nem sequer compreendem o que significa a regeneração, renova a natureza e consola a alma; todavia, podem esses hipócritas fazer o mesmo com os seus encantamentos? Se são apóstolos, que nos mostrem os sinais. Afirmamos que somos os ministros do Senhor, e nossas cartas de recomendação estão escritas em muitos corações.

Ora, havendo detalhado os pontos salientes da nossa fé, permitam-me que lhes diga, irmãos, que cremos que por causa de tudo isso, não obstante as limitações dos nossos recursos, *o Grande Pastor das ovelhas nos concederá uma suficiência total com que alimentar a Seu povo.* Crendo no Deus Todo-suficiente,

esperamos ver a multiplicação dos nossos pães e peixes. Por conseguinte, não nos reservamos nada; damos agora tudo o que temos. Em Roma vi uma fonte que representava um homem sustentando um barril, do qual manava constantemente copioso fluxo de água. Nunca havia muita água no barril de mármore, mas o líquido corria continuamente há quatrocentos ou quinhentos anos. Portanto, derramemos de nossa própria alma tudo o que o Senhor nos concede. Faz mais de vinte anos que transmito tudo o que sei até esgotar-me cada vez, e, no entanto, meu coração ainda transborda cheio de boas coisas. Conheço irmãos no ministério comparáveis ao grande tonel de Heidelberg quanto à capacidade, porém o povo não recebe tanta verdade evangélica através deles como recebe de pregadores com aptidões inferiores, os quais cultivam o hábito de dar tudo o que possuem. Cremos que o Espírito de Deus em nós será uma fonte de água que salta para a vida eterna, e agimos de acordo com esta convicção. Não ambicionamos armazenar muitos bens para muitos anos; mas, da maneira como vivemos do pão cotidiano, assim também alimentamos o nosso povo de provisões continuamente renovadas. Desprendamo-nos dos recursos mofados, pastos dos vermes, do maná de ontem, e busquemos dia a dia nova provisão.

Irmãos, nossa fé percebe ao nosso lado uma *ação invisível.* Enquanto estamos trabalhando, Deus também está agindo. Não consideremos que as forças operando a nosso favor se confinem ao púlpito; sabemos que, durante toda a semana, Deus, e o consolo, está preparando o povo para receber o que Ele nos encarregou de ensinar-lhe. Contemplamos as nossas congregações, e talvez nos inclinamos a clamar em nossa incredulidade: "Mestre, que faremos?" Mas nossos olhos são abertos e vemos cavalos e carros de fogo em torno do profeta do Senhor; influências misteriosas estão cooperando com o ministério da graça. Quando se estava construindo o túnel do monte Cenis, um grupo de técnicos trabalhava do lado italiano

durante seis anos, esperando que, no final daquele período, veriam uma estrada aberta atravessando a montanha. Sabiam que, na velocidade em que trabalhavam, o esforço requeria pelo menos doze anos, mas ao mesmo tempo estavam certos de que o concluiriam em apenas seis porque havia outro grupo do lado francês, trabalhando para reunir-se com eles; e efetivamente, no tempo determinado, se encontraram precisamente no ponto programado. Não posso entender esses milagres da técnica, e não sei como dois grupos de perfuradores de túneis conseguem encontrar-se no coração dos Alpes; igualmente ignoro como é possível que a atuação do Senhor nas consciências dos homens se alie ao meu esforço, mas estou absolutamente certo de que isso ocorrerá, e portanto, por fé prossigo no meu trabalho com todas as minhas forças.

A fé nos leva a confiar que *mesmo as dificuldades concorrem para o êxito.* Pelo fato de crermos em Deus e no Seu Santo Espírito, acreditamos que as dificuldades serão em grande medida santificadas para nós, e que se transformam em degraus para atingirmos resultados mais importantes. Meus irmãos, cremos nas derrotas; cremos em retroceder com o estandarte manchado pelo lodo, persuadidos de que este pode ser o caminho mais seguro para o triunfo duradouro. Cremos na espera, no pranto e na agonia; acreditamos que a falta de êxito nos habilita a executar um trabalho maior e mais elevado, para o qual não estaríamos aptos a menos que a angústia houvesse afinado a nossa alma. Cremos em nossas fraquezas e até nos gloriamos nelas; damos graças a Deus de não sermos tão eloqüentes quanto desejaríamos ser, e de não possuírmos toda a capacidade que almejaríamos, porque assim conhecemos que a excelência do poder será de Deus, e não de nós. A fé nos capacita a nos regozijarmos no Senhor, porquanto nossas fraquezas se convertem em plataformas para demonstração da Sua graça. Cremos que mesmo nossos inimigos, nas mãos de Deus, servem aos nossos interesses mais sublimes;

estão atrelados ao carro de Deus. Talvez, de todos os poderes que realizam os propósitos divinos no mundo, nenhum o efetua mais do que o próprio diabo. Ele é apenas um serviçal na cozinha do Eterno; sem querer, realiza grande parte do trabalho que Deus não daria a Seus próprios filhos, tarefas essas tão necessárias quanto as executadas pelos serafins. Não pensem que o mal é uma potência rival de idêntico poder ao nosso bom Deus. Não, o pecado e a morte, à semelhança dos gibeonitas, são cortadores de lenhas e tiradores de água para os propósitos divinos; e quando os inimigos do Senhor mais deliram e se zangam, cumprem Seus propósitos eternos para louvor e glória da Sua sabedoria e graça – mesmo que não o saibam.

Ainda, irmãos, *cremos* no *evangelho como poder de* Deus *para salvar.* Sabemos que para qualquer caso de enfermidade espiritual temos uma cura infalível; não precisamos dizer a nenhum homem: "Não temos boas notícias de Deus para você". Creio que há uma maneira de chegar a todos os corações. Há uma fenda na armadura de todo pecador, ainda que seja um Acabe, e podemos retesar o arco confiadamente, rogando que o Senhor dirija a flecha a fim de que penetre por essa brecha. Se cremos em Deus, nada pode ser demasiadamente difícil nem excessivamente pesado para nós. Se confio tão-somente em mim mesmo, então sinto que um pecador endurecido poderia recusar convencer-se dos meus raciocínios e talvez seja comovido ante os meus afetuosos discursos; mas se confio no Espírito Santo, creio que Ele pode conseguir ser ouvido e produzir convicção na consciência dele. Irmãos, cremos no poder da verdade. Não esperamos que toda a humanidade ame a verdade; nem que o evangelho chegue a ser popular entre os grandes e os eruditos, pois recordamos as palavras do apóstolo: "Não muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres, são chamados"; mas não cremos que o evangelho tenha entrado em decadência devido sua velhice. Quando os néscios sabichões deste século

menosprezam o evangelho antigo, estão rendendo uma homenagem inconsciente ao seu poder. Não acreditamos que nosso grande castelo e refúgio tenha tombado e caído ao solo, porque os homens assim o declaram. Recordemos Rabsaqué, e como ele desafiou ao Senhor; não obstante, aconteceu ao rei da Assíria conforme o Senhor havia dito: "Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma, não virá perante ela com escudo, nem há de levantar trincheiras contra ela. Pelo caminho por onde vier, por esse voltará; mas nesta cidade não entrará, diz o Senhor". Temos visto tantas filosofias volverem "ao pó vil de onde brotaram", para saber que toda a sua espécie é da natureza da aboboreira de Jonas. Nós, portanto, esperamos em confiança, aguardando pacientemente, seguros da vitória no tempo oportuno.

Se o nosso evangelho é verdadeiro, prosperará e Deus agirá por nós; portanto, estamos "firmes e constantes, crescendo sempre na obra do Senhor". Se não vemos almas salvas no presente, prosseguiremos trabalhando. Nosso labor não se compara à tarefa ingrata de Sísifo, rolando a pedra monte acima, pedra que depois rolaria sobre ele, nem tampouco semelhante à ocupação das filhas de Danao, que conduziam um vaso sem fundo. Nosso trabalho talvez não seja mais prontamente visível do que as ilhas que os zoófitos de coral estão construindo sob as ondas azuis do mar austral. Mas o escolho continua subindo, embora muito abaixo do fundamento da estrutura maciça, de onde sobem as paredes até à superfície. Estamos trabalhando para a eternidade, e não calculamos o nosso serviço pelo que cresce cada dia, como os homens mundanos medem o deles; é a obra de Deus, e deve ser medida conforme as Suas normas. Assegurem-se de que quando o tempo, as coisas criadas e tudo quanto se opõe à verdade do Senhor tenham desaparecidos, todo sermão fervorosamente pregado, toda oração persistente dirigida e toda a forma de serviço cristão fielmente desempenhado

permanecerão incrustados na poderosa estrutura que Deus desde a eternidade resolveu erigir para Sua própria honra.

II. E agora, irmãos, nossa segunda pergunta é: **O QUE É QUE A NOSSA FÉ OPERA EM NÓS?**

Primeiramente, produz em nós *uma gloriosa independência do homem.* Estamos contentes de ter fervorosos ajudantes, mas podemos passar sem eles. Somos gratos por nossos excelentes diáconos, mas não ousamos fazer com que a carne seja o nosso braço. Temos satisfação se Deus levanta irmãos noutras igrejas que mantenham laços fraternos conosco, porém não nos apoiamos neles. O homem que crê em Deus, em Cristo e no Espírito Santo, se apoiará unicamente no Senhor. Ele não deseja ser um solitário nem pretende distinguir-se, mas pode por si mesmo contender por seu Mestre; mesmo que tenha a máxima ajuda humana, ainda se esforça diligentemente em esperar com paciência em Deus. Se você se apoiar em seus auxiliares quando os tem, é possível que experimente o terrível significado daquelas palavras de Jeremias: "Maldito o varão que confia no homem, e põe a carne por seu braço, e seu coração se aparta do Senhor". Como diz o apóstolo: "O que resta é que, os que possuem mulheres sejam como se não as tivessem"; assim podemos afirmar que nós que temos co-operadores zelosos sejamos como se não os possuíssemos, e que nossa confiança em Deus seja tão simples, e nós mesmos tão livres de toda a confiança carnal, como se, à semelhança de Atanásio, tivéssemos de enfrentar o mundo sem ninguém que pronunciasse uma palavra favorável sobre nós ou que levasse uma parte da nossa carga. Deus é suficiente para sustentar o firmamento sem colunas. Ele sozinho mantém as nuvens nos céus. Acende as lâmpadas noturnas e dá ao sol sua chama de fogo. Só Deus é suficiente para nós, e em Seu poder alcançaremos o propósito do nosso ser.

Ademais, a verdadeira fé nos dá *coragem em todas as*

circunstâncias. Quando o jovem Nelson voltava à casa depois de uma expedição em busca de ninhos, sua tia o repreendeu por chegar tão tarde, e observou: "Admiro-me de que o medo não te fizesse regressar mais cedo". "O medo?" respondeu o adolescente – "não o conheço." Essa é a maneira adequada de um crente expressar-se, quando está trabalhando para Deus. "O medo?" – "não o conheço." Que significa? "O Senhor está do nosso lado; que temeremos?" "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Se Deus tem algo a dizer através de você, Ele sabe qual a trombeta mais apropriada para Seu uso. Que importa os tipos de ouvintes que vão escutar? Pode acovardar-se diante de Deus? Jamais. A convicção de que tem um mandato de Deus, e de que o Espírito do Senhor está sobre você o tomará muito ousado. A fé em Deus fará que honremos nosso chamado a tal ponto que não nos atreveremos a profaná-lo com nossa covardia.

A verdadeira fé em Deus nos fará também *abundantes em boas obras.* O capítulo onze de Hebreus é dedicado ao enaltecimento da fé; todavia, eu afirmo que também dá testemunho das boas obras dos santos. Poderia alguém contradizer-me? Não seria igualmente um testemunho de obras tanto como de fé? Sim, porquanto onde existe muita fé, haverá sem dúvida abundância de boas obras. Desconheço fé genuína que não produza boas obras, sobretudo no pregador. Duvido que satanás tenha na terra, como canais de condenação, instrumentos mais aptos para fomentar a incredulidade e fazer que os homens condenem o evangelho com desprezo, do que os que professam crer nele, e logo atuam como se sua crença fosse algo sem importância.

Há filantropos que sempre nos dizem o que deve ser feito, no entanto, não o fazem: qual a sua fé e qual a sua filantropia? Com o que a faremos semelhante? Faz me lembrar de um naufrágio ocorrido na costa toscana alguns anos atrás. O guarda-costas toscano informou a seu governo

de ter havido um lamentável desastre na sua área, acrescentando: "Apesar de eu ter prestado à tripulação do barco toda a ajuda possível *por meio do meu megafone,* lamento informar que na manhã seguinte apareceu na praia certo número de cadáveres". Estupendo, não é mesmo? E sem dúvida, este é o tipo de ajuda que muitos que professam ter fé prestam às pessoas. Oferecem-lhes o auxílio da retórica, as flores da dicção, as citações poéticas; porém os homens persistem na impenitência. Não há verdadeiro amor pelas almas. O sermão foi pregado, mas não houve oração em secreto pelo povo; os homens não foram buscados como se procuram as coisas preciosas. Não se chorou por eles; certamente não houve interesse por eles. Afinal, era a ajuda do megafone, e nada mais.

Contudo, nossa fé nos faz *abundantes* em boas obras. Posso dizer-lhes: se já estão fazendo tudo que podem por Cristo, que se esforcem ainda mais? Creio que um cristão geralmente tem razão quando está fazendo mais do que pode; e quando vai até mais longe, ultrapassando aquele ponto, estará ainda mais perto de ter razão. Quase não há limites para as possibilidades de nosso serviço. Muitos homens que estão agora fazendo pouco, poderiam, com o mesmo esforço, realizar o dobro mediante uma coordenação sábia e uma iniciativa decidida. Necessitamos, como os apóstolos, lançar-nos ao mar alto, ou do contrário nossas redes jamais apanharão grande quantidade de peixes. Se apenas tivéssemos o ânimo de sair de nossos esconderijos para enfrentarmos o inimigo, logo alcançaríamos êxitos imensos. Precisamos de muito mais fé no Espírito Santo. Ele nos abençoará se confiarmos inteiramente nEle.

A fé em Deus nos capacita *a suportar muitas dificuldades e a exercer a abnegação,* e ao mesmo tempo a perseverar no ministério. Meu coração se alegra por muitos irmãos aqui, os quais Deus tem feito ganhadores de almas. Quisera acrescentar que estou firmemente persuadido que as privações que têm

sofrido e o zelo que demonstram no serviço de seu Senhor, embora não hajam recebido a recompensa de um sucesso externo, são cheiro suave a Deus. A verdadeira fé faz que um homem experimente que é bom ser um sacrifício vivo para com Deus. Só a fé podia manter-nos no ministério, pois nossa vocação não é das que são acompanhadas de um salário elevado; não é um chamado que os homens que ambicionam honras e vantagem seguiriam. Temos que suportar toda espécie de males, tão numerosos como os que Paulo incluiu em seu famoso catálogo de provas; e posso acrescentar que nos espreitam certos perigos que ele não menciona, a saber, os perigos das reuniões de igreja, os quais são provavelmente piores que os perigos de ladrões. Mal pagos e pouco apreciados, sem livros e sem companheiros adequados, muitos pregadores rurais do evangelho morreriam com os corações quebrantados, se sua fé não os cingisse de fortaleza do alto.

Bem, irmãos, para resumir muitas coisas numa só, a fé significa para nós *uma ampla dilatação de nossas almas.* Os que sentem uma ânsia mórbida de possuir um credo coerente – o qual eles possam compor até formar uma figura quadrada, à semelhança de um quebra-cabeça – podem muito facilmente diminuir a capacidade de suas almas. Imaginando que toda a verdade pode ser abarcada em meia dúzia de fórmulas, rejeitam, como sem valor, toda a declaração doutrinária que não possa apresentar-se de maneira simples. Os que só querem crer naquilo que podem compreender, necessariamente deixarão de aceitar grande parte da revelação divina; sem sabê-lo, estão seguindo a linha dos racionalistas. Os que recebem pela fé tudo que se acha nas Escrituras, acolherão duas verdades, vinte verdades e até vinte mil verdades, ainda que não possam construir uma teoria que harmonize todas elas. Esse processo da formação de teorias é uma insensatez custosa; a invenção de meios termos é um desperdício de engenho; seria muito melhor crer nas

verdades e deixar que o Senhor mostre sua harmonia.

Além disso, os que crêem firmemente, são os homens *fortes para o serviço.* Porventura já viram a famosa estátua do rapaz sentado tirando um espinho do pé? Faz vinte anos que o vi, e há pouco o contemplei novamente, e continuava tentando extrair o seu pequeno atormentador. Conheço irmãos desse tipo no ministério, sempre ocupados em extrair espinhos; têm dúvidas acerca disto, escrúpulos a respeito daquilo... mas aquele que diz: "Sei em quem tenho crido, e sei o que experimentei", é o homem que pode atender às ordens do Senhor.

A fé também é *nosso refrigério.* Nossa fé em Deus nos alivia o cansaço. Mesmo a fadiga natural é superada pela fé. Por certo, o abatimento do espírito não precisa de melhor reconstituinte do que a confiança em Deus. Junto ao Coliseu estão as ruínas de uma antiga fonte de banho chamada Meta Sudans. Para lá se dirigiam os gladiadores que escapavam com vida dos combates do anfiteatro; cobertos de sangue, lavados de suor e sujos da poeira da arena, mergulhavam no banho e experimentavam deliciosa restauração. A fé em Deus opera de igual modo em nossos corações.

III. Minha pergunta final será: **QUE NOS DIZ NOSSA FÉ NESTE MOMENTO?**

Em primeiro lugar, *ela afirma estar bem fundamentada.* Desejo perguntar-lhes em palavras muito simples: seria o Deus vivo digno de confiança? Seria a onipotência digna de sua dependência dela? Seria justo que creiam na onisciência? Seria correto confiar na imutabilidade? Se eu trouxesse aqui o melhor dos homens, cujo nome fosse para vocês sinônimo da virtude, e se tivesse de aconselhar-lhes que lhe confiassem suas vidas, teria de falar com alento entrecortado, pois quem confiaria no ser humano? Ainda mais, se aqui estivesse Gabriel, o angélico mensageiro de Deus, e nos dissesse que nos iria defender zelosamente, é possível que eu vacilasse antes de

afirmar: "Filhos dos homens, repousem na força dos anjos e confiem no zelo dos serafins!" Mas quando me refiro ao Pai, ao Filho encarnado e ao eternamente bendito Espírito, quem se aventuraria a sugerir um limite à nossa confiança em Deus? Que arrazoador nos acusará de insensatez por confiar na Trindade Divina?

Com o passar dos anos, sinto-me mais e mais seguro das coisas que creio, não meramente – como alguns insinuariam – porque me acostumo a dizê-las e portanto penso que as creio, mas porque concordam com as melhores experiências da minha alma. Às vezes leio algumas das produções do gênio relacionadas com a frívola religião do pensamento moderno; no entanto, quando meu corpo está enfermo ou o espírito se acha abatido, nada me satisfaz senão o evangelho do Senhor Jesus Cristo, que para nossos pais foi a própria verdade de Deus; e creio que a doutrina que a experiência mais íntima de um homem confirma no dia da provação, e do momento em que mais se aproxima de Deus, é para ele, sem qualquer dúvida, realmente a verdade de Deus, totalmente digna de sua confiança.

Quando me encontro com intelectuais, que me reputam mero pregador de palavras ocas, nunca tenho a impressão de que tenham direito a fazê-lo. Não lhes concedo minha submissão nem por uma hora. Tenho de reprimir a propensão de olhá-los com superioridade em vez de sentir qualquer complexo de inferioridade. Para nós, as verdades do evangelho são certezas absolutas para as quais não desejamos tolerância, mas que exigimos submissão.

Quando lhes disserem que um sábio fez uma descoberta que contradiz as Escrituras, não se alarmem. Não pensem que se trata realmente de um grande homem, porém creiam que é apenas um idiota educado ou um néscio presunçoso. Se vocês dispuserem de tempo para ler as obras dos céticos eruditos, logo descobrirão que suas afirmações não são

fidedignas, suas deduções não são lógicas, suas inferências são monstruosas e suas especulações loucas. Se alguém julga que me expresso de modo demasiadamente enérgico, responderei que deve ser assim, pois creio que digo o que Deus mesmo avaliaria. Ele não aplicava termos suaves aos incrédulos jactanciosos. Quando os considera, é para taxá-los de néscios. A expressão que sempre usou, tanto no Velho Testamento como no Novo, com referência aos ímpios, é: "Dizendo-se sábios, tomaram-se loucos". E quando ouço ao Pai celestial afirmar que um homem é insensato, não me atrevo a pensar que ele seja prudente. Não pensemos de maneira diferente da de Deus.

Mesmo que possamos ser confundidos em argumentações, não podemos ser contestados na experiência, nem nos afastar daquilo que temos provado e confirmado da boa Palavra de Deus. Tampouco somos confundidos em nossa fé. Sabemos que está bem fundamentada, e portanto ouvimos o que ela nos diz: "Não me trate como se eu fosse um sonho. Não proclame sua mensagem com alento entrecortado. Apresente-a audazmente, pois o que a contradiz é um embusteiro!" Se é de Deus, deve ser verdadeira. Não somos adeptos de uma igreja infalível que funde sua fé em sua própria autoridade, ou de um papa infalível que se reputa a imagem da verdade; se nos gloriássemos nisso, o mundo teria razão em rir-se de nós; mas havendo aprendido a verdade de Deus por revelação divina, desafiamos o desprezo do mundo, e nem sequer dizemos: "Com sua permissão, cavalheiros?" Não, mas com sua permissão ou sem ela, anunciamos o que Deus revelou.

Em segundo lugar, nossa fé nos dirige a seguinte pergunta: "Já *enganei alguma* vez *a* um *de* vocês?" Vou estender a interrogação. Deus apresentou a seu antigo povo a questão: "Tenho sido solidão para Israel?" Permitam-me que lhes interrogue: "O Senhor já lhes tem falhado? Tem-lhe dado as costas no dia da calamidade? Quando se apoiaram

no Seu braço, Ele tem Se revelado insuficiente?" Se Deus tem falhado, se Sua verdade se tomou em mentira para qualquer um de vocês, testifique-o, diga o que sucedeu. Mas se vocês não podem acusar ao Senhor de infidelidade porque detestam tal pensamento, devido sua experiência negar isso, então, irmãos, sigam crendo, e creiam mais firmemente; descansem mais implicitamente no seu Deus sempre fiel.

Em terceiro lugar, a fé também afirma: *"Dá-me maior margem.* Confiem *muito mais* em seu *Deus"*. Até agora apenas entramos na superfície da fé; a água só nos chegou aos tornozelos. Julgávamos que estava muito fria quando nos aventuramos a entrar temerosamente; mas havendo chegado até ali, a achamos boa e agradável. Avancemos até que nos chegue ao peito, e ainda mais profundamente. Bem-aventurado o homem que chega até o fundo, nadando na corrente onde não existe outra esperança senão o seu Deus, e nem uma outra confiança nem ajudador senão o Invisível que sustenta todas as coisas. A fé clama: "Ponha em mim sua confiança, filho meu, para que eu lhe faça pregar melhor. Seja mais empreendedor e mais ousado. Não peleje sua própria batalha nas reuniões de igreja; deixe-o com seu Deus; deposite confiança nEle em todas as coisas. Não tema ir falar àquele homem insolente; eu lhe darei a palavra oportuna para dizer-lhe. Confie em mim e aja com prudência, como, também com zelo, e vá aos antros de vícios mais tenebrosos. Busque os piores homens e procure levá-los à salvação. Não há nada que você não possa fazer se tão-somente confiar em Deus". Se fracassar, teu fracasso se origina em sua *fé.* O ar diz à águia: "Ponha sua confiança em mim; estenda as longas asas; eu lhe sustentarei até chegar ao sol; somente ponha sua confiança em mim. Retire o pé da rocha que está tocando debaixo de você. Distancie-se dela, e deixe-se sus-tentar pelo elemento invisível". Irmãos,

ergam-se também às alturas, pois Deus lhes convida. Subam! Não têm nada a fazer senão confiar nEle. Uma glória desconhecida descansa sobre Ele, e Seu, resplendor repousará sobre os que aprendem a confiar plenamente nEle.

E a fé acrescenta (e com isto termino): *"Alimentem-me!* alimentem-me!" A fé tem sido tudo para vocês; alimentem-se com o pão do céu. Ela se alimenta de Cristo. Certo dia observei um grupo de preciosos fetos numa gruta, do teto da qual continuamente destilava uma chuva cristalina, fresca e clara; aqueles fetos estavam sempre viçosos e belos, porque as suas folhas estavam sempre banhadas pelas gotas refrescantes. Mesmo estando na época em que o verde era escasso, aqueles fetos permaneciam com uma cor de beleza admirável. Comentei com o amigo que me acompanhava que eu desejava viver sob o gotejar incessante da graça, perpetuamente banhado e regado na comunhão transbordante de Deus. Isso faz com que um homem esteja cheio de *fé.* Ninguém indaga se Moisés possuía *fé,* pois permaneceu quarenta dias no monte com Deus; e se nós mantermos comunhão com Ele, jamais duvidaremos; pelo contrário, creremos. Alimentem a fé com a verdade de Deus, mas especialmente com Aquele que é a Verdade.

Rogo ao Senhor que encha o Colégio dos Pastores dessa *fé.* Que sejamos confirmados e estabelecidos; consolidados com as bênçãos do pacto da graça, e estabelecidos na rocha. Lembrem-se que dependemos agora inteiramente da nossa *fé;* é demasiado tarde para desistirmos. Estamos na situação do peregrino de Bunyan – *temos que avançar.* Há muitos perigos diante de nós; aproximamo-nos do vale da sombra da morte; as flechas dos inimigos passarão em abundância perto de nós ao atravessarmos os lugares escuros. É penoso prosseguir, porém não podemos retroceder, pois não temos proteção para as costas. Suponhamos

que recorrêssemos ao raciocínio humano, renunciando aos fundamentos da nossa fé; que nos restaria? De minha parte, não teria outra alternativa senão tomar a corda de Judas e pôr fim à vida desgraçada, pois só minha fé a toma digna de ser vivida. Se não tivesse fé, pediria permissão para morrer; perecer seria melhor do que viver se todas estas coisas, afinal, fossem uma ilusão enganosa. Urge avançar, porquanto o mais arriscado para os irmãos deste Colégio seria pensar em tomar atrás. Alguns se separaram de nós; não posso julgar seus corações, mas receio que também se afastaram de Deus. Não vou dizer mais do que isso – porém não duvido que seriam as últimas pessoas que invejaríamos, se conhecêssemos toda a sua história. Se existem homens que possuem, mesmo nesta vida, o evidente sinal da reprovação divina, têm que ser os que conhecem a verdade e a defendem, e depois, por ambição de lucro ou vantagem, a abandonam. Tudo que eu poderia dizer a seu respeito é: "Deus tenha misericórdia deles!"

Bem, irmãos, estamos comprometidos a continuar avançando sem cessar; não podemos retroceder, nem jamais nos desviarmos para a direita ou para a esquerda. Que faremos, pois? Cairemos ou nos desesperaremos? Nunca! No nome do Senhor levantemos novamente o estandarte real de Jesus, o crucificado. Toquemos alegremente as trombetas, e prossigamos a marcha, não com o andar vacilante dos que sabem que participam de uma empresa maligna, mas com o passo galhardo de homens cuja causa é divina, cuja guerra é uma cruzada. Coragem, irmãos, eis que os anjos de Deus caminham à nossa frente, e o Deus eterno em pessoa conduz a caravana. "O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio." Portanto, "não temeremos, ainda que a terra seja removida, ou se transportem os montes para o fundo do mar". Ó fé bem-aventurada! Que Deus nos conceda mais dela, por amor a Cristo. Amém.

2

A INDIVIDUALIDADE E O CONTRÁRIO DELA

Nosso tema hoje é duplo, envolvendo a defesa da personalidade, ou melhor, *a individualidade* e o *contrário dela.* Para isso não encontrei a palavra adequada. Quero demonstrar que cada um de nós é um homem isolado; e também que ninguém está completamente só. Nossa individualidade e nossa comunhão, nossa personalidade e nossa união com o Senhor, nossa existência separada e nossa absorção em Cristo; estes são os temas que procurarei desenvolver.

Por certo meu pensamento será mais claro ao citar o texto de 1 Cor. 15:10, que diz: *"Trabalhei mais do que todos eles, mas não eu".* "Eu trabalhei, mas não eu" – *eu* em toda a extensão da palavra, *eu* completo: Paulo, noutros tempos o fariseu, o blasfemo, o perseguidor, chamado agora para ser apóstolo, que me regozijo de que esta graça me seja dada para pregar entre os gentios as insondáveis riquezas de Cristo; eu que em nada sou inferior aos principais dos apóstolos; mas não eu, pois não me considero ser coisa alguma, nem sequer menos do que nada, porquanto Cristo é tudo em todos. Portanto sou eu, mas não eu.

I. Inicialmente, permitam-me que lhes fale de **NOSSA INDIVIDUALIDADE.** Queridos irmãos, que cada um de nós esteja tão distante quanto possível de tudo que se assemelhe ao egoísmo, que é odioso em sumo grau. Esperemos que a

vaidade seja rara entre os ministros, porquanto é o vício dos principiantes, e pode ser mais facilmente tolerável nos jovens estudantes do que em mestres da Palavra. A experiência, se vale a pena, extermina a vaidade do homem; mas sua natureza é tão perversa que pode aumentar seu orgulho se se trata de uma experiência suavizada pelo êxito. Seria difícil dizer qual é o maior pecado, a vaidade ou o orgulho; mas sabemos qual o mais néscio e o mais ridículo. Um homem orgulhoso pode ter certo peso, mas um homem vaidoso, é tão leve como o ar e não influencia ninguém. Oxalá sejamos guardados destes egoísmos, pois ambos nos são prejudiciais e odiosos perante Deus. A intromissão muito freqüente do eu é outra forma de egoísmo que precisamos evitar. Espero que nossos sermões jamais sejam daquele tipo dos que eram publicados em certa imprensa, onde o compositor principal teve de solicitar ao gerente uma quantidade suplementar das letras que compõem a palavra "eu"! O "eu" tende a predominar sobre todos nós. Mesmo os que buscam a humildade dificilmente podem escapar a essa tendência. Quando o eu é sacrificado numa forma, surge noutra; lamentavelmente, existe o fenômeno de sentir orgulho da própria humildade, e de jactar-se de estar livre de toda a jactância.

Espero, irmãos que por mais úteis que Deus nos torne em nossos diversos locais de trabalho, não nos consideremos a nós muito importantes, pois o certo é que não o somos. O galo era de opinião que o sol saía cada manhã para ouvi-lo cantar; mas sabemos que não era assim. Nem a terra dá voltas, nem o sol brilha, nem a luz faz o seu percurso, nem as estrelas resplandecem em beneficio especial de qualquer pessoa aqui, por mais admirável que possa ser quando está em seu próprio campo; tampouco existe o cristianismo para que tenhamos púlpitos, nem nossa igreja particular a fim de que tenhamos uma congregação e uma receita financeira; nem sequer existe um crente para que possa apresentar-se como

nosso único consolo e honra. Somos bem insignificantes para possuir demasiada importância no vasto universo de Deus; Ele pode operar conosco ou sem nós, nossa presença ou ausência jamais alterará Seus planos.

Não obstante, apesar de tudo isso, nosso tema é a individualidade, e esperamos que cada um reconhecerá e manterá de modo honroso sua personalidade. O reconhecimento adequado do EU é um tema digno de nossa atenção. O "egotismo" é orgulhoso, enfatuado e prejudicial; mas há um tipo de "egoísmo" vinculado à humildade, à responsabilidade e à honradez que resolve submeter-se a Deus e fazer o melhor possível para Sua glória. Nesta época em que as multidões seguem a seus líderes e quando homens audazes facilmente atraem seguidores; quando os rebanhos não sabem mover-se sem guias e a independência se toma tão rara, convém que sejamos homens emancipados e cabais, não meras partes de um organismo; mantendo-nos na integridade de um pensamento, uma consciência, maneira e ação pessoais. Hoje os monopolizadores expulsam o comerciante individual do mercado; os membros de um partido apresentam a madeira como o único material para a construção da casa do Senhor, e os membros de outra seita defendem com igual zelo o seu feno e a sua palha. Apesar de todos os seus esforços para induzir-nos, não seremos levados a cessar de construir com as poucas "pedras preciosas" que o Senhor nos confiou; nem sequer nossos irmãos, que tão admiravelmente amontoam "ouro e prata", poderão persuadir--nos a desprezar nossas ágatas e carbúnculos. Cada um deve edificar com o material que possui; se a obra é sincera e honrada, não devemos censurar a outros nem condenar-nos a nós mesmos porque o nosso labor é de caráter próprio.

Quanto ao tema *individualidade,* notemos primeiramente *a necessidade de um fervoroso sentido de nosso interesse pessoal*

no evangelho que pregamos. Nunca pregaremos o Salvador dos pecadores de modo mais eficiente do que quando nos sentimos os pecadores que Ele veio salvar. Um profundo sentimento de culpa pelo pecado nos torna aptos a anunciar o arrependimento. Bunyan afirmou: "As vezes eu pregava a outros detentos como um homem encarcerado, sentindo o peso dos meus próprios grilhões, enquanto me dirigia àqueles que experimentavam a angústia de encarcerados". Os sermões que brotam de corações quebrantados tornam-se o meio de consolar às almas desesperadas. Bom é dirigir-se ao púlpito enquanto clamamos intimamente: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador". Alguns afligidos jamais se alegrarão até que vejam ao pregador ferir o próprio peito e o ouçam confessando seu sentimento pessoal de indignidade.

No entanto, não será conveniente que permaneçamos em terreno tão baixo, pois pregamos, não a lei, e sim o evangelho. Portanto, temos de alegrar-nos porque sentimos o poder do sangue de Jesus em nossas próprias consciências, dando-nos paz e perdão. Nossa alegria dará vida à nossa mensagem. Temos saboreado o mel da comunhão com Cristo; se não na mesma medida como alguns dos nossos Sansões, pelo menos como Jônatas, tocando-lhe com o nosso cajado e nossos olhos se aclararam de modo que os ouvintes perceberam e percebem, o brilho ao dizer-lhes quão precioso é Jesus. Isso dá ênfase ao nosso testemunho. Quando falamos como ministros e não como homens, como pregadores e não como penitentes, como téologos e não como discípulos – fracassamos; quando inclinamos a cabeça demasiadamente sobre o comentário e insuficientemente sobre o peito do Salvador; quando comemos excessivamente da árvore da ciência e demasiadamente pouco da árvore da vida, perdemos o poder do nosso ministério. Eu mesmo sou pecador, embora lavado no sangue e liberto da ira vindoura, pelos méritos

de meu Senhor e Mestre; tudo isso deve estar bem nítido em nossas mentes. A piedade pessoal nunca deve arrefecer-se em nós. Nossa própria justificação pessoal na justiça de Cristo, nossa santificação pessoal pelo poder do Espírito em nós, nossa união vital com Cristo e a esperança da glória nEle, assim como nosso progresso na graça em vista de nossa própria decadência –tudo isso devemos conhecer bem e considerar profundamente.

Jamais devemos pregar a outros com voz afetada, narrando experiências que não tivemos; se de algum modo retrocedemos, devemos citar a falha correspondente ou expressar-nos como penitentes desde o ponto onde realmente estamos. Por outro lado, se crescemos na graça, é ímpio ocultar o que sentimos, por falsa humildade. O que devemos fazer é anunciar o que Cristo nos ensinou. Precisamos falar cheios do Espírito e de conhecimento em vez de tomarmos emprestado de outrem; é melhor calar-nos do que agir dessa forma. E preciso que sejamos sinceros quanto à nossa condição pessoal diante de Deus, pois talvez Ele permita que o estado de coração dos seus ministros varie a fim de que os passos vacilantes os possam levar ao descobrimento das suas ovelhas desgarradas. Às vezes tenho atravessado uma parte da senda do peregrino por meios não desejáveis, e tenho gemido em minha alma: "Senhor, por que isso me acontece?" Tenho pregado de modo a que sou obrigado a permanecer no pó, temendo que o Senhor não havia falado através de mim, e todo o tempo Ele me conduzia pela mão sem que eu o soubesse, para o bem dos Seus. Pouco depois, surgia um daqueles aos quais Ele determinara abençoar, e que havia sido alcançado precisamente pelo sermão que tanto me custou e que decorreu de uma experiência tão extremamente amarga.

O profeta Ezequiel disse: "A mão do Senhor esteve sobre mim, e me levou no Espírito do Senhor e me pôs no meio

de um campo cheio de ossos"; estas coisas, que ocorrem freqüentemente, são motivos de louvor. Não tanto para nosso próprio bem ou edificação, como para benefício do nosso próximo, somos conduzidos aos vales de ossos secos e a câmaras de fantasia. É preciso que observemos estas fases da alma e sejamos leais aos impulsos divinos. Eu mesmo não pregaria sobre o gozo do Senhor quando me sentisse com o coração quebrantado, nem dissertaria sobre um profundo sentimento de culpa em nós enquanto estivesse desfrutando duma plena experiência da purificação pela Palavra. Devemos orar para que o Espírito Santo eleve e mantenha nossa vida individual vinculada ao nosso ministério. Devemos lembrar sempre que não estamos pregando doutrinas que são boas tão-somente para os demais, mas verdades preciosas que já provaram ser boas para nós mesmos. Precisamos demonstrar pelos nossos rostos que participamos do mesmo tipo de alimento que oferecemos aos famintos.

Irmãos, se temos bem arraigada em nossa mente esta personalidade da vida em Cristo, será bom que não esqueçamos jamais *nosso encargo pessoal de pregar* o *evangelho,* pois espero que cada um de vocês tenha recebido esse encargo e tenha certeza do mesmo. Abandonem o ministério, se não o têm recebido do Senhor. Do contrário, o que estão fazendo aqui? Atrevo-me a dizer que prego porque não posso fazer outra coisa; não posso conter-me; arde-me nos ossos um fogo que me consumiria se me calasse. Todo ministro cristão enviado por Deus é tão chamado a pregar o evangelho como o foi o apóstolo a quem Ananias falou no tocante ao "Senhor Jesus, que te apareceu no caminho". Isto torna a nossa pregação um assunto solene. Suponhamos que nesta manhã, descendo pelas escadas deste Colégio, um anjo encontrasse com vocês e pusesse a mão sobre vocês, dizendo: "O Senhor Deus Todo-poderoso me enviou para lhes encarregar de pregar o evangelho de agora por diante". Sentiriam um peso sobre

vocês, e ao mesmo tempo uma confiança e um entusiasmo renovados. Mas não é a mão de um mero anjo que lhe tocou, irmão; o próprio Senhor Jesus, que o redimiu com o Seu precioso sangue, pôs esta "necessidade" sobre você; a mão traspassada que lhe concedeu salvação, o chamou para o serviço do Senhor e o tornou um vaso escolhido para levar o Seu nome. Escute novamente o Seu mandamento: "Apascenta os meus cordeiros" e "Apascenta as minhas ovelhas" (João 21:15-16).

Que essa vocação permaneça clara em sua mente. Quem se levantará para opor-se à sua pregação, se o Senhor lhe enviou a pregar? Quem ditará sua mensagem ou tentará mudá-la, se a Sabedoria encarnada lhe ensinou o que deve dizer? Está bem equipado para anunciar as boas novas se pode afirmar, verazmente, como Paulo: "Pois não o recebi nem o aprendi de homem algum, senão pela revelação de Jesus Cristo". Amados irmãos, é precisamente isso o que devemos sentir. Os reis afirmam reinar pela graça de Deus. Talvez seja assim. Deus tem suficiente graça para permitir que alguns deles reinem. Mas de uma coisa estou certo: todo verdadeiro ministro é um defensor da fé. "Pela graça de Deus sou o que sou", tanto como crente quanto como ministro. Pode haver dúvidas quanto à legitimidade dos monarcas, mas se temos o testemunho do Espírito Santo em nós, nosso reino permanece inabalável e nossa eleição jamais pode ser contestada.

Em relação à nossa individualidade, irmãos, deveríamos sentir grande respeito por *nosso próprio campo de trabalho.* Como pastores, vocês têm sido postos não apenas como guardiães de almas, mas para cumprirem essa tarefa em locais específicos. Como conjunto, têm de ir a todo o mundo pregar o evangelho, porém cada um de vocês deve alimentar aquela parte do rebanho sobre a qual o Espírito Santo o constituiu bispo. Ali precisa desenvolver seu labor principal,

pois aí estão suas responsabilidades mais importantes. Quisera que todo irmão pensasse de modo mais elevado acerca da posição em que Deus o colocou. Se sou um sentinela, posto para guardar o exército em determinado ponto, sei que cada um dos postos é importante; entretanto nem devo sonhar que o meu seja menos. Se fosse assim, poderia sentir-me inclinado a dormir, e o inimigo surpreenderia o acampamento no local onde eu devia vigiar. Tenho de agir como se a segurança de todo o acampamento dependesse de mim; pelo menos, preciso ser tão zeloso e vigilante como se assim o fosse. Observem os elos de uma corrente; cada uma é absolutamente necessária à sua segurança. Imaginemos que um deles dissesse: "Não importa que eu me enferruge; há muitos elos que são fortes". Não meu irmão, a eficiência da corrente depende de todos os elos; assim também, para que a obra da Igreja seja completa a fim de que a edificação do corpo de Cristo seja perfeita, repousa sobre cada um grande peso de responsabilidade. Admito que tenho grande responsabilidade, mas cada um tem a sua parte e não pode transferi-la para os ombros dos outros. Ainda que o resto do mundo fosse abençoado, o avivamento geral não representaria gozo nenhum para vocês no caso de que sua negligência houvesse tornado a sua vinha uma exceção à regra.

Que cada um se dedique ao seu trabalho. Se eu me sentisse vocacionado para ser evangelista a fim de ir por toda parte pregando a Palavra, não permaneceria no pastorado, porque seria injusto para com as pessoas que me têm como seu pastor. Regozijo-me quando vejo obreiros muito úteis viajando em todas as direções, mas lamento ver suas igrejas abandonadas, mortas de fome, espalhadas. Há uma triste confissão da esposa no livro de Cantares: "Fizeram-me guarda de vinhas, mas da minha vinha não cuidei". Se não pudermos fazer as duas coisas, seria melhor não intentarmos. Não desejo

desestimular os irmãos nos seus. esforços; quanto, mais longe puderem ir, melhor, pois a sua paróquia é o mundo inteiro; mas isso não pode ser realizado em prejuízo do seu pastorado.

Quando descobrirem qual seja a parte da obra do Senhor que Ele lhes confiou, dediquem-se a ela de corpo e alma. Certa vez vi um artista pintando um jarro famoso. Olhei-o, mas ele não olhou para mim; seus olhos estavam tão ocupados que não se distraíram com a presença de um estranho. Havia outras pessoas atrás de mim e todas o contemplavam, fazendo diversos comentários, mas o olhar daquele mestre não se desviou da sua tarefa. Ele se concentrava unicamente no seu trabalho. Que nisso o imitem todos os que se dedicam ao serviço do Senhor. "Uma coisa faço." Uns criticam, outros zombam, mas "uma coisa faço". Alguns acham que poderiam fazer melhor, mas eu "uma coisa faço". A maneira como o fariam, poderá ser assunto deles, porém não meu, certamente.

Lembre-se, querido irmão, que se se entregar ao trabalho que lhe foi confiado, não importa que ele pareça de pouca importância, pois tanto se demonstra habilidade na confecção de um relógio pequenino quanto noutro de grandes proporções. A qualidade é algo mais importante que a quantidade. Jamais devemos pensar que, devido a tarefa a ser executada parecer insignificante, não podemos nem devemos fazê-la com esmero. Precisamos da ajuda divina para pregar adequadamente mesmo que seja a uma só pessoa. Se algo é digno de ser feito, deve ser bem feito. Há ministros que alcançam êxito e promovem a glória de Deus numa congregação humilde, enquanto outros, à frente de grandes igrejas, embora iniciem como grande sonido de trombetas, terminam no silêncio e na tristeza do fracasso absoluto. Conheçam seu trabalho, observem-no atentamente, pondo nele seu coração e sua alma; seja grande ou pequeno, haverão

de louvar a Deus por toda a eternidade, se forem achados fiéis nele.

Colegas, sejam boas ou más as circunstâncias, mantenham suas posições. Alguns procuram disfarçar a própria negligência pondo a culpa na época. Que temos a ver com a época? A época sempre é má para os que possuem temperamento mórbido. Prossigam no seu trabalho, não obstante as condições desfavoráveis. Carlos XII, da Suíça, estava ditando ao secretário quando, atravessando o telhado, uma bomba caiu na casa vizinha. O pobre homem, alarmado, deixou cair a pena, pelo que o rei exclamou: "Que fez você?" O outro balbuciou: "Majestade, a bomba!" O monarca respondeu: "Que tem a ver a bomba com o que eu estou dizendo?" Dirão que a vida do secretário estava em perigo. Está certo, mas vocês estão seguros porque juntos a Jesus num serviço santo, e mal algum os pode atingir. Sigam vigiando e prossigam trabalhando, até o final. Deixem nas mãos do Senhor os tempos e as épocas e continuem no seu trabalho. Carlyle menciona o grilo que continua cantando enquanto soa a trombeta do arcanjo. Quem encontra motivos de censura? Se Deus transformasse você, irmão, num grilo e lhe ordenasse que cantasse, não poderia fazer melhor do que cumprir a Sua ordem. Posto que Ele o fez pregador, persevere em sua vocação. Mesmo que a terra fosse removida ou as montanhas lançadas ao mar, acaso tal coisa alteraria seu dever? Não o creio. Cristo nos enviou a pregar o evangelho; e se a obra de nossa vida não está – terminada, e realmente não está, continuemos transmitindo a mensagem em todas as circunstâncias até que a morte nos faça calar.

Também devemos *considerar* nossa adaptação pessoal, desejando mantê-la sempre no melhor nível possível. Não somente há um trabalho ordenado para cada um, mas cada um deve estar equipado para o seu trabalho. Se somos vasos para uso do Mestre, não devemos escolher que tipo

de vaso podemos ser. Havia um cálice na mesa da comunhão quando o Senhor comeu a Páscoa com os discípulos, e por certo o cálice foi honrado ao ser posto nos Seus lábios. Quem não gostaria de ser aquele cálice? Mas havia também uma bacia que o Mestre tomou, pôs água e lavou os pés dos discípulos. Asseguro-lhes que não posso escolher entre ser cálice ou bacia. De boa vontade seria o que o Senhor quisesse, contanto que Ele me desejasse usar. No entanto, uma coisa é clara: o cálice não serviria para ser usado como bacia, nem a bacia era apropriada para a festa de comunhão. Cada ministro será usado precisamente naquilo para que foi equipado. Um não pode imitar o outro. Não sejamos meros copistas. Digam o que Deus lhes disser, e digam-no a seumodo, e a seguir supliquem pessoalmente que o Senhor o abençoe.

Que sua adaptação ao trabalho seja do mais alto nível possível. Não tenham tanta pressa *em fazer,* a ponto de descuidarem de *ser;* tão solícitos em dar, que não fique tempo para receber. O velho Luiz tinha uma enorme pilha de madeira para serrar, e começou a trabalhar ativamente a fim de concluir o serviço. Mas utilizava uma serra pouco afiada, e o trabalho se tomava muito penoso. Um vizinho se aproximou e perguntou: "Luiz, por que não manda afiar a serra?" Ele replicou: "Não me incomode; tenho muita madeira para serrar, e não posso interromper o serviço para afiar a serra". A lição da anedota é bem clara: privar-se do estudo, da oração secreta e da devida preparação para o seu ministério, é perda de tempo, e não economia.

Estejam devidamente adaptados, especialmente na área espiritual. Temos mais motivos para orar e ler a Bíblia que os demais crentes. O que se ocupa em fornecer a água aos outros precisa de ir muito mais vezes à fonte a fim de abastecer-se; ele usa vasilhas maiores. Essa é precisamente a nossa condição. Tendo de levar a água viva aos sedentos,

isso requer que voltemos à fonte freqüentemente com recipientes de maior capacidade. Cuidai, pois, do vigor de sua piedade pessoal e orem para que sejam "cheios de toda a plenitude de Deus".

Uma vez mais, recordem *nossa responsabilidade pessoal.* Não vou aprofundar-me muito nesta questão, mas cada irmão deve lembrar-se de que, por mais que os outros façam seu trabalho bem ou mal, isso não tem qualquer efeito em relação à nossa própria responsabilidade pessoal perante Deus. Alguns censuram os outros, julgando que com essa atitude estão louvando a si mesmos, pois se criticamos os métodos adotados por outros irmãos, estamos inferindo que os nossos são melhores. Mas raciocinemos, irmãos: é possível que os demais não sejam sábios, são doentios espirituais ou mesmo fanáticos e errados; porém, que têm vocês com eles? Ante seu Mestre permanecerão de pé ou cairão, e a graça de Deus pode fazer que permaneçam; contudo, sua suposta sabedoria, que os leva a censurá-los, pode transformar-se em armadilha para fazer-lhe cair. Vocês ainda têm de apresentar sua própria obra perante Deus a fim de ser provada no fogo. Almas lhes foram confiadas, pelas quais terão de dar contas. Deus não pretende abençoar essas almas por meio de outros; elas devem ser levadas à conversão por meio de vocês. Estariam vivendo, agindo e pregando de tal modo que Deus possa convertê-las mediante seu ministério? Essa é uma pergunta que cada um precisa considerar.

Deveremos sentir nossa responsabilidade pessoal agora, pois naquele dia já será demasiadamente tarde. Quando prostrados num leito de enfermidade, talvez tenhamos de recordar o que fizemos ou deixamos de fazer, e isso, quem sabe, não nos trará muita satisfação. Haverá partes do nosso ministério pelas quais louvaremos a Deus por havê-las realizado com coração puro e visando à Sua glória, as quais Ele abençoou, pelo que haveremos de cantar; mas tão

logo tenhamos concluído o louvor, lembraremos de outras partes quando fomos negligentes ou omissos, e teremos de chorar, tentando obter outra oportunidade para executá-las novamente. Ó irmãos, nossa morte já se aproxima. Hoje nos vemos uns aos outros em plena saúde, porém chegará o momento quando outros nos contemplarão em nossos ataúdes, sem que possamos corresponder aos seus olhares. Pouco importará, então, quem nos observe; mas terá importância eterna a maneira como executamos o nosso trabalho durante toda a vida. "Pesado na balança, e achado em falta" – será esse o terrível veredicto sobre alguns de nós quando tivermos de comparecer diante do Onipotente que prova os corações e sonda o íntimo dos filhos dos homens? Seu fogo está em Sião e Seu forno em Jerusalém. Seu zelo é mais feroz para os que estão mais perto dEle; Ele não tolera o pecado nos Seus servos preferidos, pois feriu a Nadabe e Abiu quando ofereceram fogo estranho no altar, e fez dos falsos profetas um monumento eterno de escárnio. Oxalá sejamos guardados em fidelidade pela graça, ou do contrário seremos pulverizados pela própria responsabilidade que recai sobre nós.

Se nos conscientizarmos devidamente de nossa própria responsabilidade, nos absteremos de julgar aos outros. Todos somos tendentes a sentar-nos na cadeira de juiz. Um condena ao companheiro por ser escasso o número de conversões na sua igreja, taxando-o de ministério frio ou deficiente. Por outro lado, acho que com mais freqüência os irmãos que conseguem poucas conversões julgam aos que alcançam muitas, dizendo: "Tais conversões tão numerosas não podem ser genuínas!" Isso desapareceria se cada um conhecesse seu próprio mister e tivesse gozo em seu próprio trabalho em vez de sentir inveja dos outros. Se servimos todos ao mesmo Senhor e nos ocupamos na mesma tarefa, por que acalentar suspeitas e ressentimentos?

Às vezes chego a pensar que quando há poucas conversões é por haver em nós certo grau de incredulidade. Não posso julgar, mas parece que certos irmãos atraem pecadores de maneira tão lenta porque demonstram algum temor no quese refere ao poder da graça salvadora para alcançar a muitos. De qualquer modo, faremos bem em refletir mais demoradamente nossa posição, humilhando-nos ao reconhecer nossa própria necessidade a fim de buscar a indispensável ajuda divina.

Nossa individualidade, pela graça de Deus, nos impedirá de invejar a outros, que é um defeito repugnante e destruidor. Conheci pessoas a quem não lhes importava proferir sentimentos que as condenavam, contanto que injuriassem a outros. Como Sansão, não lhes preocupavam perecer se podiam derrubar a casa por cima dos demais. Jamais façamos tal coisa. Se seu vizinho é honrado por Deus, louve ao Senhor por isso; se não você é honrado na mesma medida, humilhe-se e ore mais fervorosamente. Se não lhe chega a bênção, alegre-se ainda com a felicidade do seu próximo.

Por outro lado, este sentido da individualidade deve impedir-nos de depreciar aos outros. Às vezes nos chega aos lábios a pergunta a respeito do irmão mais fraco ou menos dotado: "Senhor, e quanto a este?" E a resposta é: "Que te importa? Segue-me tu!" Há maneiras muito melhores de empregar o tempo do que censurar ou menosprezar o irmão. Ajudar aos fracos e alentar os abatidos é por certo ocupação bem mais nobre.

II. Chegamos agora ao **CONTRÁRIO DA INDIVIDUALIDADE.** O que tenho a dizer não é bem uma antítese, mas um complemento.

Reconheçamos que, embora cada um tenha um trabalho a realizar e esteja equipado para fazê-lo, *não somos os únicos obreiros no mundo.* Irmão, você não é a única lâmpada para

iluminar as trevas da terra; não é o único semeador a lançar a boa semente no campo do mundo; não é a única trombeta através da qual Deus proclama Seu jubileu; sua mão não é a única que Deus está usando para alimentar às multidões. Você é apenas um membro do corpo místico, um soldado do grande exército. Este pensamento deve alentá-lo, aliviando o desespero que a solidão produz. Quando Deus enviou moscas, piolhos e gafanhotos para destruir o Egito, Faraó poderia ter ridicularizado a qualquer daqueles insignificantes guerreiros, dizendo: "Que pode fazer este gafanhoto? Desafio a Jeová e a Seus gafanhotos!" Mas o gafanhoto contestaria: "Cuidado, ó rei, porque somos milhões! Viemos em exércitos poderosos e cobriremos toda a terra. Embora sejamos débeis um a um, o Senhor mostrará a Sua onipotência pela multiplicação deste número". Assim foram os primeiros dias do cristianismo. Os cristãos chegaram a Roma sendo apenas uns pobres judeus, e habitaram no gueto, na obscuridade; logo havia mil. Entretanto, uns haviam ido à Espanha, e em pouco tempo aumentou seu número; uns poucos alcançaram a Grã-Bretanha e também aumentaram. As nações, irritadas com essa invasão, decidiram destruir aquelas pragas da sociedade, as quais transtornavam o mundo. Passaram a torturá-los, queimá-los e destrui-los; mas continuavam a viver como enxames, e embora mortos sem misericórdia, sempre havia outros. Os inimigos de Deus não podiam resistir àquele vasto exército que avançava: "O Senhor deu a Palavra; grande era o exército dos que anunciaram as boas novas". Assim continua sendo hoje. Não estão sozinhos a entoar os louvores de Cristo: vossa voz é uma das muitas que formam a poderosa orquestra. O mundo inteiro está cheio dos louvores de Deus. "Por toda a terra saiu a sua linha e aos confins do mundo a sua palavra."

Não pensamos apenas na Igreja militante; erguemos o olhar para além do firmamento e contemplamos uma

companhia ainda mais gloriosa, pois a honra e a glória do Mestre não estão nas mãos dos obreiros terrenos, cansados e fatigados. Sua glória ressoa em harpas que nunca se rompem, dedilhadas por mãos que jamais se mancham. Participam daquelas hostes de companheiros sempre recordados, formosos de caráter como flor escolhida, indomáveis na perseverança, dignos de monumentos de pedras preciosas, incansáveis na causa do Mestre. Ao relembrarmos os que escalaram alturas tão sublimes, aspiramos ser tão fiéis quanto eles. Formamos uma gloriosa companhia com todos que pregaram Jesus Cristo. Agora não são mais pregadores, mas ainda continuam a glorificar a Deus, e de maneira mais nobre. Refrigera o meu coração pensar naqueles cuja batalha terminou e que agora são vencedores para sempre.

Irmãos, não estamos sozinhos. Legiões de anjos nos cercam. Hostes de espíritos glorificados nos contemplam. Estamos rodeados de uma poderosa companhia de auxiliares. Em torno de nós existe grande nuvem de testemunhas. Portanto, "deixemos todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, com os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé".

Urge ainda lembrar que, embora sejamos indivíduos e necessitemos de preservar nossa personalidade, *somos apenas instrumentos para a realização dos propósitos divinos.* Separados de Deus, não somos absolutamente nada. Bendito seja Deus, não estamos afastados dEle. É proveitoso que, vez por outra, nos deixemos cair de simples cansaço sobre a grande verdade da predestinação divina. Para alguns é um leito de ociosidade; para nós deve constituir-se um apoio onde achar novas forças. Depois de tudo, a vontade de Deus se cumpre. Seus propósitos, insondáveis, eternos e imutáveis, se vão realizando. O furor do inferno e a inimizade dos homens não podem deter o curso dos decretos eternos. Deus faz o

que quer, não apenas entre os exércitos dos céus, como entre os habitantes deste mundo inferior. Ele faz com que a ira do homem redunde em Seu louvor e do próprio mal tira o bem.

A oposição organizada contra o verdadeiro ministro de Cristo serve apenas para demonstrar que enquanto o inimigo conta com a força humana, conosco está ilimitado poder do braço onipotente e eterno cujas forças sustentam o céu e a terra. Não devemos, pois, temer. A presença de Deus nos concede a ousadia. Imitemos o cavaleiro das guerras antigas. Valente, montando o cavalo veloz, atravessava as águas inimigas, correndo sem cessar e sem temor, percorre aldeias espantando a todos e entra na cidade infundindo temor. Por que é tão audaz? Quando alguém indaga qual a causa de ser tão ousado, responde: "Vem um exército atrás de mim". De igual modo devemos ser cavaleiros do Senhor Todo-poderoso. Jamais devemos recear, porquanto "o Deus eterno é a nossa retaguarda". Aquele que ordenou: "Fazei discípulos de todas as nações", garantiu: "Estou convosco todos os dias". Contemplando-nos como Seus soldados, como que nos ordena: "Vençam em meu nome". Vão até aos povos e os despertem – às cidades e apelem a que se rendam. Dirijam-se aos grandes centros e anunciem às pessoas: "Cristo exige que Lhe entreguem seus corações". Façam isso, e Ele concederá eficácia à sua pregação.

Relacionado com o tema da individualidade, é útil que estejamos conscientes de que *temos* o *Espírito de Deus em nós.* Sou o que sou; mas sou muito mais do que sou, porque dentro de mim reside o Santo de Israel. Não uma residência provisória onde alguém passa breve temporada; nossos corpos são o *templo* do Espírito Santo. O que fazemos sob a influência do Espírito de Deus não é algo débil como de outro modo seria. Onde opera o Espírito há energia para o cumprimento dos Seus propósitos. É preferível pronunciar

seis palavras pelo Espírito divino que seis mil sem Ele. Um sermão não pode ser julgado pelas palavras, pois alma e vida dele decorrem de sua força interior; o juízo de Deus quanto ao sermão dependerá de quanto havia da verdadeira flor e fruto do Espírito embutido sob a forma do mesmo.

Onde Deus decide habitar há um palácio; Sua presença glorifica o lugar da Sua morada. Nossos corpos foram feitos templos do Espírito. É preciso que tenhamos Cristo em nós, esperança da glória, o Espírito habitando em nós – a vida pura que não cessa de fluir; do contrário nossas vidas fracassarão.

Concluindo, posso afirmar que é uma coisa agradável sentir que *toda a obra que estamos realizando é a obra do Senhor Jesus Cristo.* Todas as ovelhas que temos de pastorear são Suas; as almas que havemos de conquistar foram compradas pelo Seu precioso sangue; a casa espiritual que há de ser construída é para que Ele a habite. Tudo Lhe pertence. Deleito-me em servir meu Senhor e Mestre, porque sinto uma bendita comunhão de interesse com Ele. Não é *minha* a Escola Dominical, é do meu Senhor; Ele mandou: "Alimenta a *meus* cordeiros". Não é *minha* a Igreja, mas é dEle, porquanto Ele ordena: "Apascenta às *minhas* ovelhas". As minhas são Suas, e as Suas são minhas; sim, todas são Suas. Senhor Jesus, como me atrevo a ter a impertinência de reivindicar coisas que são Tuas? No entanto, quando contemplo a Tua Igreja, sou Teu servo de modo tão completo, e tão plenamente absorto em Ti, que a considero como coisa minha tanto como Tua, e me disponho a servir àqueles que Tu amas. Vem conosco, Senhor, pela Tua misericórdia. Amém.

3

COMO ENFRENTAR OS MALES DA NOSSA ÉPOCA

Até onde posso lembrar, cada ano tem sido um período extremamente crítico; e pela observação da história, cada seis meses alguém escreve a respeito da "solene crise destes momentos." Há pessoas que crêem sempre no perigo iminente do universo em geral e da Igreja de Deus em particular, e conseguem adquirir grande popularidade clamando sem cessar: "Ai de nós!" Não nos atrevemos a fechar os olhos aos males que nos rodeiam, mas podemos perceber o poder divino sobre nós e dentro de nós, realizando os propósitos graciosos de Deus. Repetimos o que o Senhor disse a Josué: "Não temas nem te espantes, porque Jeová teu Deus será contigo por onde quer que fores." Temos posto a nossa confiança no Deus vivo, que concederá a vitória final à Sua própria causa.

No entanto, é sábio admitir que nossos dias têm seus perigos e provas peculiares. O caleidoscópio varia; as cenas que se apresentam aos nossos olhos vão mudando, sejam para o bem ou para o mal; o bem possui infinitas variedades, e também o mal. Não estamos aflitos, como os nossos antepassados, os puritanos, pela perseguição e a opressão que nos privariam de nossos direitos civis e nossa liberdade de adorar a Deus. O mal assumiu entre nós uma forma muito diferente, e é necessário que o enfrentemos da maneira como se nos apresenta. A frente de batalha é outra, mas não creio que o conflito seja menos grave. Espero uma luta

mais feroz do que qualquer outra antes conhecida, e convém que nos preparemos para a batalha. Quando Ele cingir a espada e aparecer no Seu cavalo branco, podemos estar certos de que ferirá com energia, e Suas flechas voarão em grande número e velozmente, enquanto por outro lado os inimigos lutarão furiosos.

Entre os males da época é preciso que notemos inicialmente o *retorno da superstição.* O ritualismo brotou entre nós e se estende como as ervas daninhas. Muitos se apegam a um cristianismo nominal e aparente, com seus ritos e cerimônias. Fervorosos na defesa de suas idéias, percorrem mares e terras para fazer um prosélito e até se sacrificam pela causa que abraçaram. Tal sistema está em harmonia com a idolatria inata do coração humano; satisfaz à vista e ao gosto, apresenta um ministro visível e símbolos externos, pelos quais o homem natural anela. Propõe poupar aos homens a necessidade de pensar, por oferecer um culto externo e apresentar um substituto que pratique a religião em lugar deles, mas, lamentavelmente, afasta a criatura do real e espiritual, tentando dar-lhe consolo sem regeneração e o estimula a oferecer-lhe esperanças sem que haja entrega à justiça de Cristo.

O segundo mal, que considero igualmente terrível, é *o aumento da incredulidade.* Não me refiro àquele tipo de incredulidade declarada que zomba das Escrituras e blasfema do nome do Senhor nosso Deus. Não há muita malícia neste tipo de diabo; claramente se revela como espírito do inferno! Atualmente anda solto um espírito mais perigoso, que se introduz nas igrejas, sobe aos púlpitos e perverte de modo notável o testemunho de alguns que têm em alta conta, considerados como líderes em face da vasta cultura e da ostensiva intelectualidade. Macaulay dizia acertadamente que a teologia é imutável; todavia estes homens contradizem tal opinião de maneira prática, pois

seus ensinos variam tanto como o vento. Riem dos limites doutrinais e depreciam os ensinamentos precisos. Falam sempre de "progresso", e temos ouvido isso até à náusea. Jamais negaremos que os homens precisam progredir no conhecimento da verdade, e esse é exatamente o nosso alvo, pois confiamos que pelo estudo e através do ensino do Espírito Santo, vamos progredindo. Mas as palavras precisam ser definidas. Que se entende por "progresso" nesse caso? Em que direção se move?

Freqüentemente é *um progresso que se afasta da verdade,* o qual pode ser chamado "avançar para trás". Falam de um pensamento mais elevado, mas é "um subir para baixo". E preciso que eu use seus termos, e fale de progresso; mas o progresso deles consiste em distanciar-se do lugar que desejam sem jamais atingi-lo. Mostram-se por algum tempo atrativas, pois há pessoas que são atraídas por qualquer novidade, mesmo que seja falsa, porém após breve período, por falta de poder, não conseguem manter as pessoas. A falta de firmeza e segurança na apresentação da doutrina leva ao desastre, pois nada existe pior do que a vacilação no tocante à verdade.

Muitos desses mestres conseguem adeptos entre os que por falta de firmeza são facilmente arrastados, mas não exercem influência sobre os que lêem suas Bíblias, que possuem experiência cristã e habilidade para "provar os espíritos".

Nunca apareceu tanta palha molhada como o que se publica hoje em dia em oposição à fé ortodoxa; o que ocorre é que vem acompanhada de erudição de tal modo que a sua obscuridade dá a impressão de profundidade. Se dedicarmos tempo e paciência na leitura dos escritos dos pensadores modernos, logo se decepcionarão do seu palavreado, da repetição das heresias antigas que pretendem passar por pensamentos originais, e de suas astúcias enganosas.

Basta um homem de poder para quebrá-los como vasos de oleiro. "Mostrem-nos um homem a quem valha a pena seguir", dizemos, "e então não o seguiremos, mas lutaremos com ele. Por enquanto não é provável que abandonemos a Calvino, a Paulo e a Agostinho, para segui-lo." Aconselham-nos insistentemente a renunciarmos as "crenças antiquadas" dos nossos antepassados por causa das supostas descobertas da *ciência.* Que é ciência? Em muitos casos é o método através do qual alguém procura ocultar sua ignorância. Não deveria ser assim, mas o é. Irmãos, não devem ser dogmáticos em teologia porque é coisa ímpia; contudo para os cientistas, é correto. Vocês não devem afirmar as coisas com muita veemência, porém os cientistas podem afirmar ousadamente o que não conseguem demonstrar – e até exigir uma fé muito mais confiável do que a que possuímos. Certamente o que devemos fazer é tomar nossas Bíblias e adaptar nossas crenças às variadas teorias dos pretensos cientistas. Que loucura seria essa! Ora, a marcha da "falsamente chamada ciência", em todo o mundo, consiste em enganos desmascarados e conceitos abandonados. Exploradores antigos, outrora adorados, são agora objeto do ridículo; a contínua exposição de falsas hipóteses é um assunto universalmente notório. É possível saber onde acamparam pelo resíduo de suas suposições que nelas deixam coisas imprestáveis. Como os charlatães que governaram o mundo da medicina numa determinada época passam a ser o escárnio da época seguinte, assim tem ocorrido e sempre ocorrerá com esses *sábios* e pretensos cientistas ateus. De todos os modos eles apontam *fatos.* Não se envergonham ainda de usar estas palavras? "Patos" maravilhosos, forjados segundo a vontade deles a fim de desvirtuar os verdadeiros fatos que a Palavra de Deus já registrou! Entretanto, as bolhas se desfazem e surgem outras; esperam que creiamos em qualquer coisa e, que, boquiabertos, nos impressionemos com o que surge. Mas jamais nos

ajoelharemos para adorar a estátua da sabedoria humana, apesar das flautas e harpas, dos jornais e revistas balofos, ou da propaganda de professores jactanciosos. *Mostrem-nos um homem de ciência digno desse nome,* e mesmo assim o repudiaremos se se atrever a opor-se à verdade revelada. Todavia, apontem-nos um em quem a geração seguinte possa crer – um que se possa comparar com Isaac Newton e outros gênios que reverenciavam as Escrituras, temos que contender com a incredulidade, científica e não-científica, e devemos enfrentá-las em nome do Senhor.

O terceiro mal manifesto em nosso tempo é um que, não só é grave, porém extremamente prejudicial; refiro-me ao *espírito de desintegração* que envenena certas áreas da Igreja de Deus, causando muita amargura e discórdia em vários setores. É natural que, após a conversão, a pessoa procure a igreja com a qual está de acordo com a comunidade cristã. Outros, no entanto, se recusam reunir-se com os demais, mas preferem promover reuniões em casa, alegando que repudiam o sectarismo e defendem a unidade cristã. Deixando de colaborar com uma organização reconhecida, por ser denominacional, passam a formar uma pequena denominação própria. Não podemos impedir a esses irmãos, porque não participam conosco, porém é inegável que agindo dessa forma, isolados, prejudicam a si mesmos e enfraquecem nossas igrejas, privando-as de cooperadores que lhes seriam úteis. Receio que alguns defendem o conceito de que o trabalho fora da igreja é mais proveitoso do que os programas normais; mas espero que um pouco de experiência os ensinará melhor. O serviço cristão, desvinculado da igreja, é como semear e colher sem ter o celeiro onde armazenar os frutos da colheita; é útil, mas incompleto. Alguns irmãos que "pensam de si mesmos ser algo não sendo nada" procuram a oportunidade de achar uma esfera de atividade onde provavelmente nos causarão menos

dificuldades do que se permanecessem nas igrejas. Quanto mais possam falar, sentem-se mais felizes; agrada-lhes ouvirem a si mesmos. Sentem-se bem no ambiente onde conseguem predominar. Temos de enfrentar essa realidade, que não raro provoca pesar a muitos obreiros que desse modo são atingidos no mais profundo da alma.

O quarto mal para o qual desejo chamar a atenção de modo especial é *o crescimento da impiedade no país,* particularmente de duas formas que não devemos ignorar. Uma delas é *o acentuado mundanismo entre os que professam ser cristãos.* Entregam-se a várias extravagâncias: costumes, vestes e diversões luxuosas em que gastam as economias das quais foram feitos mordomos. Vemos demasiado gasto ostentoso, empregado em prazeres mundanos e diversões duvidosas. É preciso que sejamos cuidadosos, sábios e ao mesmo tempo decididos no trato com esse mal crescente, pois do contrário perderemos toda a espiritualidade nas igrejas.

A outra forma é o *aumento do pecado da embriaguêz* em todo o país. Acaso não o têm notado com horror? Observem a cifra astronômica do dinheiro dissipado com bebidas, resultando numa quantidade incalculável de viciados, acidentes, crimes, enfermidades e mortes. A que devemos atribuir tal consumo sempre crescente? Esse mal é verdadeiramente aterrador. Eu considero a lei que facilita o comércio de bebidas alcoólicas uma das mais malignas da legislação moderna. Porventura nossos compatriotas vão tornar-se o escárnio da humanidade por causa da embriaguêz? O mundo menosprezará a Igreja Cristã se não fizermos algo a respeito. Considerem o sofrimento e a pobreza que são fruto do dinheiro gasto nesse vício, e o crime que inevitavelmente o acompanha. O país está sendo destruído diante do Senhor, e corrompido devido este pecado. Se os cristãos não se esforçam para deter o mal, quem o fará? Se

os ministros não procuram com todas as suas forças aplicar um remédio, o mundo pensará que o clamor deles contra a incredulidade e outros males não é sincero. O que não clama contra o lobo certamente não está em luta contra o leão.

Foram apontados os males. Vejamos agora qual seja O REMÉDIO. Que havemos de fazer para enfrentar esta superstição, incredulidade, desintegração, crescente mundanismo e vícios avassaladores? Só tenho um remédio a receitar, é que preguemos realmente o evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo em toda a sua extensão e largura de doutrina, preceito, espírito, exemplo e poder. Indicar um só remédio para muitas enfermidades do corpo é tarefa de curandeiro, porém isso não acontece no que se refere às mazelas da alma, pois o evangelho foi divinamente composto para sanar todos os males da humanidade, por mais que difiram uns dos outros. Temos apenas de anunciar o evangelho vivo, todo o evangelho, para debelar os males da época. O evangelho, se plenamente recebido em toda a terra, extirparia toda a escravidão e toda a guerra, eliminaria toda a embriaguês e os demais males sociais; de fato, não se pode conceber uma maldição moral que o evangelho não possa sanar, inclusive os males físicos, muitos dos quais incidentalmente se originam do pecado, seriam bastante mitigados, como outros até extirpados para sempre. O espírito do evangelho, aplicado a tudo que se refere ao bem-estar do nosso próximo, fomentaria reformas sanitárias e sociais, e assim as folhas da árvore, que "servem para a saúde das nações", alcançariam seu propósito benéfico. Divulguem o evangelho, irmãos, e estarão aplicando o único propósito universal e infalível. Dêem o pão da vida às multidões necessitadas, e as enfermidades e males da humanidade caída serão divinamente eliminadas. Estou certo disso.

Temos suficientes provas de que o evangelho se defronta eficazmente com *a superstição.* Lemos no livro do Apocalipse: "Caiu Babilônia", e a vemos lançada como pedra de moinho na correnteza. Acaso não era, como lemos em capítulo 14, versículo 6: "vi outro anjo voar pelo meio do céu, o qual tinha o evangelho eterno para pregá-lo aos que moram na terra"? Entre o vôo do anjo e a queda de Babilônia há um íntimo relacionamento. Se tivessem de entrar numa casa arruinada, e não pudessem suportar a gritaria das corujas e a presença dos morcegos, desejando dispersá-los, bastaria que fizessem resplandecer a luz bendita nos lugares abandonados, e os morcegos e as corujas logo fugiriam. Quando as tochas brilharem em todos os recantos, as criaturas das trevas abandonarão a cena. Querem terminar com a regeneração batismal, a mentira entre as mentiras? Proclamem a regeneração espiritual pelo Espírito Santo e exaltem a atuação do Espírito do Senhor. Vocês desejam que as pessoas reconheçam o engano do sacerdócio romano? Anunciem o sacerdócio eterno do nosso grande Melquisedeque. Se querem destruir a crença nos sacramentos, proclamem a substância, da qual as ordenanças são apenas sombra. Verão que se puserem alimento sólido diante das pessoas, elas se apartarão das cascas, estando Deus com vocês para dar-lhes sabedoria a fim de discernir entre as coisas que são distintas.

Em relação à *incredulidade,* irmãos, dou-lhes testemunho de que a exposição do evangelho serve para enfrentá-la. Certo tipo de pregação, que oferece pombais aos que possuem as pombas da dúvida, atrairá a muitos, como às aves as suas janelas favoritas. Preguem as doutrinas da graça, irmãos, e os que rejeitam o seu Senhor serão transformados ou mudarão de pregador. Anunciem o evangelho de modo bem decidido e firme, não importando o que outros digam contra, e Deus será com vocês. Alguns gostariam que tratássemos a

Bíblia como se ela fosse o som de um sino de igreja, que toque aquilo que gostamos; mas nós proclamamos a verdade das Escrituras como a trombeta, que emite um som determinado, a fim de que as pessoas compreendam o seu significado.

Adapta-se aos progressistas o lema: "Sempre aprendendo". Orgulham-se de estar sempre aprendendo. Aceitem-no, se o quiserem, mas usem-no de modo completo: "Aprendem sempre, sem jamais chegar ao conhecimento da verdade" (2 Tim. 3:7). Eles mesmos confessam que não chegaram a um conhecimento definido, pois sempre dizem que pregam hoje o que talvez rejeitem amanhã... Preguem a verdade com todo o seu coração à medida que Deus lhes ensina, e anularão a influência da praga.

Quanto à *desintegração,* não conheço outra maneira de manter unido o povo de Deus como dar-lhes abundância de alimento espiritual. Certo pastor humilde afirmava que segurava às suas ovelhas por meio dos dentes, pois lhes dava tão bom alimento que não podiam achar outro melhor, de modo que permaneciam com ele. Seja este o nosso método, com a ajuda do Espírito Santo. Atuemos também, por meio da nossa pregação, para que a comunhão na igreja seja mais real. Sempre estamos falando de amados irmãos e irmãs, mas, observando bem, quanta fraternidade verdadeira existe na maioria das igrejas? Não é de se estranhar que pessoas iniciem pequenas reuniões particulares, numa tentativa de manterem maior comunhão. Esforcem-se por fazer que a comunhão na igreja seja cheia de vida e de amor, pregando e vivendo o evangelho do amor e da fraternidade. Sejam para o seu povo como um pai para os filhos ou um irmão mais velho para os mais novos, tomando-se bênção para eles, e ao mesmo tempo lutando eficazmente contra o mal da desintegração.

Quanto ao terrível tema da *embriaguez,* creio que há muitos

alívios para a enfermidade, porém estou igualmente certo de que não existe cura completa e universalmente aplicável fora do evangelho. A melhor maneira de conseguir tomar um homem sóbrio é levá-lo a Cristo. É prudente usar os recursos que os movimentos pró-temperança divulgam amplamente, usando-os como seus aliados. Sejam os seus hábito pessoais do tipo que vence o mal. Que o assunto e o tom da sua conversa sejam sempre afáveis em referência àqueles que lutam contra esse inimigo, ainda que não venham à sua plataforma, pois o adversário é tão forte e destruidor que não devemos dispensar nenhuma ajuda honesta. Mas sobre tudo, o evangelho é a arma especial no conflito. Mesmo se todos os homens fizessem promessas de abstinência total, não se tornariam sóbrios por muito tempo, porque eles não têm forças para cumprir as promessas. Contudo, se seus corações são mudados ao se tornarem crentes no Senhor Jesus Cristo, então pela graça divina a constituição mental será fortalecida, as promessas serão cumpridas e os vícios abandonados.

Até aqui tenho conduzido os irmãos pelo caminho da *verdade em geral,* mas agora lhes apresentarei algumas exortações práticas. O antigo evangelho precisa ser *pregado,* e da melhor maneira possível. Com a bênção de Deus temos de trabalhar de tal modo na igreja que, tanto nós como os companheiros da comunidade, confirmemos o testemunho do evangelho e estejamos unidos de coração para divulgá-lo.

Em primeiro lugar, *é preciso que tenhamos mais conhecimento do evangelho.* Nem todos os ministros entendem o evangelho; muitos deles que conhecem suas partes elementares, nunca chegaram a compreender e a pregar o todo, e mesmo o que mais o conhece precisa ainda entendê-lo melhor. A omissão de uma doutrina, de uma ordenança ou de um preceito, pode resultar em sério prejuízo. Mesmo aqueles pontos

que alguns julgam triviais, não o são para quem encara seriamente o ministério. Ainda que à primeira vista possa parecer como se não tivesse importância omitir uma doutrina secundária, não o façam; o Senhor que a incluiu na Palavra é infinitamente sábio e, portanto, não será prudente aquele que a omite. Cumpram toda a sua missão: "Ensinando-os a guardar tudo que vos foi mandado." Preguem o evangelho por toda parte, porém assegurem-se bem de que proclamam todo o evangelho da maneira que Deus lhes revelou, e não preguem outra coisa.

Para alcançar isso, somos obrigados a esquadrinhar e pesquisar a fim de conhecer mais e mais da Palavra inspirada. Porventura já descobriram que o evangelho é semelhante a uma caverna em que precisam entrar levando a tocha do Espírito Santo, o qual é o único que lhes pode revelar todas as coisas? Acaso não ficaram surpreendidos ao chegar à primeira câmara e ver sua luz prateada? Observaram os tesouros ao redor, pois as paredes são como lingotes de prata e o teto como se estivesse pendurado por uma filigrana desse metal precioso? Ao exclamarem "Achei!" cheios de alegria, um ser resplandecente lhes disse: "Vem cá, e lhes mostrarei coisas maiores do que estas." Passaram por um portal não percebido antes e perante seus olhos se abriu outra câmara, mais espaçosa que a anterior, com solo, teto e demais partes de ouro puro, semelhante a cristal transparente. Então concluíram: "Agora entrei no santuário mais recôndito da verdade." No entanto, havia mais para contemplar, pois de novo aquele ser resplandescente os tocou e logo se abriu outra porta secreta, e se encontraram num vasto salão onde passaram a admirar pedras preciosas de todas as formas que brilhavam como mil firmamentos repletos de estrelas. Agora, talvez, tendo contemplado tais tesouros, pensam que nada mais resta; todavia, nenhum mortal jamais viu plenamente a glória de Deus, e o Espírito

divino espera levar-nos pelo estudo e pela oração a uma visão ainda mais clara das coisas profundas de Deus.

Para pregar bem o evangelho precisamos ter tal conhecimento dele que nos tornemos *competentes na nossa pregação.* É indispensável que o tenhamos no coração, e também, como se diz vulgarmente, na flor dos lábios. Temos de ser abastados para podermos espalhar tesouros. Precisamos ser escribas bem instruídos para poder ensinar. Ninguém menospreze o estudo privado e a comunhão com Deus. Podem lançar mão da provisão acumulada, mas logo se esgotará. Recolham o maná fresco cada manhã, diretamente do céu. A regra de Deus é que cada um encha sua própria vasilha. Recorram ao auxílio dos livros, se o desejam; mas não preguem livros, e sim a Palavra viva. Adquiram muitos conhecimentos espirituais e os administrem ao seu povo.

Em segundo lugar, *é preciso que procuremos ter uma relação mais profunda e mais experimental com* o *evangelho.* Referimo-nos àquilo que é produto da experiência. Acaso alguém conhece realmente uma verdade antes de conhecê-la por experiência? Esta é a razão pela qual os servos de Deus têm de passar por tantas provas, a fim de que realmente consigam aprender muitas verdades que de outro modo não poderiam assimilar. Será que aprendemos muito em dias favoráveis? Não nos são muito mais proveitosos os tempos adversos? Já descobriram que enfermidades, aflições e depressões do espírito lhes têm instruído em muitas coisas que a tranqüilidade e os deleites jamais transmitiram? Deveríamos aprender tanto no gozo como na tristeza, mas é uma lástima que isso não ocorra; precisa vir a aflição para que aprendamos por meio de açoites.

O ministro que maneja a Palavra de Deus como quem a conhece e experimenta, logo é reconhecido pela congregação. Mesmo o incrédulo reconhece a capacidade do hábil cirurgião

de almas. Há um modo de comunicar o evangelho, seus privilégios e seus deveres, num estilo que não chega ao coração. É preciso que tenhamos uma experiência pessoal das coisas de Deus. Quanto à nossa própria depravação, precisamos senti-la e lamentá-la; e quanto ao glorioso poder da graça de Deus e as maravilhosas riquezas de Cristo, temos que senti-los operando em nossas almas, cada vez mais, se é que desejamos pregar com poder e combater os males da época.

Em terceiro lugar, *é preciso apegar-nos ao evangelho mais consistentemente*. Permitam-me despertar as suas mentes esclarecidas. Já tendo estas coisas, concito-os a desenvolvê-las. Constantemente deveremos transmitir os simples rudimentos do evangelho. É incrível que depois de tanta pregação havida no país, tão pouco do evangelho é entendido pelas massas. São ainda meninos, e precisam de que se lhes repita o ABC do evangelho de Cristo. Apeguem-se a estes temas que levam à salvação, os que são praticamente úteis ao povo. Não se separem da cruz de Cristo. Destaquem continuamente o sacrifício expiatório e a doutrina da justificação pela fé, as quais, quando corretamente proclamadas jamais serão privadas da aprovação divina. Todas as verdades são importantes; que cada uma tenha seu devido lugar; mas não consintam que nenhuma verdade secundária os separe das principais. Aristóteles, em sua *História Natural*, tão maravilhosa porém pouco natural, nos informa que na Sicília existe uma planta dos campos e dos bosques que possui tal fragrância que os cães perdem o rastro da presa e deixam de caçar. Tenhamos cuidado com essas ervas. Em nossas mentes sentimos grande fascínio pela poesia, a verdadeira ciência, a metafísica e outras coisas semelhantes; mas que esses perfumes jamais nos impeçam de alcançar os pecadores que precisamos conduzir a Cristo.

Certa mulher estava muito atarefada tentando retirar da casa incendiada os quadros e móveis de mais valor. Fazia tempo que se esforçava para salvar seus pequenos tesouros quando, de repente, observou que faltava um dos meninos. Ele ficara na casa incendiada e quando a mãe procurou trazê-lo, a habitação havia sido destruída pelas chamas e a criança perecera carbonizada. Em desespero indescritível, a pobre mulher contorcia as mãos nervosamente e gemia lamentando a sua loucura, pois ao preocupar-se em conservar os objetos, perdera algo de valor infinitamente maior. De modo semelhante, todas as curiosidades da ciência, os discursos pomposos e os conceitos filosóficos que puderem salvar do fogo, não farão senão acusar sua consciência se permitirem que as almas dos homens pereçam. *É preciso* que as salvemos; não desperdicemos as dezenas de domingos quando as almas preciosas estão à espera das boas novas de misericórdia.

Ao ouvir determinados sermões, interrogamos qual o objetivo do pregador ao prepará-los, e a única resposta é que desejava exibir-se. Conta-se que o famoso Bernardo certa vez pregou demonstrando maravilhosa eloqüência e dicção poética, deixando o auditório extasiado, mas depois se retirou inquieto e foi ao deserto, onde passou a noite só, jejuando por causa de sua tristeza. No dia seguinte, apresentou outro tipo de mensagem, e, ao ouvi-lo, as pessoas refinadas que o haviam escutado no dia anterior, não se impressionaram, mas os humildes entenderam suas palavras e as beberam. Apesar de ouvir críticas, o pregador retirou-se com o rosto sorridente e foi alimentar-se com o coração cheio de gozo. Quando alguém lhe perguntou a causa, respondeu: "Ontem preguei Bernardo; mas hoje preguei Jesus Cristo." Assim, irmãos, nos sentiremos felizes quando pregarmos Cristo. Portanto, apeguem-se mais e mais ao evangelho. Preguem Cristo, e só Cristo. Saciem as pessoas, mesmo que alguns os considerem exagerados, pois isso está de acordo com a mente do Senhor.

Quero acrescentar que, em nossa pregação, *é preciso que sejamos cada vez mais ativos e práticos.* Temos de pregar como homens *a* homens, não como *teólogos ante* o clero e a nobreza. Pregar diretamente *para* eles. Não convém disparar o fuzil na direção do céu quando o objetivo é perfurar o coração dos homens. Sua missão é atingir diretamente o coração e a consciência. Disparem no próprio centro do inimigo. Busquem o efeito – efeito sobre a consciência e o coração.

Quantos pregadores têm a habilidade maravilhosa de falhar! Um deles disse: "Não temam; nunca personalizo." Tranqüilize-se, amigo, porque o ministro já praticou muito e sabe como evitar qualquer dano com o uso de verdades demasiadamente pessoais! Irmãos, cultivem essa arte, se desejam ser reprovados, e que seus ouvintes se percam também; mas se querem ser instrumentos de salvação para si e para os que os ouvem, clamem ao Senhor pedindo-Lhe fidelidade, senso prático e autoridade para realmente comover os corações.

Que proveito haverá em falar *acerca* do evangelho? *Preguemos o evangelho mesmo.* Não esperem alarmar o inimigo descrevendo um canhão, mas utilizem sua artilharia e abram fogo. Não se contentem em descrever a paz que alcançam os que crêem, porém anunciem a verdade através da qual os homens, crendo, obtenham a paz que descrevem. Necessitamos mais da pregação "ativa" e menos da "discursiva". Lançem-se à tarefa com firmeza, mesmo que tenham de agonizar. Mostrem-lhes seu pecado e roguem ao Espírito que lhes abra os olhos. Ouvimos discursos nos quais o ministro rogava a Deus que salvasse almas, mas não era possível ao Todo-poderoso usar tais discursos para tal propósito, pois consistiam em meros jogos de palavras ou uma exposição de opiniões insignificantes acerca de sistemas filosóficos. Chamem ao Senhor que salve os seus ouvintes e dirijam-se

a eles como se vocês mesmos pudessem salvá-los. Confiem em Deus e ao mesmo tempo empreguem argumentos tão lógicos que convençam o entendimento, e apelos tão práticos que comovam o coração de tal maneira que, se os efeitos dependem das causas, tais efeitos sejam alcançados, uma vez que a mão de Deus está com vocês.

Apenas preciso acrescentar que *é necessário que sejamos mais e mais simples e claros na apresentação do evangelho.* Às vezes os jovens são fascinados por algum famoso pregador cujo estilo é grandiloqüente, sublime ou complicado. Eles observam o magnífico resultado, maravilham-se e chega o momento em que tentam experimentar aquele estilo; colocam a bota de sete léguas e a conseqüência é ridícula e, pior ainda, espiritualmente inútil. Quando alguém trata de ser sublime à base de frases rebuscadas, dicção pomposa e maneiras exageradas, o fracasso será inevitável. Também há entre os jovens a tendência de usar excessivamente citações poéticas. Irmãos, esse estilo é muito formoso, mas não se deixem seduzir por ele. Tanto quanto possível, evitem toda oratória artificial e a falsa eloqüência. Falem com o coração e não se preocupem com tais artifícios. Não imitem os oradores, porém demonstrem o verdadeiro amor pelas almas e terão a genuína eloqüência. Os pecadores que estão perecendo não precisam de suas poesias, e sim de Cristo. O que o ministro necessita fazer é ser o meio para salvar almas; não esqueçam disso. Se os soldados podem vencer uma batalha e ao mesmo tempo cantar melodias, que não deixem de fazê-lo; mas se, pensando na harmonia, deixam de atacar eficazmente o inimigo, que cessem os cantos imediatamente. Jovem guerreiro, monte em seguida em seu cavalo, considere o púlpito o seu corcel e lance-se à batalha ferindo à direita e à esquerda com zelo indomável. Ao regressar, terá mais honra de seu Mestre do que aquele que ficou em casa polindo a armadura para depois sair em busca de admiração.

Apresso-me a observar que, se o evangelho há de enfrentar os males da época, *é indispensável que* o *exemplifiquemos em nossas vidas quando não estamos no púlpito.* Que a mensagem que pregamos seja ilustrada nas vidas através da abnegação e sacrifício de si mesmos. Que a graça divina seja mostrada no zelo, paciência, renúncia e confiança em Deus. Avante, irmãos, em nome do Senhor. Não sofrerão mais do que o necessário. Se for o caso, aceitem o sofrimento com gozo. Se não podemos vencer sem perder alguns homens, não vacilemos nem um momento. Se não for possível tomarmos a posição inimiga sem encher a trincheira de corpos mortos, saltemos dentro. Não recuemos jamais ante a pobreza, o vitupério ou o trabalho duro; mas determinemos que a antiga bandeira seja levada até o ponto mais alto da fortaleza, e em nome do Senhor Jesus Cristo o erro seja pisado como a palha. Nossa causa é digna do máximo zelo; se pudéssemos derramar nosso sangue em mil martírios cada dia, a causa o mereceria. Esta é a causa de Deus, a causa de Cristo, a causa da humanidade. Irmãos, preguem o evangelho, preguem-no de modo completo, mediante o Espírito Santo enviado do céu, e ainda serão o meio de ajudar a salvar este mundo que perece; mas que Deus lhes dê graça para viver no espírito do evangelho, ou do contrário fracassarão inevitavelmente.

Digna de elogio é a atitude do obreiro que está disposto a permanecer ou a retirar-se para outro campo, se percebe que será mais útil noutra parte. Nunca devem ser movidos por motivos egoístas; mas estejam sempre prontos para atender à chamada do seu Capitão. Que cada um possa dizer com sincera convicção: "foi o Espírito de Deus que me trouxe para cá, e nunca me irei daqui a não ser que Ele me indique." Onde quer que estejam, o importante é que cumpram fielmente a sua missão e glorifiquem a Deus. Sejam santos, revestidos da graça, orando sempre, desinteressados;

sejam como o Senhor Jesus; só assim suas vidas serão consistentes com o evangelho que são chamados a anunciar.

Uma coisa mais. Tratemos de *saturar-nos do evangelho.* Posso pregar melhor quando consigo absorver o meu texto. Deleito-me em achar um texto e descobrir o seu significado; após haver-me mergulhado nele, logo me rendo a ele e deixo que me encha. Então o texto me quebranta, me fortalece e produz em mim o necessário; só então posso falar a respeito dele. Não é necessário que sejam muito meticulosos acerca das palavras e frases se o espírito do texto os encheu; os pensamentos surgirão. Saturem-se de bons aromas e eles os perfumarão; doce fragrância emanará de vocês em todas as direções; nós a denominamos *unção.* Acaso não nos encanta escutar a um irmão que sempre está em comunhão com o Senhor Jesus? Mesmo que seja por uns poucos minutos, um homem assim nos restaura, pois, à semelhança do seu Mestre, suas veredas destilam gordura. Permaneçam na verdade e permitam que a verdade esteja em vocês. Encham-se do seu espírito e influência para que possam transmitir tudo isso aos outros. Se não crêem no evangelho, não o preguem, pois carecem das capacidades essenciais; mas ainda que o creiam, não o anunciem até que o tenham absorvido como a mecha absorve o azeite. Para mim, o evangelho é algo mais que assunto de fé; está de tal modo identificado com meuser que se tomou parte da minha consciência, parte integral da minha mente, a qual jamais poderá ser arrancada. A fé no antigo credo ortodoxo não é para mim assunto a escolher. Dizem-se freqüentemente que teria de examinar a fundo os diversos pontos de vista modernos que sempre estão surgindo. Declino o convite; posso cheirá-los e com isso tenho bastante. Nada percebo neles que glorifique a Deus ou exalte a Cristo, e sim muito que serve para envaidecer a natureza humana.

Espero que as verdades do evangelho se tenham tornado

a razão da nossa vida; a experiência as tenha incorporado em nosso ser. Prostrados pela dor, nada lhes bastará senão as realidades da graça. Encham de filosofia um coração enfermo, e digam-me se aliviará sua agonia. Tomem um trago de pensamento moderno, e vejam se cura o desespero. Vão à cabeceira dos moribundos, ao se aproximarem da eternidade, e digam-me se os princípios da moderna escola teológica podem ajudar aos enfermos a morrer em triunfo.

Irmãos, exorto-os a se apegarem ao evangelho, deixando que suas almas se encham dele, e oro para que *possam arder com ele.* Quando a mecha estiver saturada, apliquem a chama. O fogo do alto continua sendo a necessidade da época. Quando o fogo alcança a vasta floresta, tudo que está seco ou murcho desaparece ante o seu terrível avanço. Que Deus mesmo, que é um fogo consumidor, arda sempre em vocês como na sarça de Horebe. Em igualdade de condições, o que tiver mais fogo divino é o que realizará mais. Esse elemento sutil e misterioso chamado fogo, quem sabe o que é? É uma força de poder inconcebível. Talvez seja a força motriz de todas as forças, pois a luz e o calor do sol são a alma da energia. Não há dúvida de que o fogo, tal como está em Deus, ao descer sobre os Seus servos, torna-se uma energia onipotente. Talvez a chama consagrada os consuma, devorando a saúde corporal pelo excesso de ardor da alma, do modo como a espada afiada desgasta a bainha; mas, que importa? O zelo da casa de Deus consumiu o nosso Mestre, e não me admira se também devorar a Seus servos. Se, pelo excesso do trabalho, morremos antes de alcançar a idade de outros homens, desgastados no serviço do Mestre, glória a Deus, porque se tivermos pouco tempo na terra teremos bem mais no céu! Se formos insultados, depreciados ou difamados por causa de Cristo, glória a Deus, porque tivemos uma reputação para perder por Sua causa, e bendito seja o Senhor, que nos considerou por dignos de perdê-la!

Ardam intimamente em consagração a Deus, e logo brilharão com fulgor no púlpito.

Eu lhes apontei os males, irmãos; não os esqueçam. Mas só existe um remédio para eles. Preguem Jesus Cristo, e façam isso cada vez mais. Em qualquer circunstância e em todos os lugares, preguemos a Cristo. Escrevam livros, se gostam, e façam tudo o que lhes estiver ao alcance; mas ainda que não possam realizar outra coisa, *preguem Cristo.* Se não puderem sempre visitar as pessoas, embora espero que não falhem neste aspecto do ministério, não deixem de pregar o evangelho. O diabo não pode agüentar a pregação do evangelho; nada o incomoda e preocupa tanto. Os falsos mestres não a toleram; coisa alguma os angustia tanto como a pregação. A pregação é nossa arma; usemo-la constantemente. A pregação é o aríete do Senhor, com o qual as muralhas da antiga Babilônia são sacudidas até os fundamentos. Preguem, irmãos, preguem e continuem pregando até que não possam mais, e então sigam para entoar os louvores de Deus no céu e proclamar aos anjos as maravilhas da graça redentora.

4

OS MALES DE NOSSO TEMPO: NOSSOS OBJETIVOS, NECESSIDADES E ENCORAJAMENTOS

Inicialmente esclareço que nossa disputa não é contra homens, e sim contra um outro *evangelho,* que não é outro, com o qual muitos nos perturbam. Deixemos de personalismos, mas contendamos fervorosamente pela fé uma vez dada aos santos. Talvez não seja fácil fazer distinção entre as pessoas e suas opiniões, mas esforcemo-nos para alcançar esse objetivo. Reduzamos a falsidade ao pó, porém desejemos do mais íntimo de nossa alma o bem do que são enganados por ela. Não lutamos contra carne e sangue, mas tão-somente contra o erro mortífero que procura dominar.

Desejo falar-lhes de tal modo que possam cingir-se para a batalha contra todo o pecado e falsa doutrina, e preparar-se para seguir seu divino Senhor em todos os Seus santos combates. Que possam receber inspiração e estímulo pela comunhão com o Senhor e uns com os outros. Que Deus me ajude a expressar-me de maneira a dar um tom saudável à nossa comunhão!

Nosso tema nos exorta a dar-nos conta da época em que vivemos. Vamos examiná-la, procurando descobrir se nela prevalece um espírito sadio ou um coração mau e incrédulo.

Meu assunto é:

OS MALES DE NOSSOS DIAS

Ninguém pode discutir que há males que são constantes através de todos os tempos; por outro lado, há certas febres intermitentes que só aparecem de vez em quando. Há males para todas as estações: males de inverno, males de verão, males de outono, males de primavera. Males que se desenvolvem neste período especial, mas que não nos eram tão conhecidos há vinte anos. Atualmente nos defrontamos com o erro e com o pecado, em formas que não costumavam manifestar-se nos anos iniciais do nosso ministério. A verdade é uma só e a mesma em todas as épocas, mas a falsidade muda de forma, vindo e desaparecendo como as modas de vestir. Para as coisas más também há uma ocasião, e um tempo apropriado para toda doutrina que não vem do céu.

Talvez vocês tenham se defrontado em seu trabalho pastoral com o grande mal de *pôr* em *dúvida as verdades fundamentais.* Entre ministros tem sempre surgido divergências em pontos secundários, e não tem sido incomum nos reunirmos para debater assuntos de doutrinas, baseando-nos nas Escrituras. Todos estávamos de acordo que era decisivo aquilo que as Escrituras afirmassem; apenas desejávamos descobrir o que o Senhor revelara. Mas agora há outra forma de discussão: homens põem em dúvida as Escrituras mesmas. Alguém chegou a dizer com referência a uma doutrina: "Ainda que a Bíblia dissesse, não o creria". Isso é algo novo em nosso Israel. Para alguns o ensino bíblico não é de autoridade definitiva; sua consciência íntima, sua cultura ou algo desconhecido é seu ponto de referência, se é que o possuem. A fonte da inspiração já não está na Bíblia nem no Espírito Santo, mas na própria inteligência humana. Já não é: "Assim diz o Senhor", mas "Esta é a opinião do pensamento moderno".

Antes havia debates sobre a redenção particular ou geral, porém agora muitos põem em dúvida se há redenção digna desse nome. Outrora discutíamos sobre qual o aspecto da expiação a ser mais destacado, mas todos aceitávamos o sacrifício vicário. Chegou o tempo em que se nega a substituição e se refere à doutrina da purificação do pecado através do sangue de Cristo como algo vergonhoso. No passado descrevíamos a justificação pela fé de maneiras diversas; atualmente muitos rejeitam o assunto por completo. Há pouco, certo pregador declarava que mesmo que um pecador se arrependesse e cresse no leito de morte, haveria de sofrer por um período de tempo no outro mundo. Dessa maneira, a salvação pela fé transforma-se numa espécie de purgatório! Isso não é *divergir* quanto à fé, mas *repudiá-la* por completo. Não sei o que desejam afirmar nossos irmãos ao negarem o predomínio geral da incredulidade. Será que estão obstinadamente surdos e cegos? Vivem no lado obscuro da lua? Jornais divulgam apologias do maometismo e do budismo, exaltando essas religiões às expensas do cristianismo; isso é sinal dos tempos.

Vozes se levantam exigindo "progressos na teologia". Replicamos que mudam os homens, mas a verdadeira fé permanece imutável. A menos que tenhamos imutabilidade em alguns pontos, a fé é impossível. Onde se há de edificar uma fé firme se não há uma rocha, porém apenas areia movediça? Quanto a nós, encontramos a infalibilidade nas Escrituras do Velho e Novo Testamentos, e nosso único desejo é que o Espírito Santo no-las abra ao nosso espírito. Que inventem um *evangelho* mutável aqueles que quiserem, mas nós cremos em Jesus Cristo – "o mesmo ontem, hoje e eternamente".

Nestes tempos somos postos à prova pela maneira em que muitos *atacam* a *verdade, apresentando-a falsamente ou distorcendo-a de maneira ímpia.*

Os que nos combatem apegam-se a uma doutrina

particular como se fosse a única coisa em que cremos, ou pelo menos o aspecto principal dos nossos ensinos. Por exemplo: apenas mencionei a doutrina do castigo eterno na atual controvérsia,* mas os defensores do "pensamento moderno" tentam realçá-la em todas as ocasiões, no entanto sempre apresentando o lado incorreto dela, esforçando-se para tomar-nos objeto de crítica perante a opinião pública. Todavia, isso não nos importa muito, pois não abafamos a verdade por nos parecer terrível. De fato, ela nos mostra o tipo de pessoas que nos fazem oposição.

O mesmo ocorre com outras doutrinas que também defendemos; são objeto constante de evasivas, ou pelo menos, de falsas interpretações. Se nossos oponentes apresentassem o caso devidamente, não nos importaria; mas isso não serviria a seus propósitos. Dias atrás um afirmava: "Detesto o texto que diz: Amei a Jacó, mas aborreci a Esaú". "Por que?", interrogou um amigo, "que dificuldade você encontra?" A resposta foi: "Não posso ver por que Deus aborrecesse a Esaú". Nosso amigo acrescentou: "Não me surpreendo em nada que Deus aborreceu a Esaú; mas sim muito me admiro de que Deus amasse a Jacó. Isso é certamente uma maravilha da graça; no outro caso não é mais do que a aplicação da justiça".

Se é certo que anunciamos "o terror do Senhor", posso dizer que "persuadimos aos homens" com todo o carinho. Não levamos homens a Cristo à força, mas com muita mansidão e paciência nos esforçamos em atraí-los com amor e impulsioná-los mediante copiosas lágrimas. Temos vivas apreensões quanto à ira vindoura, portanto encaramos o assunto com enorme seriedade. Não nos alegremos em que pereçam; causa-nos pesar o pensamento de que morram em seus pecados. Mas não é justo chamar-nos cruéis por sermos sinceros em

* Controvérsia entre Spurgeon e a União Batista da Inglaterra

interpretar as ameaçadoras admoestações das Escrituras.

Entretanto, errôneas compreensões e falsificações constituem um mal que temos de enfrentar constantemente. Procuram debilitar nossos testemunhos, confundindo aos instáveis e trazendo incredulidade a muitas mentes. Nosso evangelho é idôneo para lutar contra essas dificuldades. Não deixemos de confiar nele; mas, ao mesmo tempo, não fechemos os olhos ao fato de que esta forma de mal surge entre nós, e havemos de combatê-la em nome do Deus da verdade.

Outro mal comum *é a falta de decisão em favor da verdade entre os homens verdadeiramente bons;* os quais são nossos irmãos na fé em Cristo, porém que se mostram indecisos quanto a separar-se do erro. Estão a favor da paz! Permanecer neutros parece posição cômoda entre os que professam ser cristãos. Estão sentados, por certo incomodamente, "em cima do muro". Jamais pude assumir posição semelhante, e portanto não sinto por eles profunda simpatia. Há teólogos que procuram agradar ambos os lados, mas isso é experiência perigosa. Afinal de contas, os neutros não obtêm o respeito de nenhum grupo; e, com toda a segurança, podemos afirmar que eles são o *problema* em todas as controvérsias.

Sempre haverá dificuldades nas igrejas por haver temor de denunciar o pecado e o erro. Certo pregador africano dizia que quando estava com o seu rebanho, evitava cuidadosamente de pregar contra o costume de roubar galinhas porque cria que isso estorvava a comunhão fraternal. Alguns obreiros tocam muito suavemente no tema da embriaguez, porque alguns dos que os sustentam são "parte interessada". Não seria certo que muitas vezes são suprimidas as verdades quando parecem pouco saborosas? Não seria verdade que muitos são infiéis quanto aos pecados que os rodeiam? São "tudo para todos", mas não com o intuito de "salvar, alguns". Tenho ouvido susurrar que é para poder "salvar certas somas" para os cofres da igreja. Acaso eles não consultam demasiadamente às

pessoas importantes? Não seria verdade que dão mais valor à posição dos homens do que a sua piedade? Haveria suficiente fidelidade à verdade e a Cristo, haja o que houver? Irmãos, necessitamos de graça para podermos dizer: "Sei ser pobre; sei tornar-me objeto de ridículo; sei ser insultado; mas não sei ser falso para com meu Senhor".

Observo que o espírito de transigência entre a santidade e o pecado, a verdade e o erro, prevalece demasiadamente. Tal atitude não procede do Espírito de Deus, mas do espírito mundano. Sempre e mais sábio e melhor demonstrar uma decisão clara nos pontos fundamentais. Precisamos traçar uma linha divisória de modo bem visível e em seguida ater-nos a ela. Não alterem seu rumo devido aos ventos ou correntes. Não tentem tornar as coisas agradáveis a todos em redor. Não imitem aquele homem que encontrou um viajante fatigado que lhe interrogou acerca da distância de determinado local. A resposta foi: "Dez milhas"; mas ouvindo ao estranho queixar-se por estar muito cansado da viagem, suspirando: "Não resisto à caminhada, temendo desmaiar", o compadecido informador conserta: "Não sabia que estivesse tão esgotado; sendo assim, deixo por sete milhas". Tal mudança de palavras não diminuiu a distância real. Mas esse é o método de algumas almas afáveis; amenizam a verdade, esquecendo que isso não altera os fatos. Tal obrigação é bastante séria; convém relaxá-la um pouco. Aquela doutrina é demasiadamente grave; procuremos um aspecto mais benigno. Esta tentativa de agradar a todos a qualquer preço é o estilo da época. Se a antiga teologia verberava contra o pecado, depravação humana, etc., então recorramos à nova e suavizemos as coisas. Se o castigo dos impenitentes alarma demasiadamente aos homens, tratemos do assunto superficialmente ou modifiquemo-lo de modo engenhoso. Quem desejaria alcançar conversões por meio do temor? Sim; "deixemos por sete". Mas, de que aproveitam

palavras suaves? Apesar da mentira, a distância é a mesma; e quando o ludibriado perceber o engano, certamente não os abençoará. Que o Senhor nos livre da condenação dos que enganam as almas! Que sejamos atalaias, e limpos do sangue de todos! Decidam vocês mesmos, e então, como homens firmes, poderão ajudar a outros cujos pés manquejam.

Outro dos grandes males da época é *o anseio insaciável por diversões*. Ninguém pode negar que precisamos de repouso do trabalho e temos de desfrutar de distrações que refrescam a mente e o corpo. Dentro dos limites adequados, o recreio é necessário e proveitoso; mas nunca foi dever da Igreja Cristã oferecer diversões ao mundo. Congregações promovem reuniões sociais, dissipando horas com diversões tolas e espetáculos impróprios a ambientes de adoração. Asseguro-lhes que a pregação de Cristo desaparece quando surgem tais frivolidades. Temos de lutar duramente contra tais coisas, pois muitos estão enlouquecidos por estas vaidades. Não estamos aqui para divertir-nos, porém para que os perdidos sejam alcançados para Cristo e alcancem a glória eterna. Ante a solenidade da morte, do juízo e da eternidade, rogo-lhes que resistam às loucuras e vaidades do nosso tempo. Temos notado como a "sabedoria deste mundo" e suas loucuras parecem ser companheiros da fortuna, e precisamos afastar-nos de ambos com a mesma aversão.

Parte de nossas dificuldades é ocasionada pela *ausência de piedade intensa em muitas igrejas*. Bom número de irmãos e irmãs vivem em grau elevado para a glória de Deus. Dou graças ao Senhor pelo fato de haver tanta atividade santificada e tanta consagração íntima como noutros períodos da história da Igreja Cristã. Há entre nós homens e mulheres cujos nomes passarão à posteridade como exemplos de devoção. Deus não tem Se deixado sem testemunho. Por outro lado, como está a religião nos lares? Não seria certo que a devoção familiar está muito longe do desejado?

Sabemos de membros que jamais participam de culto de oração. Por certo são mais solícitos em adorar ao seu deus favorito. Existem pessoas que não assistem aos cultos de oração devido estarem presas a outras atividades. Interesses pessoais ou eventos sociais se tornam mais importantes para muitos do que oferecer adoração a Deus. Isso representa lamentável sinal de decadência. Igrejas podem causar muita tristeza aos pastores, mas, infelizmente, na maioria dos casos, eles mesmos se desviaram tanto que já não importam com isso.

Com referência aos ministros, muitos membros de igreja são indiferentes no que tange à piedade pessoal do pregador; o que desejam é talento ou inteligência. Não importa o que prega; há de atrair a multidão ou satisfazer à *elite,* e isso é suficiente. Pregue a verdade ou o erro, o homem será admirado contanto que saiba falar com loquacidade e conserve a fama de orador. Se houvesse mais piedade genuína entre os membros da igreja, logo os farsantes teriam de procurar outros mercados. Coisa lastimável! Vejo que tem havido grande descuido na admissão de membros nas igrejas, pelo que tem decaído o nível espiritual e desaparecido os bons fundamentos devido à influência das *multidões mistas* no meio das quais toda classe de males encontra abrigo acolhedor. Infeliz o líder em cujo acampamento aparece um Acã! Melhor fora que Demas nos abandonasse, e não que permanecesse em nosso ambiente, trazendo o mundo para dentro da igreja! Quantos ministros são débeis para a guerra por não estarem apoiados por uma congregação piedosa, e suas mãos não estão sendo – ajudadas por irmãos que oram!

Para não prolongar demais minha jeremiada, mencionarei apenas mais um dos tristes males da época – *a dureza de coração das pessoas face à pregação do evangelho.* Comparando-se com o que ocorrera outrora, agora é difícil conseguir

atenção para a Palavra de Deus. Antes eu costumava pensar que bastava pregar o evangelho e as pessoas acudiriam e pressurosas a ouvi-lo. Lamento ser necessário corrigir essa impressão. Contudo, se o evangelho não atrair os homens, nada os atrairá; isto é, nada que lhes faça bem. Não tenho razões para duvidar do poder atrativo do evangelho antigo; no entanto, alguns dos meus irmãos que o anunciam fielmente não conseguem ter um rebanho numeroso. Todos temos a impressão de que há um processo de endurecimento nas massas. Espalhadas nos bairros das grandes cidades multidões vivem totalmente divorciadas da adoração a Deus. Muitos seguem suas tradições e se apegam apenas a formalismos.

Grande porcentagem do povo demonstra desagrado pelos cultos normais no santuário. Outros são influenciados pelas tendências sensacionalistas; e à medida que aumenta esse lamentável apetite, maior satisfação ele procura, e finalmente chega o tempo em que é impossível satisfazer suas exigências. Os que introduziram em seus cultos toda espécie de atrações levam a culpa de que a congregação deixe de lado os seus ensinos do tipo mais sóbrio e exija, cada vez mais, coisas ruidosas e singulares. Como a um viciado em álcool, a sede de excitação aumenta. A princípio, é possível acalmar o espírito agitado, porém depois se torna quase impossível evitar os excessos. Não desejo condenar a ninguém, mas me sinto profundamente amargurado ao contemplar algumas das novidades introduzidas no meio evangélico nos últimos dias.

Além deste sensacionalismo embriagador, há uma espécie de peso no ambiente. Porventura vocês não a sentem? O povo evangélico alemão enfrentou essa crise há tempos; as pessoas mais humildes das províncias participavam, da adoração pública, mas os habitantes das grandes cidades foram vencidos pelo ateísmo prático. Grande culpa cabe aos ministros que afastaram o povo da fé simples nas Escrituras, levando-o

a duvidar. O mais maligno servo de satanás que conheço é o ministro infiel do evangelho, o qual não apenas duvida em seu próprio coração, mas propaga a incredulidade nas mentes dos demais por meio de suas críticas, insinuações e palavreado. Alguns ministros meramente acreditam que não há nada digno de crédito. A consciência deles está cauterizada. Sua faculdade de crer se extinguiu. As coisas não são agora como no início do nosso ministério; de maneira veloz o erro se tem expandido assustadoramente. Muitos defendem o universalismo, a salvação após a morte, um período de prova depois desta, vida. Ouço falar de ministros que desdenham do sangue de Cristo. Tristes realidades chegam ao nosso conhecimento e nos esmagam o coração. Nossa época está desconjuntada. Que o atual furacão passe com rapidez. Reconhecemos que a nave da Igreja está sendo açoitada por ventos contrários, sendo necessário que o Senhor venha, e ordene aos ventos e às ondas que se acalmem. Até aqui lhes apresentei "o peso do Senhor".

Nestes tempos maus, entretanto, temos

UM OBJETIVO PERMANENTE

Qualquer que seja a estação, o lavrador ainda tem a terra a cultivar. No verão e no inverno seu trabalho pode variar, mas o objetivo é o mesmo. Assim acontece com os servos do Senhor Jesus. Não importa a atitude dos demais, nós já levantamos a mão para o Senhor, e não devemos retroceder. Somos impulsionados pelo mesmo propósito inicial que nos trouxe ao ministério; não podemos olhar para trás após ter lançado mão ao arado.

Qual o alvo da vida? Qual a nossa missão? Em que nos ocupamos?A única resposta é: "Nossa finalidade principal é glorificar a Deus". Não achamos que a nossa tarefa mais importante seja converter pecadores ou edificar os santos, e sim a de glorificar a Deus. Se pregamos a verdade de Deus e

tem havido salvação de almas, continuamos sendo "o bom cheiro de Cristo para Deus". A proclamação de Jesus Cristo é perfume suave ante o trono de Deus, sendo constante oferenda aceitável ao Senhor. O sacrifício de Jesus é o que torna o mundo tolerável ao Deus santo, e a pregação daquele holocausto é cheiro suave perante Ele.

Esta é a pedra de toque para provar a qualidade de qualquer doutrina: "Ela glorifica a Deus?" Se não glorifica ao Senhor, não é evangelho genuíno; não beneficiará a nós nem aos ouvintes.

Compete-nos apegar-nos ao nosso único objetivo, haja o que houver. O pescador sai com as redes num dia tranqüilo e luminoso de verão. Alguém sugere: "Agora, barqueiro, toma a guitarra. Abanque-se no barco e deleita-nos com uma boa música".

Ele responde: "Não sou músico, sou pescador". Em noite prenunciadora de tormenta, o céu obscurece e chegam chuva e nevoeiro. "Agora, barqueiro, deixe de trabalhar; arranje as coisas e divirta-se." Ele sorri e responde: "Não sou nenhum turista em viagem de recreio, mas vim para pescar e é isso que farei". E lança as redes.

Nossa sagrada pescaria se realiza melhor na tempestade do que na calmaria. Quando as águas estão quietas, os peixes também parecem dormir e se ocultam em profundidades silenciosas além do nosso alcance. A tormenta pode transformar-se em nossa maior ajuda. A controvérsia desperta os pensamentos e através deles ocorre a transformação divina. De qualquer forma, *é preciso que pesquemos almas.* Haja o que houver, temos a obrigação de buscar os homens a fim de conduzi-los a Jesus. Precisamos insistir no arrependimento e na fé; o novo nascimento, com sua aversão ao pecado, há de ser constantemente apresentado perante a congregação. Para isso nascemos e com esse propósito fomos enviados ao mundo, para que pudéssemos dar testemunho das grandes

verdades que salvam a alma, a fim de que pelo conhecimento destes fatos Deus possa ser glorificado entre os homens.

Além disso, temos o intenso desejo de *edificar a Igreja;* eu estou convencido de que para atingir essa meta, é absolutamente necessário que continuemos pregando sempre o mesmo evangelho. Não deveria haver progresso? Sim, dentro da pauta da verdade revelada, porém não deve haver desvio dos princípios fixos. O escolar inicia com o primeiro livro de aritmética; no devido tempo, precisará de outro. Mas suponhamos que o segundo livro posto em suas mãos contradiga o primeiro – em que situação ficará o aluno? Suponhamos que alguém diga que a tábua de multiplicação já não vale, e que os homens agora superaram o ensino de que duas vezes dois são quatro. Que avanço ele poderia fazer? Um ministério consistente, realizado com a proclamação da mesma verdade durante muitos anos, há de produzir, com a bênção de Deus, resultados na congregação.

A construção de um edifício é possível quando as paredes são levantadas, fileira de tijolo após fileira, sobre um fundamento firme. Que resultados poderiam produzir os que constantemente modificam seus ensinos? O que conseguem realizar aqueles que "estão sempre aprendendo e nunca chegam ao conhecimento da verdade"? O progresso genuíno é impossível quando tudo se movimenta, tanto o caminho como o carro.

Se, como construtores prudentes, edificamos realmente a Igreja, temos de ser cuidadosos quanto ao fundamento a ser iniciado; é necessário que sobre ele prossigamos a construir até ao fim. Se tivesse de escolher algo novo, seria a adoção de novos métodos para fomentá-lo; mas as verdades que promoveram a glória de Deus no passado, ainda produzem idênticos resultados. Lutamos visando ao mesmo fim, confiamos no mesmo poder, por isso não modificamos nossos ensinos.

Prosseguindo, irmãos, passo a falar de

NOSSAS NECESSIDADES URGENTES

Se desejamos seguir nossa santa vocação de modo satisfatório, *precisamos ser homens melhores.* Pessoalmente, creio que à proporção que os tempos pioram, devo suplicar a Deus por mais graça a fim de enfrentá-los valorosamente. Sempre podem cortar um objeto duro se dispõem de ferramenta mais dura ainda. Os Alpes de granito podem ser perfurados com o aço. Oh, como desejamos a graça de estar à altura de enfrentar a situação mais difícil que se nos apresente! Tudo que já possuímos de habilidade ou aptidão é dom do Senhor; Ele pode conceder-nos muito mais. Quem nos concedeu vida é capaz de outorgá-la mais abundantemente. A capacidade de alguém, quando Deus o toma pela mão, não há de calcular-se pelo homem, senão por Deus mesmo. A bênção vem somente do Senhor, não quando permanecemos ociosos, acomodados ou indolentes, mas sempre em resposta a súplicas ardentes e como recompensa à real consagração. Ocupemo-nos principalmente em ser, de modo bem pessoal, mais santos, mais revestidos da graça, e portanto melhor adaptados ao nosso trabalho. Oh, como desejamos ter aspirações elevadas! Avaliemo-nos pela medida do Senhor e não comparando-nos com outros companheiros; assim evitaremos o orgulho, porém a esperança será natural. Somos capazes de coisas muito maiores; tentemos realizá-las. Estamos envelhecendo; é hora de vivermos.

Em face disso, tenhamos *idéias* mais *claras* a *respeito* do que cremos. Ouvi referência a um bêbado que chegou em casa de madrugada sem saber onde estava. O "pensamento moderno" é uma espécie de bebedeira que ignora onde se encontra. Sabe onde vivia ontem, mas seria difícil determinar onde vive hoje. Há muitos ciganos espirituais; acampam detrás de qualquer cerca, mas não têm residência permanente em nenhuma

parte, sua teologia consiste nalguns retalhos. Rasga-se com facilidade, todavia é igualmente fácil pôr-lhe um remendo. Pessoas com essa teologia preferem entreter-se com a busca da verdade a encontrá-la. É evidente que tal busca não é muito real, pois o homem em questão se satisfaz em que a presa se lhe escape continuamente. Nos tempos antigos, o profeta era um vidente; mas atualmente ele é tão culto que nada vê. O homem que declara ter tanta luz que não pode dizer com certeza que vê uma coisa, é o predileto de certos ouvintes intelectuais. "Cri, por isso falei", declarou Davi. Ora, que tipo esquisito! Nossos "pensadores" atuais falam porque duvidam, e não porque crêem!

Outra coisa de importância para a presente época é que *tenhamos mais fé.* É preciso que creiamos mais intensamente em Deus, para confiar nEle de forma prática e com menos dúvidas. As coisas que cremos devem chegar a ser mais reais para nós. Receio que freqüentemente usamos palavras sem observarmos seu verdadeiro significado. Isso é terrível. É uma espécie de assassinato premeditado suprimir a alma de frases piedosas, e ao mesmo tempo continuar usando-as. Sejamos honestos com as coisas de Deus; levemos a sério tudo que dizemos. É repugnante que alguém mencione toda espécie de temas relativos ao evangelho, à graça e à santificação, sem tomá-los a sério. Receio que nossos púlpitos não estejam isentos de tais vendedores de palavras a granel. Não demos meras sombras à congregação, mas fatos positivos. Ouvi falar de uma anciã escocesa que estava redigindo o seu testamento. Deixava mil libras a este, quinhentas libras àquele, etc. Ao ser interrogada pelo escrivão se possuía tanto dinheiro, respondeu: "Não, não tenho, mas isso lhes mostrará a generosidade das minhas intenções". É de lamentar que muitos pregam doutrinas evangélicas, não porque crêem nelas, porém para agradar aos evangélicos. Isso nunca servirá de nada. Jamais nos exponhamos a tais suspeitas. Que as verdades que declaramos

sejam tão amadas por nós como a nossa vida, e tão reais como nossa própria carne e ossos. Cremos que as Escrituras são verdadeiras. Quando a Bíblia afirma que o homem está perdido, acreditamos que essa perdição é real e terrível. Céu e inferno são realidades para nós, mesmo que outros os considerem sonhos. Para nós Cristo é real; o Espírito Santo dentro do homem produz vida real dentre os mortos. Se não pregamos realidades, peço a Deus que sejamos afastados do ministério, no qual só estamos entesourando ira para o dia da ira.

Necessitamos também *mais amor pelas almas*. Nunca salvaremos mais até que amemos mais. Ilustremos: um homem caiu acidentalmente soterrado por uma barreira que desabara. Muitos estavam cavando energicamente para desenterrá-lo. No local estava alguém indiferente, apenas contemplando o drama, quando foi informado: "É teu irmão quem está lá dentro". Essas poucas palavras operaram nele uma imediata mudança; no mesmo instante pôs-se a trabalhar febrilmente para resgatá-lo. Se realmente desejamos salvar nossos ouvintes da ira vindoura, é preciso que sintamos simpatia, compaixão e ansiedade; numa palavra, paixão e amor ardente. Que Deus nos conceda tais sentimentos!

É necessário haver também um espírito mais completo de sacrifício próprio. A respeito disso tenho de falar com ternura, pois me vejo cercado de irmãos que levam uma vida de sacrifício constante no sentido pecuniário. Tendo apenas o suficiente para viver, prosseguem trabalhando ano após ano sem proferir uma queixa. Se pudessem ganhar cem vezes mais do que estão ganhando noutra atividade, não abandonariam o púlpito e o pastorado. A obra de Cristo significa para eles mais do que o alimento de que necessitam. Graças a Deus, o ministério está provido de homens que têm tudo por perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus seu Senhor. Mas, irmãos meus, é indispensável

um sacrifício contínuo para que possamos manter a abundância do nosso serviço. Também nisso muitos se destacam. Não são folgazões, mas trabalhadores. O que passa bem no ministério aqui, estará mal quando tiver de comparecer no ajuste de contas. Renunciemos a indiferença e vivamos intensamente para o Senhor.

No entanto, além de renunciar a comodidade, precisamos estar dispostos a abandonar tudo o mais: nome, reputação, amizades, relacionamentos; devemos renunciar todas as coisas sem reservas, se a causa de Cristo o requer. Antes que negar a verdade torna-se necessário que abandonemos honras, estimas merecidas e toda a sombra de boa reputação. Na luta pela verdade deixem que a comodidade pessoal e sua reputação se percam se é necessário. Não creiam que o sacrifício precisa ser pensado duas vezes. A fraqueza de muitos homens é que *pensam* tanto tempo que não *fazem* nada. O sangue dos mártires é escasso em nossos dias. Nossos ministérios serão destruídos se começarmos a pensar no custo da honestidade. Se por consideração humana impedimos nossa fidelidade, passamos a ofender a Deus. Irmãos, não temamos perda alguma, porque nada temos a perder, pois tudo que possuímos já pertence ao Senhor. Ó Deus, por Ti me regozijarei em ser o "refugo de todos", a fim de ser achado fiel a Ti e à Tua verdade até ao fim.

Agora lhes darei alguns conselhos úteis nestes dias. Gostaria de recomendar-lhes *a confrontar muito cuidadosamente os seus ouvintes com as verdades fundamentais.* A maioria das pessoas não conhece os princípios básicos do evangelho. Enganamo-nos ao supor que o auditório entende a verdade que anunciamos. É impossível a alguém ler quando não conhece as letras. Recordem as verdades elementares perante o povo. Dêem-lhe a conhecer os princípios básicos da fé. Isso não fatigará aos ouvintes, mas os abençoará, e muitos deles se deleitarão. Somos semeadores; sejamos generosos com a

semente. Outros estão difundindo a má semente; convém que "saiamos a semear". Repitam verdades já mencionadas, se necessário. Paulo escreveu aos filipenses: "Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós".

Além disso, *lutem claramente para a salvação imediata dos seus ouvintes.* É preciso que alcancemos as pessoas cada vez que nos dirigimos a elas. Precisamos cuidar da aplicação de cada sermão. Temos grande necessidade de ser muito específicos na aplicação das verdades aos ouvintes. Mesmo com referência às desagradáveis ao paladar, devemos apresentá-las não apenas em termos gerais, porém urge que as administremos em doses adequadas a cada indivíduo. Sob a direção do Espírito, essa deve ser nossa tarefa diária. Queremos que nossos ouvintes sejam salvos, e sem demora; com tal objetivo, devemos prosseguir com todas as forças.

Inculquemos com todas as nossas energias a prática da santidade. A santidade é o aspecto visível da salvação. Nunca considerei ser mau sinal quando a pregação da santidade atingiu certos extremos. Temia a causa do fanatismo, mas dava graças a Deus pelo fervor de onde procedia. Aspiremos ao máximo grau de santidade. As doutrinas da graça devem ser acompanhadas por uma ética do tipo mais puro. Temos sido claros quanto ao fato de que as boas obras não são a causa da salvação; sejamos igualmente claros com referência à verdade de que elas são o seu fruto necessário. Para que servem nossas igrejas se não são santas? Para que servimos nós, se não somos santos? A santidade é ortodoxia prática, e deve seguir de mãos dadas com a ortodoxia doutrinária. Não somente precisamos ter uma moralidade elevada, mas também consagração, avivada pelo Espírito de Deus; e isso é santidade.

Com este fim, *exorto-os a ser cuidadosos na admissão de novos membros na igreja.* Sem dúvida há em nossas fileiras alguns que não deviam estar ali. Isso concorre para perda deles mesmos, desonra para o Senhor Jesus e prejuízo para a

igreja. Membros não convertidos rebaixam o nível geral da igreja. Até que ponto esse nível tem descido, que o digam os ministros espirituais. Se os membros da comunidade fossem convertidos, logo se livrariam de seus ministros infiéis; contudo, as congregações são como os seus líderes. A doutrina deturpada e a vida relaxada sempre caminham juntas. Oh, como desejamos ter uma membresia mais pura com a qual colaborar! Por mais que nos esforcemos, sempre surgirá um Judas; mas não o convidemos. Nunca façamos que um traidor facilmente se sinta bem entre nós. Mesclar a igreja com o mundo é um crime. Atrai um horrível anátema e atua sobre a piedade como a nevada. Que a porta da igreja esteja aberta a todas as almas sinceras, porém fechada a todos aqueles cujos corações estão no mundo. Não é nem sequer para o bem da alma mundana, o ter a forma de piedade divorciada do seu poder. Se amamos ao Senhor e conhecemos o valor das almas, zelemos bem a entrada da igreja.

Quanto a vocês mesmos, recomendaria *separação total daqueles que provavelmente prejudicariam sua vida espiritual.* Não consideraria melhor associar-me com alguém que negue a fé do que com um bêbado ou um ladrão. Desejo guardar o espiritual tanto quanto o moral. Um homem leal não se sente bem na companhia de traidores. Há certas associações com ímpios que temos de aceitar, a menos que nos separemos totalmente do mundo; mas outras são opcionais, e nesses casos temos de ser escrupulosos. Um piedoso ministro afirmou em certa ocasião, referindo-se a determinado pregador: "Não permitiria que tal pessoa subisse a meu púlpito. Sou tão zeloso de meu púlpito como de minha cama". Não creio que fosse demasiadamente rígido. Devemos guardar-nos de comprometer a verdade de Deus, associando-nos com os que não a sustentam, sobretudo numa época como a nossa.

Além disso, *é preciso que nos unamos mais estreitamente,* procurando ajudar-nos uns aos outros e a todos que são da mesma convicção no Senhor. As divisões denominacionais desaparecem na presença da verdade de Deus. A meu ver, a grande distinção a observar atualmente se acha nas doutrinas evangélicas, das quais o sacrifício substitucionário de Cristo é o ponto central. Onde observemos irmãos fiéis lutando, apressemo-nos a ajudá-los, pois com certeza estão sendo objeto de inveterada oposição. Os amantes da fé antiga devem lutar ombro a ombro, para eliminar as injustiças do passado a frustrar a oposição futura. O combate que nos aguarda é feroz; economizemos a todo custo nossas forças por meio da união.

Finalmente, permitam-me dirigir-lhes algumas

PALAVRAS DE ALENTO

Os tempos são maus, mas já o *foram antes.* Temos de lutar contra Apolion, mas muitos já enfrentaram este arquiinimigo antes de nós. Cinjam os lombos do seu entendimento e estejam firmes, porque o Senhor é maior do que as épocas. Os dias são maus, mas são seguidos de dias bons. A história se repete, e este é um dos aspectos em que a história é bem persistente. Permitam-me ler para vocês um trecho muito alentador de Witherspoon: "Nada é impossível para o poder de Deus. Os períodos mais notáveis de avivamento da religião vieram imediatamente depois de tempos da maior apostasia, quando "a verdade" parecia ter "tropeçado na praça". Este era o caso imediatamente antes de 1638. A corrupção da doutrina, o relaxamento dos costumes, a submissão servil na política... Contudo, em pouco tempo tudo se modificou totalmente. Portanto, que nenhum cristão ceda aos pensamentos do desespero. Defendamos a causa que finalmente vencerá. A religião se levantará dentre as ruínas; e seu estado oprimido atual não apenas deve estimular-nos a orar, mas também deve animar-nos a confiar no acelerado avivamento dela".

Perseverem na oração até ao máximo. Recentemente recebi muito conforto de amigos de vários lugares, ao me informarem que nossa luta pela causa do evangelho é alvo constante de suas orações. A prática da intercessão do povo de Deus está a nosso favor. A oração é a arma secreta. Seríamos mais prudentes se a usássemos mais e se a fizéssemos com propósito mais específico.

Em Nova Inglaterra, certa igreja havia escolhido um jovem chamado Stoddard para ser seu pastor. Depois de certo tempo, a congregação descobriu que o seu novo ministro não era um verdadeiro cristão. Que fizeram? Começaram a propagar seus defeitos e a combatê-lo? Não, eram pessoas mais sábias que isso. Num domingo à noite, após as atividades normais, o jovem viu a congregação dirigindo-se ao templo. Surpreendido por ter vindo tão grande número a um culto que ele mesmo não ia dirigir, interrogou: "Para que se reúnem?" "Senhor Stoddard", responderam, "para orar, pedindo que nosso ministro seja convertido." O jovem obreiro se dirigiu ao seu gabinete, orou e se entregou a Cristo; e antes que seus irmãos terminassem a reunião de oração no templo, o pastor se reuniu aos demais a fim de transmitir a boa nova. Não foi, porventura, uma maravilhosa obra da graça? Poderíamos alcançar mais vitórias nas batalhas se usássemos constantemente esta arma da oração eficaz. O inferno inteiro é derrotado quando o crente dobra os joelhos em súplica oportuna. Portanto, amados irmãos, oremos. Nem todos podemos argumentar, mas todos podemos prevalecer em oração. Preferiríamos homens poderosos diante de Deus a elo quentes perante os homens. A oração nos une fortemente ao Eterno, ao Onipotente, ao Infinito; por isso é o nosso recurso principal. Resolvam servir ao Senhor e ser fiéis à Sua causa, e então podem apelar audazmente a Ele pedindo Seu socorro. Assegurem-se de que estão com Deus e poderão ter a certeza de que Ele está com vocês.

5

O PODER DO PREGADOR E AS CONDIÇÕES PARA OBTÊ-LO

Irmãos, desejamos fazer nosso trabalho corretamente e com eficácia, e *não podemos realizá-lo sem* poder. Neste mundo não será efetuado nenhum serviço sem certo emprego de forças, e as energias empregadas diferem conforme o trabalho de que se trata. O tipo de poder de que sentimos necessidade será determinado pelo que pensamos do nosso trabalho; a quantidade de poder que anelaremos dependerá da nossa idéia de como deve ser feita tal atividade. Dirijo-me a homens prudentes que se propõem usar o encargo diante de Deus; me convém estimular suas mentes puras para que juntos reflitamos sobre o grande desígnio para o qual necessitamos de poder.

Poderíamos ser ministros, como alguns o são sem nenhum poder, quer natural ou adquirido. Celebram cultos formalmente, o que não exige dons especiais. Qualquer alto-falante poderia fazer o mesmo. Seus sermões e cultos são tão rotineiros e tão absolutamente desprovidos de vida, que se descesse sobre eles o poder do alto, ficariam totalmente perplexos. Ninguém ficará satisfeito com cultos mecânicos, vazios de força mental e espiritual. Desejamos realizar o trabalho do Senhor como deve ser realizado e portanto anelamos dons excelentes e graças ainda maiores. Esforcemo-nos em desempenhar o ministério não com o método desprovido de vida, mas com energia e poder que o tornem eficiente para seus sagrados propósitos.

Sinto-me na obrigação de afirmar que nosso objetivo não é agradar a clientela, pregar para satisfazer à nossa época, acompanhar o progresso moderno, nem agradar à minoria culta. A obra da nossa vida jamais desfrutará de aceitação absoluta na terra; nossa folha de serviços está no alto, ou do contrário será escrita na areia. Não há necessidade alguma de que sejamos capelães do espírito moderno, pois ela já dispõe de defensores dinâmicos. Seguramente Acabe não precisa que Micaías lhe anuncie coisas benignas, porque há quatrocentos profetas dos bosques que o adulam suficientemente. Tendo pessoas tão eminentemente cultas em constante atividade com suas novas doutrinas, o mundo talvez se contente em permitir que nosso pequeno grupo se atenha à fé antiquada, a qual ainda cremos ser a que uma vez foi dada aos santos. Essas pessoas tão superiores e maravilhosamente avançadas, podem irritar-se que não nos unamos a elas, mas nunca será nosso propósito por um momento sequer estar em harmonia com o espírito da época nem concordamos com o demônio da dúvida que governa atualmente.

Não procuraremos ajustar nossa Bíblia a esta época; porém, pela graça de Deus, antes de encerrarmos nossa luta, ajustaremos esta época à Bíblia. Não cairemos no erro do médico distraído que tendo de coser um ovo, colocou o relógio na caçarola e ficou olhando atentamente para o ovo. Não é o cronômetro divino que há de mudar, e sim, o pobre ovo do pensamento humano. Não vacilaremos; não seremos orientados pela congregação, mas teremos o olhar fixo na Palavra infalível de Deus e pregaremos segundo as suas instruções. Nosso Mestre está sentado no alto e não nas cadeiras dos escribas e dos doutores que regulam as teorias do século. Não nos deixaremos orientar por pessoas acomodadas, nem pelos nossos líderes, nem ainda por ministros que nos precederam.

Quantas vezes temos ouvido excusas em favor de heresias, apresentadas com o objetivo de impressionar aos "jovens raciocinadores". Os moços, sejam raciocinadores ou não, serão impressionados pelo evangelho mais do que por outra coisa, e é loucura pensar que qualquer pregação que omita a verdade seja adequada aos homens, quer jovens ou velhos. Não podemos renunciar à Palavra para agradar a quem quer que seja. Se alguém é inclinado a falsas doutrinas ou está sendo arrastado por má orientação, tanto mais precisamos ensinar-lhe melhor. Os homens se impressionam mais com o evangelho antigo do que com especulações efêmeras. Se alguém deseja pregar mensagem que seja agradável a nossa época, que o faça no poder do diabo, e não duvido que ele fazendo-se servo lhe fará o melhor que pode. Se alguém se afasta da verdade e adota nova teologia, não deve orar pedindo o poder divino a fim de proclamar essa maligna ilusão enganosa; se o fizer, tornar-se-á culpado de blasfêmia destrutiva. Não, irmão, nosso objetivo não é agradar aos homens; nosso desígnio é muito mais nobre.

Inicialmente, *nossa grande aspiração é dar testemunho da verdade*. Creio – e esta convicção vai crescendo em mim – que conhecer a verdade é dom da graça de Deus, e amar a verdade é obra do Espírito Santo. Refiro-me, não ao conhecimento natural, ou a um amor natural das coisas divinas, se é que existe tal coisa; falo de um conhecimento experimental de Cristo e um amor espiritual para com Ele. Essas coisas são tanto o dom de Deus no pregador como a obra da conversão também é nos seus ouvintes. Desejamos conhecer tão completamente a verdade e amá-la de todo o coração a ponto de podermos declarar todo o conselho de Deus da maneira como deve ser feito. Esta não é uma tarefa simples. Proclamar todo o sistema da verdade e dar a cada parte sua devida proporção, não é de modo algum serviço fácil. Apresentar cada doutrina de acordo com a analogia da fé e pôr cada

verdade em seu devido lugar, é algo difícil. Mais fácil é apresentar uma caricatura do formoso rosto da verdade, omitindo uma doutrina e exagerando outra. Conhecer a verdade como deve ser conhecida, amá-la como há de ser amada e depois proclamá-la em espírito amoroso e em suas devidas proporções, não é atividade de pouca importância para criaturas tão frágeis como nós.

Nesta grande e delicada tarefa, precisamos perseverar ano após ano. Que poder há de capacitar-nos para missão tão sublime? Havendo tantos que se queixam da monotonia do evangelho antigo e sentem constante anseio por novidades, tal enfermidade pode infectar nossos próprios corações. Este é um mal contra o qual temos de lutar com todas as forças. Ao nos sentirmos fracos e embotados, não devemos imaginar que a verdade de Deus é assim; pelo contrário, enchendo-nos mais da Palavra do Senhor renovaremos nosso vigor. Continuar sempre firmes na fé, de modo que nosso testemunho seja sempre idêntico em substância ao primeiro, porém mais profundo, mais sazonado, mais seguro e mais intenso – isso é labor tão árduo que para cumpri-lo precisamos do poder divino. Vocês não sentem isso? Se nos propomos ser genuínas testemunhas de Deus, nosso propósito é muito glorioso; no entanto, é indispensável que uma força sobrenatural nos conduza a fim de sermos eficientes no desempenho do difícil encargo.

Nosso objetivo é apresentar um testemunho pessoal de modo que por meio dele outros se convençam da verdade arraigada com tanta convicção em nossa alma. Surgem muitas dificuldades, pois nossos ouvintes não estão ansiosos para crerem na revelação de Deus; aliás, alguns estão desejosos de não fazê-lo. No reinado de Elizabete foi decretado que todos fossem à igreja ao menos uma vez aos domingos. Sendo a maioria ainda católico-romana, era lhe repugnante participar do culto protestante. Li que quando os católicos

iam aos serviços religiosos determinados por lei, punham algodão nos ouvidos para não ouvir. No sentido moral esta prática ainda está em voga. Os homens estão dispostos a escutar certas porções da verdade, mas outras partes lhes são desagradáveis e seus corações se mostram endurecidos. Sabemos como satanás tem cegado com grande eficácia a mente dos ímpios, de maneira que, por mais sábia e persuasivamente que falemos a verdade do evangelho, nada senão um milagre pode convencer aos homens mortos em pecados. Realmente, só uma obra miraculosa da graça conseguirá persuadir alguém a receber o que é tão completamente oposto à sua natureza.

Não poderei ensinar a um tigre as vantagens da dieta *vegetariana; fazer isso seria como tentar convencer a um* homem não regenerado das verdades reveladas por Deus relativas ao pecado, à justiça e ao juízo vindouro. Tais realidades espirituais são repugnantes aos homens carnais e a mente carnal não pode receber o que é de Deus. A mensagem do evangelho é diametralmente oposta à natureza decaída. Ora, se não possuo um poder muito superior à persuasão moral e ao poder de minhas próprias explicações e argumentações, então empreendi uma tarefa na qual seguramente serei derrotado. A menos que o Senhor nos revista do poder do alto, nosso labor será em vão e nossas esperanças hão de terminar em desapontamento.

Isso não é senão o início do nosso trabalho: *nosso mais profundo anelo é reunir um povo que será a herança separada para o Senhor:* surgiu ultimamente uma nova teoria que apresenta como seu ideal um certo imaginário reino de Deus, o qual não é nem espiritual, nem bíblico, nem real. O antiquado sistema de buscar as ovelhas perdidas uma por uma, lhes parece lento; demanda tempo demais e exige reflexão e oração, não deixando suficiente espaço para política, esportes e prazeres musicais. Sugere-se forçar as nações inteiras a

entrar nesse reino imaginário mediante regulamentos de higiene, melhoramentos sociais, sistemas científicos e legislação adequada. Que agrademos ao povo, usando a palavra "democracia" e em seguida diverti-lo até que chegue à moralidade. Esta é a última moda. Segundo essas fantasias, o reino do Senhor há de ser, no final, deste mundo; sem conversão ou novo nascimento, toda a população há de chegar a uma teocracia terrena. Não obstante, não é assim.

Parece que o Senhor vai seguir as normas do Velho Testamento, e que separará para Si um povo que será na terra como os reis e sacerdotes de Jeová, povo próprio, zeloso de boas obras. Constata na Nova Aliança, ainda mais da eleição graciosa, pela qual um povo é separado e consagrado ao Senhor. Por meio dos escolhidos, milhares e milhares nascerão de Deus; mas, fora deles, não conheço outro reino. A eleição da graça, tantas vezes denunciada, é um fato contra o qual não é necessário que os homens falem, posto que não desejam ser eleitos. Nunca posso entender porque um homem deve sofismar pelo fato de outro ter sido escolhido quando ele mesmo não deseja ser escolhido. Se anseia ser eleito para o arrependimento, se deseja a santidade, se anela ser do Senhor, e se tal desejo é verdadeiro, já é um escolhido. No entanto, se não deseja nada disso, por que se rebela contra outros que receberam tal bênção? Perguntem a um ímpio se está disposto a se humilhar, a ser maltratado e perseguido por tornar-se seguidor de Cristo, e escarnecerá da idéia. Se lhe fosse possível estar nessa situação por algum tempo, ele se apressaria a escapar dela. Prefere ir "a deriva" e pertencer à maioria, porém subir contra a correnteza não é do feitio dele. Inclina para uma religião mundana, com farta provisão para a carne. Os prazeres mundanos satisfazem a seus gostos; todavia, andar com Cristo, separado deste mundo e consagrado à obediência, não é sua ambição.

Os irmãos não vêem nisso a necessidade que temos de

um poder extraordinário? Convocar os homens a uma verdadeira separação do mundo, a uma genuína união com Cristo, prescindindo do poder de Deus, é esforço absolutamente inútil. Eles não virão, não têm o menor desejo de vir. Devido tal atitude o Mestre advertiu aos judeus: "Não quereis vir a mim para terdes vida." Lerão na Bíblia: "Examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna", mas mesmo assim não se disporão a vir ao Senhor. Isso seria demasiadamente espiritual para eles. A ordem "arrependei-vos e crede no evangelho" é muito dura, penetrante e humilhante para eles. Não seria tudo isso suficiente para oprimir-nos? Ousaríamos prosseguir, a menos que sejamos cingidos do poder celestial?

Cuidado! Apenas iniciamos. São chamados; todavia há algo mais a ser feito por instrumentalidade do nosso ministério: *nossos ouvintes têm de ser gerados de novo, feitos novas criaturas* em *Cristo,* ou do contrário a pregação nada produzirá neles. Ah, meus amigos, entramos em águas profundas quando chegamos a este grande mistério! Acaso o homem natural nada entende destas coisas? Perguntem aos doutores se entendem isso e eles tentarão esconder sua ignorância por meio da zombaria. Outras pessoas admitem que isso ocorra, mas pessoalmente não compreendem.

Pensemos na nossa enorme tarefa. Quão sublime privilégio é o nosso de sermos, nas mãos de Deus, os progenitores espirituais dos homens! Não podemos criar nem uma simples mosca; muito menos um coração novo e um espírito reto. Formar um mundo seria coisa mais fácil do que produzir uma vida nova num homem ímpio, pois na criação do mundo nada havia que se opusesse a Deus, enquanto na criação de um coração novo a velha natureza se opõe ao Espírito. Tentem realizar a regeneração de uma criança em sua Escola Dominical e se convencerão de haver chegado ao limite de seus recursos. Se nosso objetivo é a conversão dos nossos ouvintes,

prostremo-nos perante o Senhor conscientes da nossa total impotência, e não voltemos ao púlpito até que possamos ouvir Sua resposta: "Minha graça te basta; meu poder se aperfeiçoa na fraqueza".

Após esse passo, lembrem que *os que são trazidos a Deus hão de ser guardados e preservados até ao fim,* e aspirem que seu ministério se torne o meio de livrá-los de tropeços e de preservá-los no caminho da justiça até o final. Porventura vocês propõem fazer isso por si mesmos? Que presunção! Observem as tentações que infestam as grandes cidades. Suponho que as seduções do mal são semelhantes nas pequenas cidades, mesmo que variem nas formas. Seu nome é legião, porque são muitas. Considerem as tentações que assaltam nossos jovens mediante a literatura moderna. Não é de admirar que tantos caíam. Contudo, isso é apenas uma das muitas influências mortíferas.

Quão numerosas as perdas em nossas igrejas! Mesmo os ministros mais fiéis lamentam o afastamento de muitos que pareciam correr bem, mas retrocederam e já não obedecem à verdade. Apesar de tudo, nos propomos ser, nas mãos de Deus, o meio de conduzir as ovelhas de Cristo a pastos verdes e a prosseguir conduzindo-as até que venham a se alimentar nas esferas celestiais, tendo o grande Pastor pessoalmente no meio delas. Mas que responsabilidade assumimos! Como podemos guardá-las incontaminadas da Sodoma que nos rodeia? Como conseguiremos no final dizer: "Eis-me aqui, e os filhos que Deus me deu"? É-nos absolutamente impossível, irmãos, mas Deus o pode, por meio de nós, pela energia da Sua graça.

Se temos meia dúzia de convertidos, como louvaremos a Deus se conseguirmos entrar com todos eles, já fora de perigo, pela porta de pérola! Aqueles que levaram grande número ao Salvador, necessitarão de poder infinitamente maior para preservá-los até ao fim! Podemos anunciá-los

como nossos convertidos e nos sentirmos agradecidos por eles, todavia, podemos sofrer amarga decepção se se apartarem de nós para a perdição. Que pena sermos considerados ricos no serviço e de repente perceber que nossos tesouros se dissipam porque, apesar das aparências, muitos não haviam sido verdadeiramente unidos ao Senhor Jesus! "Para isto, quem é idôneo?" Somos todos extremamente fracos. Se não houver a operação miraculosa do poder divino, fracassaremos por completo. O caminho é submeter-nos à Onipotência para que ela opere por nosso intermédio. A obra sobrenatural exige um poder sobrenatural. Se não o possuímos, não tentemos trabalhar só, para que não ocorra como no caso de Sansão, quando perdeu a força e se tornou joguete nas mãos dos filisteus.

Esta força sobrenatural é o poder do Espírito Santo, a força de Jeová mesmo. É maravilhoso que Deus condescendesse a realizar Suas maravilhas de graça por meio de homens. É estranho que, em vez de ordenar com os próprios lábios: "Haja luz", Ele transmita as palavras iluminadoras por meio de nossa boca. Em vez de criar novo céu e nova terra onde habita a justiça, por simples mandato do Seu poder, Ele Se une à nossa fraqueza e desse modo realiza Seu propósito! Acaso não se maravilham de que Deus tenha depositado Seu evangelho nestes pobres vasos de barro, realizando milagres por meio de mensageiros que pessoalmente são tão incapazes de ajudá-lO nas partes essenciais de Sua obra celestial? Transformem sua admiração em adoração e acrescentem um fervente clamor suplicando poder divino. Ó Senhor, opere através de nós para o louvor da Tua glória!

Vejamos agora como alcançar o poder que tanto desejamos. NECESSITAMOS DE SENTI-LO EM NÓS QUANDO RECEBEMOS A MENSAGEM. Para demonstrar poder em público, temos de recebê-lo em secreto. Espero que nenhum

irmão aqui se atreveria a transmitir à congregação algo que não tenha recebido do Senhor, pois o feito por si mesmo, sem unção divina, nada valeria. Palavras proferidas por nossa conta, sem orientação divina, cairão no vazio. Antes de ir à porta receber o visitante, o porteiro interroga ao senhor o que deve dizer. Somos servos em serviço na casa de Deus, devendo apenas comunicar o que nos foi ordenado. O Senhor concede a mensagem para a salvação das almas e a reveste de poder; outorga-a a certa classe de pessoas, quando são observadas determinadas condições.

Entre essas condições, observo inicialmente *simplicidade de coração.* O Senhor se revela mais àqueles que estão mais vazios de si mesmos. Os que possuem menos de si alcançarão mais de Deus. Ele pouco se preocupa se o vaso é de ouro ou de barro, contanto que esteja limpo e não dedicado a outros usos. Só então está preparada a taça para receber a água da vida. Se houvesse algo nela antes, adulteraria a água pura da vida; mesmo que houvesse algo puro, também ocuparia parte do espaço que o Senhor deseja para Sua própria graça. Portanto, o Senhor nos esvazia para que estejamos livres de preconceitos, auto-suficiências e conclusões preconcebidas quanto ao que deveria ser Sua verdade. Ele deseja que sejamos como crianças, que crêem no que o Pai lhes diz. É preciso que renunciemos a toda pretensa sabedoria. Alguns estão demasiadamente seguros de si mesmos para que Deus os possa usar. Ele não tolera o orgulhoso "eu", o qual deve reduzir-se à mínima expressão, até que se tome o mais insignificante que se possa conceber. Oh, que Deus nos livre de nós mesmos! Oxalá pudéssemos deixar de pensar em nossa própria prudência!

Há pregadores que se julgam pessoas importantes. Assim, quando recebem a mensagem de Deus, a corrigem, intercalando suas próprias idéias; crêem que o evangelho antigo não se adapta à nossa época de progresso. Não só acrescentam,

como omitem, julgando que certas verdades perderam o vigor com o passar dos anos. E entre as adições e as subtrações, pouco resta da pura Palavra de Deus. Os apóstolos são os primeiros a serem rejeitados, como se o Espírito de Deus não houvesse falado através de Paulo com tanta autoridade como quando falou por meio de Cristo. O Senhor Jesus afirmou: "A palavra que ouvistes não é minha, mas daquele que me enviou". Mas na grande oração intercessória rogou pelos que haviam de crer nEle mediante testemunho dos Seus servos, significando que, se não cressem por meio deles, não creriam de modo algum. João, referindo-se a si mesmo e a seus companheiros de apostolado, declarou pelo Espírito Santo: "O que conhece a Deus, nos ouve; quem não conhece a Deus, não nos ouve. Por isto conhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro". Irmãos, que o Senhor nos conceda *grande humildade de mente!* Não deve ser coisa extraordinária o aceitarmos o que Deus diz. Não há necessidade de muita humildade para que pobres criaturas como nós se sentem aos pés de Jesus. Deveríamos considerar como elevação para nossos espíritos o jazer prostrados ante a sabedoria infinita. Não há dúvida de que isso é o necessário para recebermos o poder que vem de Deus.

A força divina reveste ao homem junto com sua mensagem quando *seu olho é simples.* Deseja honesta e afanosamente saber qual o pensamento de Deus e aplica todas as faculdades a fim de receber a comunicação divina. Enquanto absorve a mensagem sagrada, através de uma entrega completa da alma, decide transmiti-la com toda a concentração de sua energia mental e espiritual, visando à glória de Deus. A menos que tenha o olho simples e que o seu olhar contemple a Cristo e Sua glória na salvação dos homens, Deus não o usará.

Há certos defeitos que impedem a alguém ser usado por Deus, e tudo que se pareça com um motivo errado é um deles. Irmãos, se seus objetivos são ganhar dinheiro, buscar

comodidades, conseguir aplausos, ou alcançar posição, ou mesmo exibir talento oratório, não estão prontos para o uso do Mestre. Deus não tolera que sejamos absorvidos por desígnios secundários. Quão desprezível é a idéia de um ministro que age dando a impressão de tolo exibicionismo! Tem a incumbência de transmitir a mensagem do Senhor, mas seu ideal é que a congregação comente: "Que jovem tão agradável! Como fala corretamente!" A exibição de si mesmo destrói o poder. Deus não pode abençoar a homens com idéias tão mesquinhas. Longe da dignidade do Senhor utilizar um instrumento tão inepto para Seus sublimes propósitos.

Amados, observo que Deus confia Suas mensagens aos que estão *completamente submissos* a *Ele.* Falando com certos irmãos ou lendo seus escritos, pergunto a mim mesmo quem é o Senhor e quem é o servo, se o homem, ou Deus. Lamento seus erros e aflijo-me ainda mais pelo espírito demonstrado. É claro que perderam a santa reverência para com as Escrituras indicadas por expressões como "Trema da minha Palavra". Em vez de tremerem, eles gracejam. A Palavra não é seu mestre, mas objeto de suas críticas. Para muitos, a verdade do Senhor já não está entronizada em lugar de honra, mas a tratam como se fosse uma bola, para dar-lhe patadas a seu gosto; os apóstolos são tratados como homens comuns, com os quais os sábios modernos se colocam em pé de igualdade. O Senhor não pode operar por meio de alguém que se rebela contra Ele. É preciso que demonstremos atitude reverente, que nos tornemos "como meninos" ou não entraremos no reino dos céus.

Quando alguns homens estiverem na hora da morte, a religião que idealizaram e inventaram para si não lhes produzirá mais confiança que a do escultor católico-romano que, no seu leito de morte, foi visitado pelo sacerdote que procurava confortá-lo: "Vai partir desta vida", e, erguendo

um formoso crucifixo, exclamou: "Contemple seu Deus que morreu por você". "Ai de mim", respondeu o moribundo, "*fui* eu *quem o fez.*" Não encontrava consolo na obra de suas próprias mãos; de igual modo, não haverá conforto numa religião que alguém elabora. O que foi criado na mente não pode satisfazer ao coração. Irmãos, creio naquilo que eu não poderia ter inventado. Creio no que não posso entender. Creio no que Deus me obriga, e Lhe rendo graças por me indicar uma rocha mais alta do que eu. Se não fora mais alta, não me serviria de refúgio.

"Mas, apesar de tudo, diz alguém, é preciso que estudemos ativamente a literatura da época, e a ciência do nosso tempo." Sim, não disse que não o façam; mas que seja em subordinação à Palavra de Deus. Na lei cerimonial aparece instrutivo preceito que exclui para sempre o uso de certos objetos no serviço do Senhor. Relembro-os com verdadeiro temor: "Não trarás preço de prostituta, nem preço de cães à casa de Jeová teu Deus". Interrogo-me se, ao citar determinados poetas e autores, não estamos desrespeitando tal estatuto. Quando as vidas dos homens são impuras e muitos dos seus princípios mundanos, deveríamos vacilar muito antes de citar sua linguagem. O blasfemador do Deus vivo não deve ser nem mencionado na casa do Senhor, por belas que pareçam ser as produções do seu coração rebelde. De qualquer forma, tudo que é do homem, mesmo que seja o melhor deles, há de ficar totalmente subordinado à Palavra do Senhor.

Acrescento que, se Deus há de usar-nos, deve haver uma *profunda seriedade de coração.* Permitam-me lembrá-los do texto: "Para este olharei... o que treme da minha Palavra". Habacuque descreve sua experiência: "Ouvi, Senhor, a tua palavra e temi". Quando George Fox foi chamado *tremedor* porque tremia diante do nome de Deus, o título foi uma honra para ele. Ele estava possuído por Deus de tal maneira, que tremia com todo o ser.

Tal experiência não é estranha ao verdadeiro filho de Deus. Deus jamais Se manifesta a nós sem fazer-nos tremer. Somos tão débeis e essas manifestações divinas são tão poderosas, que produzem nós um temor reverente, não restando espaço para pensamentos levianos.

Evitem, irmãos, dissipar o tempo no preparo de sermões. Alguém diz que gasta muito pouco tempo em prepará-los. Não se orgulhem disso; talvez seja seu pecado. Se acontece que um ministro possa compor rapidamente um sermão, precisamos recordar que isso é o resultado de esforço de muitos anos. Mesmo aquele que, segundo dizem, sabe falar de improviso, não o faz realmente; apenas transmite o que armazenou durante longo período de tempo. O moinho está cheio de trigo; portanto, quando se põe o saco no lugar devido, fica cheio de farinha com rapidez. Não considerem a preparação para o púlpito algo de secundária importância; não se lancem aos deveres sagrados sem se prepararem devotamente para um culto santificado. Que a espera diante de Deus em oração se constitua um hábito em sua vocação, e ao mesmo tempo seu mais elevado privilégio. Considerem gozo e honra manter um encontro com seu Mestre. Até o maná cheira mal se o guardarem mais do que o tempo devido; portanto, recebam-no diretamente do céu e então terá sabor e aroma celestiais.

Acrescentarei algo nesta divisão. O poder que tanto necessitamos ao receber a mensagem só virá quando houver *afinidade com Deus.* Sabem o que é sentir uma terna afinidade com Deus? Talvez nenhum de nós sabe o que seja afinidade *perfeita* com Deus; contudo, é necessário que estejamos em comunhão tão íntima com Ele que sintamos que Ele nada possa dizer ou fazer que precisaríamos questionar. Não poderia duvidar de nenhuma verdade que Ele revele, nem discutir mesmo no íntimo do coração nada que Sua vontade decida. Se algo em nós não está em perfeito acordo com o

Senhor, julguemos isso um mal e gemamos desejando ser livres dele. Se alguma coisa em nós contende contra Deus, lutemos contra isso, pois somos um com Ele em intentos e desejos. Hoje em dia ouvimos falar a respeito da afinidade com o homem, e, até certo ponto, estamos de acordo com tal coisa. Solidariedade com os caídos, os que sofrem, os perdidos; boa coisa é essa; mas minhas afinidades estão sempre com o Senhor meu Deus. Seu nome está sendo desonrado; Sua glória está sendo arrastada na lama. O mais maltratado de todos é o Seu amado Filho ensangüentado. Pensar que Ele haja amado de tal maneira, e não obstante, seja desprezado! Que uma beleza como a Sua passe despercebida, que tal redenção seja rejeitada e tal misericórdia seja depreciada! Que são os homens, depois de tudo, comparados com Deus? Se são como eu, que pena que hajam sido criados! Quanto a Deus, não enche Ele todas as coisas de bondade e essência?

Para mim, o calvinismo significa colocar o Deus eterno à frente de todas as coisas. Contemplo a tudo em sua relação com a glória de Deus. Vejo Deus em primeiro lugar, e o homem no último lugar da escala. Pensamos demasiadamente em Deus para ser do agrado de nossa época; mas não nos envergonhamos. O homem tem uma vontade e como a propaga! Dizia alguém há pouco – e existe algo de verdade nisto – "atribuo uma espécie de onipotência à vontade humana". Mas, também não possui Deus uma vontade? Que atribuem a essa vontade? Nada têm a declarar a respeito da Sua onipotência? Será que Deus não tem escolha nem propósito ou soberania sobre Seus próprios dons? Se vivemos em afinidade com Ele, nos deleitamos em ouvi-lo dizer: "Eu sou Deus, e não há outro".

Apenas posso expressar-lhes quanto valor atribuo a este entusiasmo por Deus. É preciso que estejamos em harmonia com todos os Seus desígnios de amor para com os homens, enquanto em secreto recebemos Sua mensagem. Chegar a

parecer muito fervorosos no púlpito, não significa grande coisa a menos que vivamos muito mais intensamente quando estamos a sós com Deus. O fogo do coração é o fogo genuíno. A esposa que mantém o hábito de preparar seu próprio pão, não quer que haja uma grande brasa na boca do forno. "De modo nenhum desejo que a lenha fique no interior do forno, para aquecê-lo devidamente, pois só assim me será útil." De igual modo, os sermões não são aquecidos com fogo exterior; devem ser preparados com o calor do mais íntimo da alma. Essa preciosa Palavra, esse divino pão da proposição, há de ser assado no centro de nossa natureza pelo calor produzido pelo Espírito que habita em nós.

O Senhor Se deleita em usar o homem que esteja em perfeita solidariedade com Ele. Deus Se compraz na afinidade com Seus filhos. Se você está pesaroso até ao ponto de chorar, e seu filhinho lhe diz: "Papai, não chore" ou pergunta: "Por que chora, papai?", e então começa a soluçar também, isso não o confortaria? Pobre criança, não entende o que se passa; mas você diz: "Bendito seja, querido", e então o beija, e se sente consolado por ele. De igual modo o Senhor observa o pobre ministro amargurado e clamando na Sua presença: "Senhor, não querem vir a Ti; não crêem na Tua Palavra. Correm atrás do mal, em vez de serem convertidos a Ti. Se eu lhes oferecesse vaidades e divertimentos, viriam em grande número; mas quando lhes prego o Teu amado Filho, não me escutam". O poderoso Deus começa a participar das suas angústias, e acha um suave contentamento no afeto do seu coração. Deleita-Se em acolher ao que se solidariza com Ele, e em dizer-lhe: "Vai, meu filho, e opera em meu nome; pois posso confiar meu evangelho em suas mãos". Chegue-se a Deus e Ele estará com você; abrace a Sua causa, e Ele defenderá a sua. Não pode haver dúvidas quanto a este fato.

Acompanhem-me, irmãos, enquanto tratarei do PODER DE QUE NECESSITAMOS QUANDO ESTAMOS TRANSMITINDO A MENSAGEM.

Se há de provir um resultado divino da Palavra de Deus, é indispensável que o Espírito Santo a use. Do mesmo modo que Deus ia à frente dos israelitas quando separou as águas do Mar Vermelho e os conduziu através do deserto por meio da coluna de nuvem e de fogo, assim também é preciso que a poderosa presença do Senhor acompanhe Sua Palavra a fim de ser abençoada. Como, pois, havemos de obter essa bênção inapreciável? As grandes forças naturais estão no mundo, e quando os técnicos desejam utilizá-las, agem de maneira apropriada. Não podem criar a força por meio de máquinas, porém conseguem usá-la ou controlá-la. Também podemos ser beneficiados utilizando certos métodos para reduzir ao mínimo as influências deste mundo mau, com o qual estamos inevitavelmente em contato. A experiência de cada um demonstrará a importância de agir desse modo. Como há um tipo de eletricidade produzida mediante fricção, também podemos receber força entrando em contato com Deus, e por meio do efeito espiritual da verdade quando ela opera sobre um coração bem disposto e obediente. Ser tocado pelo dedo de Deus, ou ao menos alcançar a orla da túnica do Mestre, é revestir-se da energia celestial. Aproximem-se constantemente de Deus em santo diálogo, permitindo que lhes fale mediante Sua Palavra enquanto se dirigem a Ele por meio de suas orações e louvores. Nisso serão fortalecidos.

O maior gerador de energias de que dispõe o homem é o calor. Suponho não haver nada que produza tanto poder para uso humano como o fogo; de igual modo, o elemento ardente e consumidor do mundo espiritual é o segredo do desenvolvimento da força espiritual. É preciso que sejamos absolutamente ferventes e necessitamos sentir a brasa de um zelo que nos consuma, ou do contrário teremos muito

pouca força. *Precisamos diminuir;* é necessário que ardamos se desejamos ser luzes que brilham. Não podemos salvar nossas vidas e salvar os demais; é preciso que haja uma crucificação do "eu" para que outros sejam salvos.

Para que tenhamos o Espírito Santo atuando em nós, é preciso que haja *uma adesão muito íntima à verdade de Deus,* com clareza, audácia e fidelidade na declaração da mesma. Não basta possuir um credo ou adotar uma "confissão de fé". Se não existir crença firme no coração quanto à verdade, esses preciosos documentos se tornarão papéis inúteis. Tais declarações mencionadas podem ser comparadas a bandeiras, que se mostram úteis quando conduzidas por soldados valentes, ou ornamentos ridículos se usados para fins secundários. Certo professor numa ocasião ministrava aula sobre patriotismo e nacionalidade. Estando a bandeira nacional pregada ao lado da sala, o mestre perguntou a um garoto: "Vejamos, que bandeira é essa?" "É a bandeira inglesa, senhor." "E para que serve?" O sincero menino respondeu: "Usa-se para encobrir o sujo da parede". Não necessito interpretar a parábola. Muitos adotam ortodoxia apenas como pretexto a fim de encobrir o erro secretamente defendido.

Pelo contrário, amados, apeguem-se à verdade, pois ela não nos abandona. Onde quer que os conduza, sigam-na; por toda parte e em qualquer circunstância, acompanhem-na de perto, temendo apenas afastar-se dela.

A verdade divina é o melhor dos hóspedes; sejam hospitaleiros para com ela, como o fez Abraão com referência aos anjos. Não meçam sacrifícios para apoiá-la; ela concede uma rica bênção aos que se negam a si mesmos por amor a ela. Mas não acolhem a nenhuma das invenções humanas, pois os trairão, como Judas a Cristo com um beijo. Não se assombrem ante as caricaturas da verdade fabricadas por mentes maliciosas. Hoje em dia é norma entre os homens deturpar as doutrinas do evangelho. Eles me lembram de Voltaire, de

quem se disse ser capaz de tomar qualquer livro nos tempos da perseguição: envolviam os cristãos em peles de urso, e em seguida lançavam os cães sobre eles para que os despedaçassem. Moralmente nos tratam de igual modo quando defendemos alguma doutrina pouco popular. Fiquem certos de que, como não podem vencer a verdade mesma, fabricam uma imagem dela, a enchem de palha, e a queimam com euforia pueril. Que eles desfrutem de tais divertimentos o quanto desejarem.

Irmãos, não creio que Deus porá Seu selo sobre um ministério que não se caracterize de estar estritamente de acordo com a mente do Espírito. Na proporção em que seja genuíno, Ele pode abençoá-lo, se as demais condições são as mesmas. Gostariam que o Santo Espírito aprovasse uma mentira? Quereriam que Ele recompensasse o que não revelou, e confirmasse com sinais o que não é verdadeiro? Estou cada vez mais persuadido de que se nos propomos ter Deus conosco, é preciso que nos cinjamos à verdade. É uma regra quase invariável, que quando os homens se afastam da verdade antiga, raramente são eficazes em ganhar almas.

Tenham uma fé genuína na Palavra de Deus e *no seu poder para salvar:* não subam ao púlpito pregando a verdade e dizendo: "Espero que isto resulte nalgum bem"; pelo contrário, creiam firmemente que não tornará vazia, mas realizará o eterno propósito de Deus. Não falem como se o evangelho talvez tenha algum poder, ou talvez não tenha nenhum. Deus nos envia a operar milagres; portanto, ordenem aos que estão espiritualmente aleijados: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levantem-se e andem!" e eles serão restaurados! Mas se disserem: "Espero, amigo, que Jesus possa fazê-lo levantar e andar", o Senhor franzirá o cenho ao ouvir palavras tão desonrosas; se rebaixarem Cristo e O fizerem descer ao nível de sua incredulidade, Ele jamais fará maravilhas por

meio de vocês. Falem ousadamente; se falarem no poder do Espírito, não o farão em vão.

Oxalá pudéssemos fazer com que nossos ouvintes cressem no que dizemos! Citaram-me o caso de uma criança cujo pai, ministro, lhe havia contado uma anedota, a qual perguntou: "Papai, isso é verdade ou é pregação?" Podem sorrir, mas é melhor chorar quando se chega a suspeitar que a pregação seja algo irreal. É algo lamentável que a congregação leia uma notícia no jornal e dê-lhe crédito, mas ao escutar um sermão, conclui: "É apenas uma opinião piedosa". Isso ocorre por falta de fidelidade dos ministros. Quanto a nós, adotemos a norma: "Cri, por isso falei". Tenhamos confiança genuína em tudo quanto Deus revelou. Confiem, não apenas na Sua verdade, porém também no Seu poder. Demonstrem fé na absoluta certeza de que, se é pregado, Deus produzirá resultados gloriosos.

Cingindo-nos estreitamente à verdade por meio de uma fé tenaz, estamos em condições de esperar as bênçãos de Deus. Além disso, na pregação deve haver *concentração do coração no trabalho a que nos dedicamos.* Nunca prosperaremos em nossa sagrada vocação se dividimos as energias com outras atividades. O homem que se dedica a meia dúzia de coisas quase sempre fracassa em todas. Não é de estranhar. Não possuímos suficiente água para movimentar vários moinhos. A mensagem de Deus merece toda a nossa capacidade. Se não estamos inteiramente envolvidos no trabalho, não podemos esperar resultados satisfatórios. Temos de servir ao Senhor com toda a diligência, se realmente esperamos ser eficazes em nossa santa ocupação.

Se queremos que o Senhor nos acompanhe na transmissão de nossa mensagem, *sejamos genuinamente fervorosos e cheios de um zelo vivo.* Sermões estudados durante dias, anotados, lidos, relidos, corrigidos e emendados, correm grande perigo de serem demasiadamente rígidos e secos. Jamais alcançarão

boa colheita, se plantarem batatas *cozidas*. A música que ouvimos pela manhã na primavera contém uma vivacidade que as aves prisioneiras não podem alcançar; está cheia de arrebatamento e demonstra variedade e sentimento. É algo festivo escutar a um pregador local realmente bom, expondo sua experiência de como chegou a Cristo, relatando-a a seu modo, cordialmente e sem afetação. Um testemunho simples e sincero é semelhante às uvas recém recolhidas da vinha; quem preferiria um punhado de passas? Muitas vezes o pregador refinado é ouvido com atenção pela sua inteligência e suas palavras são cuidadosamente empregadas, mas, apesar de tudo, o resultado é negativo, produzindo um odor desagradável como azeite rançoso. Dêem-nos sermões, e livrem-nos de ensaios!

Se a vida do sermão se fortalece mediante a preparação, preparem-no até onde for possível; mas se a sua alma se evapora durante o processo, qual o bem produzido por tão penoso labor? É uma espécie de assassinato que cometem com o sermão, secando-o até que morra. Não creio que Deus o Espírito Santo tenha em grande estima o clássico de sua composição; não acredito que o Senhor Se deleite em sua retórica, em sua poesia, ou mesmo naquela formosa peroração do final do discurso, à semelhança da exibição final de antigas diversões, quando uma profusão de fogos de artifício servia para concluir o festival. Nem sequer tão magnífica apoteose é usada pelo Senhor para produzir a salvação dos pecadores. Se no sermão há fogo, vida e verdade, o Espírito operará por meio dele, mas somente em tal caso. Sejam fervorosos, e não necessitarão de ser elegantes.

O Espírito Santo nos ajudará em nossa mensagem *quando existir em nós inteira dependência dEle.* Em princípio, todos aceitamos esta verdade. Entretanto, dependemos inteiramente do Espírito? Ele não recompensaria a ninguém que, subindo ao púlpito, falasse do que lhe viesse à mente, sob a pretensão

de dependência dEle. Não há dificuldades práticas em reconciliar nossos próprios esforços fervorosos com a humilde dependência de Deus; mas é muito difícil fazer que pareça lógico quando estamos tão-somente discutindo uma teoria. É a antiga dificuldade em reconciliar a fé com as obras.

Em tudo deve haver meio termo. Não oraria ao Senhor que me guardasse, ao mesmo tempo deixando de fechar a porta ou deixando a janela escancarada. Igualmente não devo pedir a bênção do Espírito, subindo ao púlpito sem haver pensado cuidadosamente no meu texto. Mas se preparar os pensamentos e expressões tão minuciosamente que nunca, variasse a forma, minha fé seria afogada por tantas obras, por assim dizer, que não permitiriam liberdade de ação. Não vejo onde fica a oportunidade para o Espírito de ajudar-nos na pregação, se todos os jotas e tis estão previstos de antemão. Enquanto estão pregando, creiam que Deus pode dar-lhes, naquela mesma hora, o que têm de falar; e pode fazer-lhes dizer algo em que não haviam pensado antes; e fazer com que as palavras sugeridas se tornem exatamente aquela parte do discurso que vai alcançar profundamente os corações, em vez daquilo que tinham planejado. Não reduzam sua dependência do Espírito à mera frase; esforçem-se para que, cada vez mais, se torne realidade.

Sobretudo, irmãos, se almejam a bênção de Deus, *mantenham-se em constante comunhão com Ele.* Pode o cristão expor-se ao perigo de ficar fora desta comunhão? *Nunca.* Se andamos sempre com Deus, e agimos para com Ele como uma criança em relação a um pai amoroso, de modo que o espírito de adoção esteja sempre em nós, e o espírito de amor emane constantemente de nós, pregaremos com poder, e Deus abençoará nosso ministério; pois então conheceremos e apresentaremos os pensamentos de Deus.

Acrescentamos que, se pretendemos desfrutar do poder divino, *é preciso que manifestemos alto grau de santidade de vida.*

Não pediria a nenhum irmão que professasse ter vida mais elevada que os demais crentes; se o fizesse, suspeitaríamos não ter humildade suficiente. Não convidaria nenhum irmão a declarar que tem mais santidade que os outros ministros; se o dissesse, poderíamos temer que ao colocar um letreiro externo simplesmente demonstraria que a graça estava ausente. Mas é indispensável que possuamos uma santidade em nível elevado. Como pode Deus abençoar uma vida pouco santa? É lastimável que os atos de transigência com o mundanismo sejam atualmente, não apenas tolerados, porém nalguns setores até elogiados como prova de mentalidade elevada.

Pessoas mundanas observam com desdém costumes relaxados num pregador. Certo clérigo era viciado no jogo de cartas. Quando um vizinho foi convidado a ir à igreja, cujo templo ficava próximo da casa, respondeu que não iria ouvir um jogador de baralho. "Mas você também joga", disse-lhe seu amigo. "Sim, contudo não confiaria minha alma a um viciado. Quero que meu guia espiritual seja melhor do que eu." Tal objeção se presta a muitas críticas, mas contém forte dosagem de bom senso. Desse modo é que o mundo julga as coisas. Ora, se mesmo os mundanos reconhecem que homens que dissipam o tempo com coisas frívolas não são dignos para seu trabalho, podem estar seguros de que o Espírito Santo não tem melhor conceito sobre eles, estando penosamente ofendido de que haja intrusos pouco espirituais e pouco santos na sagrada função. Se somos capazes de mentir, nos revelamos pouco afáveis para com os familiares, se não pagamos nossas dívidas, se nos destacamos como superficiais ou não nos dedicamos à devoção, como podemos esperar bênção? "Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor." Repetimos, Ele não olha se somos de madeira ou de barro, mas exige que o vaso esteja limpo. Oh, como almejamos que Deus nos mantenha puros, e então nos tome em Suas mãos para Seus propósitos!

Igualmente, se temos de ser revestidos do poder do Senhor,

é preciso que sintamos um intenso anelo pela glória de Deus e pela salvação dos filhos dos homens. Mesmo que alcancemos êxito, temos de desejar mais. Se Ele nos tem concedido muitas almas, devemos desejar ardentemente mil vezes mais. Estarmos satisfeito com os resultados obtidos será o princípio do fim do progresso. Nenhum homem é bom se julga que já não pode melhorar. O que crê ser bastante santo, não possui santidade, o que pensa ser suficientemente útil, não tem utilidade. O desejo de honrar a Deus aumenta à medida que cremos. Simpatizamos com Welch, aquele santo ministro de Suffolk, a quem viram sentado chorando, e alguém lhe perguntou: "Por que chora?" "Não posso dizer", replicou. Todavia, quando insistiram muito, ele respondeu: "Choro por não ser capaz de amar mais a Cristo". Tal homem era conhecido por toda parte por sua profunda dedicação ao Mestre, mas sentia profundamente por não poder consagrar-se ainda mais. O ministro mais santo é o que clama: "Miserável homem que sou!" Os crentes comuns não suspiram assim. O pecado só chega a ser extremamente doloroso para os que são extremamente puros. A ferida do pecado, que para os tolerantes seria menos que uma picada de alfinete, para eles significa um golpe de punhal. Se sentimos grande amor por Jesus, e profunda compaixão pelos que perecem, não ficaremos inchados com os grandes êxitos; senão que suspiramos e clamamos pelos milhares ainda não convertidos.

O amor pelas almas influirá de vários modos em nosso ministério. Entre outras coisas, nos fará simples no falar. Não devo empregar um termo difícil que a alma afligida não possa entender, pois ele não consegue transmitir-lhe alívio. É bonito construir frases altissonantes, mas não passa de um divertimento, e não serve para os nossos importantes fins. Alguns tentam impressionar os ouvintes pela profundidade dos pensamentos, revelando mero apego às palavras formosas. Ocultar coisas simples em frases obscuras é um jogo, porém

não serviço a Deus. Se amam melhor aos perdidos, amarão menos as frases. Quando a mãe se dirige às crianças, emprega a linguagem mais simples, para que elas compreendam; isso demonstra bom senso e grande interesse por elas, pelas quais ela deseja todo o bem.

O amor, quando se dirige aos homens, esquece a dignidade e os primores literários, e só pensa em transmitir o significado, em comunicar a bênção. Estender diretamente o nosso coração sobre outro coração, é melhor do que adorná-la com a pintura e o verniz de brilhante fraseologia. Há uma acertada maneira de tratar as pessoas, e essa arte se adquire através de um amor intenso. Como aprendem as jovens mães a criar os filhos? Haveria alguma academia que ensine a ser mãe? Já fundaram algum grêmio de maternidade? Não; o amor é o grande mestre, fazendo com que a jovem mãe alcance um entendimento rápido do que é melhor para o filhinho. Cheguem a amar muito a Cristo e às almas imortais, e é maravilhoso como sabiamente adaptarão seus ensinos às necessidades dos que os rodeiam.

Mencionarei mais algumas coisas necessárias para o pleno desenvolvimento do poder que regenera os pecadores e edifica os santos. *Devemos prestar muita atenção aos que nos cercam.* Não é tão fácil pregar num lugar nunca antes visitado como é na sua igreja, cercados de pessoas que os amam e oram por vocês. Quando vamos a certas reuniões, frias como geladeiras, não nos sentimos felizes, observando que não existe atmosfera de avivamento, orvalho restaurador nem sopro celestial. Como seu Mestre, não podem fazer nada por causa da incredulidade em volta. Não há corações que correspondem aos seus. Observem um grupo sonolento ou uma sociedade de críticos. Sua fervorosa mensagem não encontra o acolhimento da boa vontade.

Quando pessoas se aproximam com grande desejo de ouvir, demonstrando intensas esperanças de receber a bênção, cada palavra tem o seu devido peso. Mas se a congregação nada

espera, geralmente nada acha, ainda no melhor dos pregadores. Quando está disposta a dar a devida importância ao que ouve, sempre ocorre receber o que vem buscar. Sem dúvida nosso trabalho é muito afetado, para o bem ou para o mal, pelo estado da congregação, da igreja, dos líderes.

Certas igrejas estão em tal condição que são capazes de frustrar qualquer ministério. Se os líderes soubessem quão limitado é o seu ministro, o qual lhes pede para orar sempre em seu favor, eles o fariam carinhosamente. Isso nos deve levar à sábia medida de preparar homens na prática da oração. Além disso, é provável que nos ouçam melhor depois de terem intercedido por nós. Como desejamos ser rodeados por um grupo de homens cujos corações foram tocados pelo Senhor! Se temos em torno de nós uma congregação santa, seremos mais capazes de pregar.

Um povo santo, que vive o que prega, constitui a melhor plataforma para um pregador cristão. Cristo subiu ao monte e ensinou à multidão; quando tiverem ao seu redor um grupo de pessoas santas, subirão, por assim dizer, ao monte, e dessa elevação adequada, falarão com o povo. Necessitamos de um povo santo, mas infelizmente não raro há um Acã no acampamento. As capas babilônicas e os lingotes de prata estão em grande demanda, e a fé fraca afirma que não pode prescindir dessas coisas. A política carnal sussurra: "Que faremos com as despesas da igreja, se o irmão rico se retirar? Temos poucos abastados, e precisamos fazer um esforço especial para conservá-los conosco". É assim que a maldição tem oportunidade para minar nossas igrejas e derrotar nossos ministérios. Se essa peste infecta o ar, mesmo que preguemos até cair a língua, não ganharemos almas. Um homem pode ter mais poder para o mal que cinqüenta pregadores para o bem. Que Deus nos conceda um povo santo, que ora, a quem Ele possa abençoar!

Se queremos grande bênção, precisamos manter a congregação

unida. O Espírito Santo não abençoa um grupo de professores em disputa. Os que estão sempre contendendo, não pela fé, mas por diferenças mesquinhas e zelos familiares, dificilmente atrairão à Igreja o Espírito da paz. A falta de unidade sempre demonstra falta de poder. Sei que algumas igrejas falham neste sentido; mas certos ministros nunca têm uma comunidade harmoniosa, embora mudem constantemente; receio que é porque eles mesmos são pouco afáveis. A menos que nós mesmos sejamos moderados, não podemos esperar que a congregação esteja em boa harmonia. Como pastores, temos de suportar muita coisa; e quando cremos haver suportado até o limite, e julgamos não poder suportar mais, precisamos começar novamente e suportar o mesmo outra vez. Firmes no amor, "que tudo suporta e tudo espera", temos de resolver tranqüilamente não nos considerar ofendidos; e antes de muito tempo haverá harmonia onde reinava a discórdia, e então podemos esperar bênção.

Temos de suplicar a Deus que nossa congregação seja fervorosa completamente quanto à extensão da verdade e à conversão de pecadores. Quão feliz o ministro quando se sente rodeado de irmãos fervorosos e ativos! Que dano pode causar o obreiro frio e queixoso! Ocorre muitas vezes que quando o ministro desce do monte com a alma ardente por ter estado com Deus, recebe uma ducha de observação vulgar produzida por irmãos que não simpatizam com ele nem com o seu tema. Isso se constitui numa decepção para ele e impedimento para o Espírito Santo que observa tais exemplos de conduta descortês e irreverentes. Que enorme trabalheira a nossa! A menos que o Espírito de Deus venha santificar a atmosfera, quem poderá realizá-la? Necessitamos de ter um povo que ore realmente. Orem muito, e isso será mais eficaz do que censurar ao povo porque não ora. Oh, como desejamos contar com uma congregação que interceda! A legião que ora se tornará vitoriosa. Uma das nossas necessidades mais

urgentes é a oração fervorosa e importuna.

No entanto, além da cooperação em serviço, necessitamos que nossos irmãos *vão em busca dos perdidos.* Cada vez que um estranho se aproxima do templo, alguém deverá falar com ele. Toda ocasião que uma pessoa mostrar-se interessada, precisa haver um irmão fervoroso que a ajude. Onde quer que um coração se mostre perturbado, convém que uma voz experimentada lhe transmita palavras de consolo. Se fosse assim, nosso ministério multiplicaria seu esforço e os resultados seriam surpreendentes. Oxalá nossas igrejas se tornassem em armazéns de zelo e fervor cooperativos, onde não só um homem, mas todos, estivessem trabalhando para Cristo!

Concluirei *exortando a que cada um pense na responsabilidade que recai sobre si. A doutrina da responsabilidade se* harmoniza com a doutrina da predestinação. Creio na predestinação sem recortá-la nem modificá-la; acredito na responsabilidade sem adulterá-la nem debilitá-la. O homem de Deus põe diante de vocês uma aljava cheia de flechas e lhes manda disparar as flechas da libertação que provém do Senhor. Levantem-se e tomem o arco! Lembrem-se que cada vez que dispararem haverá vitória para Israel. Interromperão na terceira flecha? O homem de Deus se aborrecerá e ficará aflito se o fizerem, e dirá: "Cinco ou seis vezes deverias ferir os sírios até os destruíres". Não seria certo que fracassamos em nossas pregações, naquilo que vamos fazer e no desígnio que nos propomos realizar? Não ocorre que depois de termos trabalhado um pouco nos damos por satisfeitos? Desprendam-se de um contentamento tão mesquinho! Disparemos muitas vezes. Encham-se de grande ambição, não por vocês, mas por seu Senhor! Elevem seu ideal. Não há inconveniente em apontar para o próprio sol; assim dispararão mais alto do que se o ponto de mira fosse um objeto rasteiro. Creiam em grandes coisas procedentes de um Deus onipotente.

Recordem que seja qual for sua atitude, a sua responsabilidade é grande. Não houve uma época mais inquieta que a nossa. O que está sendo feito agora afetará séculos vindouros, se o Senhor não voltar logo. Se andamos reta e resolutamente diante de Deus hoje, faremos com que o futuro de muitos resplandeça com o evangelho; mas a doutrina deturpada e minada prejudicará a filhos ainda não nascidos, geração após geração. Não me preocupo em primeiro lugar com o que acontece hoje, pois estas coisas têm relação com a eternidade. Quanto a mim, estou disposto a ser devorado por meus inimigos pelos próximos cinqüenta anos, mas um futuro mais distante me vindicará. Vivamos honradamente perante o Deus vivo. Quem sabe se para isto viemos ao reino neste tempo? Se temos esta certeza, portemo-nos varonilmente. Se Deus está em nós, podemos realizar maravilhas. Todavia, se não é assim, derrubado, abatido, marcado com o selo da inutilidade, seremos lançados no esterco feito dos fracassos dos covardes e das vidas mal empregadas. Que Deus nos livre, a vocês e a mim, de tal desgraça!

Charles Wesley disse a seu irmão João: "Nosso povo sabe morrer bem!" Nunca estive à cabeceira de algum enfermo da nossa congregação sem sentir-me fortalecido na fé. Ante a gloriosa confiança deles, lutaria contra toda a terra sem jamais duvidar intimamente do evangelho do Senhor. Morrem gloriosamente. Há pouco visitei uma irmã com câncer debaixo do olho. Não se lamentava; pelo contrário, estava feliz, cheia de gozo, exultante com a esperança de contemplar a face do Rei em Sua formosura. Falei com um comerciante nos seus últimos instantes, observando-lhe: "Parece que não tem temor". "Não", respondeu com firmeza, "como posso tê-lo? O Senhor não nos ensinou coisas que produzem temor. Como haveria de temer a morte, se há trinta anos me alimento da carne sólida do reino de Deus? Eu sei em Quem tenho crido!" Tive uma experiência celestial com aquele homem. Não posso usar um termo mais moderado.

Ele demonstrava uma alegria santa na esperança de um traslado em breve para o mundo melhor.

Permitam-me, irmãos, uma última palavra. Vocês e eu morreremos em breve, a menos que o Senhor regresse antes. Bem-aventurada coisa será se, enquanto permanecemos no silêncio, e as noites se tornam longas, e nossas forças diminuem, possamos apoiar-nos no travesseiro e dizer: "Senhor, Te conheço desde a minha juventude, e até aqui tenho proclamado Tuas obras maravilhosas; agora, que estou a ponto de partir, não me abandone". Três vezes ditosos seremos, se pudermos afirmar finalmente: "Não tenho deixado de anunciar-vos todo o conselho de Deus".

Amados irmãos, já determinei que, se Deus me ajudar, me unirei àqueles que andarão com o Senhor de vestes brancas, pois são dignos. A respeito deles se diz que "não se contaminaram", os que não se aliaram a confederações que mancharam as consciências e contaminaram os corações. Estes são os que se separaram por amor dEle, obedecendo à palavra: "Saí do meio deles, apartai-vos dos tais, e não toqueis o que é imundo". Há um desfrute especial da adoção para a consciência que é fiel à senda separada e jamais se degrada com a transigência. Creio que na fidelidade estará o seu poder. Não podemos permitir pequenas brechas na consciência porque servimos a um Deus zeloso. Ele não permitirá naqueles a quem muito ama o que consente em outros. Quanto maior Seu amor mais ardente seu zelo quando Seus escolhidos de algum modo se afastam dEle.

Ainda um pouco e não estarei mais com vocês. Quando estiverem comentando: "O irmão partiu; que vamos fazer?" Admoesto-os a que sejam fiéis ao evangelho do Senhor Jesus Cristo e à doutrina de Sua graça. Sejam fiéis até à morte, e não perderão a coroa. Mas amados, que não morra nenhum de nós como luz obscurecida, terminando um ministério sem poder, em trevas eternas! Que o Senhor mesmo os abençoe! Amém.

6

O MINISTRO NOS TEMPOS ATUAIS

Nesta oportunidade desejo dizer algo adequado à nossa época. Nunca preguei, segundo a expressão da moda, *aos* nossos tempos; no entanto, gostaria de falar *sobre* os nossos tempos, crendo que uma palavra oportuna pronunciada agora pode ser benéfica também no futuro. Nossos tempos me impressionam de tantas maneiras que eu preciso fazer uma abordagem rápida e tocar resumidamente em várias matérias, em vez de limitar-me a um só tema. Permitam-me que desta vez lhes fale desse modo.

Inicialmente, reflitamos sobre A POSIÇÃO DO SENHOR PARA CONOSCO. Defrontamo-nos com um aspecto que deve ser destacado audazmente em nossas pregações. Estamos certos de que não faremos bem às demais coisas se não pensamos corretamente nEle. Ao formar nosso sistema de astronomia, onde colocamos o Sol? Se não estamos bem seguros neste ponto básico, o resto falhará. Se não descobrirmos a verdadeira posição do Sol, pouco importa onde ponhamos Júpiter ou Marte. Que significa Cristo no sistema teológico de vocês? Que lugar encontra em seus pensamentos? Que posição ocupa com referência a vocês mesmos, a seu trabalho e a seus semelhantes?

Vários são os aspectos sob os quais temos de considerar o nosso divino Senhor, mas é preciso que sempre concedamos a maior proeminência ao Seu caráter salvador como *Cristo nosso sacrifício e propiciação.* Precisamos ser claros e veementes quanto a essa verdade. Não basta empregar palavras e frases

ortodoxas sobre o assunto como quem repete a linguagem de uma liturgia; temos de aceitá-la vital e intensamente e atualizá-la com toda a energia do nosso ser. Precisamos pregar minuciosa, clara e enfaticamente a realidade vital da expiação; do contrário, não temos aprendido a Cristo corretamente, nem o ensinaremos de modo eficaz. Tentar anunciar Cristo sem Sua cruz é traí-lO com um beijo.

Não aceitamos as teorias produzidas pela mente humana, mas nos firmamos no testemunho infalível das Escrituras na apresentação dAquele "que levou nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro". Mesmo que isso seja tachado de imoral, ainda cremos que "ao que não conheceu, pecado, Deus o fez pecado por nós para que fôssemos feitos justiça de Deus nele", porquanto "o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele", visto que "o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de todos nós". Faremos bem em recordar os textos do Velho e Novo Testamentos que tratam desta verdade fundamental; há muitos deles e são decisivos. É inegável a doutrina bíblica que podemos aproximar-nos de Deus mediante o Senhor Jesus Cristo, pois através do Seu sangue há perdão; como resultado da satisfação vicária, a culpa é perdoada e o crente "aceito no Amado".

Os que negam a expiação como satisfação pelo pecado eliminam também a doutrina da justificação pela fé. É inevitável. Há um elemento comum que é essencial em ambas as doutrinas; se negamos uma, destruímos a outra. O pensamento moderno é uma tentativa de volta a introduzir o sistema legal da salvação pelas obras. Nossa batalha é idêntica às lutas de Lutero na Reforma. Analisando profundamente a raiz de tudo, a graça é banida e em seu lugar introduzido o mérito humano. O ato da misericórdia divina ao perdoar o pecado é excluído e o esforço humano é tudo em todos, tanto no que se refere aos pecados passados quanto à esperança futura. Cada um tem que se apresentar

agora como seu próprio salvador, e a expiação é arquivada como fraude piedosa. É doloroso como tantos apregoam tais distorções blasfemas da obra do Senhor Jesus Cristo.

Não cessarei de pregar resoluta e claramente o sacrifício expiatório, explicando por que me proponho fazê-lo. Pessoalmente não tenho nem sequer uma sombra de esperança de obter salvação noutro lugar; se Cristo não é meu substituto, estou perdido. Vejo-me condenado pela minha transgressão e fico desesperado por não poder fazer ou tornar-me aquilo, que Deus possa aceitar. É preciso que tenha uma justiça perfeita e divina; ao mesmo tempo, não tenho a mínima capacidade de produzi-la. No entanto, encontro-a em Cristo; a Bíblia diz que pode ser minha pela fé, e desse modo me aproprio dela. Acaso não me lembro como, pela primeira vez, olhei para Cristo e fui iluminado? Porventura não me recordo que em inúmeras ocasiões tenho me aproximado dEle como pecador, contemplado Suas feridas e crido novamente para a vida eterna, passando a sentir o gozo anterior restaurado? Portanto, irmãos, não posso pregar outra coisa pois não conheço nada senão isso. Novos dogmas podem ser certos ou não; mas da veracidade desta doutrina estou convicto. Anuncio esta verdade com amor, de todo o coração. O elemento do gozo na pregação desapareceu de muitos púlpitos. Gostaria de erguer-me da cama nos últimos cinco minutos da minha vida para dar testemunho do sacrifício divino e do bendito sangue que expia o pecado. Então repetiria aquelas palavras que falam mais positivamente da verdade da substituição, mesmo se alguns ouvintes ficassem horrorizados. No céu minhas primeiras palavras serão para atribuir minha salvação ao precioso sangue do Cordeiro; então como poderia lamentar que meu último ato na terra foi de ter testemunhado dessa verdade?

Sustentamos também que o Senhor Jesus *é* o *único*

Mediador e Sumo-Sacerdote. E isso nos faz repudiar com indignação as afirmações dos supersticiosos. Uns se arvoram de sacerdotes, defendem uma imaginária sucessão apostólica, indicam as ordenanças como canais seguros da graça. Nas mãos do sacerdote, o pão e o vinho sofrem uma alteração miraculosa. Tais ensinos, e muitos outros semelhantes, realçam as tradições humanas em detrimento da pureza original do evangelho.

Irmãos, protestemos com a máxima energia contra este avivamento da superstição. Não toleremos nada entre a alma e Cristo. Onde quer que formos, deparamos com alguém que se apresenta como intermediário; aos pecadores não é permitido irem a Cristo diretamente; apresenta-se um caminho de salvação que passa pelo sacerdote oficial. Combatam ativamente esse erro. Mesmo que seja acompanhado de certa medida de ensino evangélico, é mortífero.

Nossa função de pastor merece ser respeitada, e o será quando desempenhada devidamente; mas devemos evitar a falha de exaltar-nos a nós mesmos.

Prosseguindo, procuremos apresentar o Senhor Jesus Cristo como *Mestre Infalível* através da Sua Palavra inspirada. Não entendo a lealdade a Cristo aliada à indiferença pelas Suas palavras. A menos que recebamos as palavras de Cristo, não podemos receber a Cristo; se não acolhemos as palavras dos Seus apóstolos, tampouco recebemos a Cristo. É preciso que amemos e reverenciemos a todos os ensinos do Senhor; se não o fazemos, estamos construindo sobre a areia. É importante conhecermos a Cristo como a verdade; porém também o é reconhece-lO como o caminho da vida. Alguns excelentes irmãos parecem pensar mais na vida do que na verdade; mas quando os advirto que o inimigo envenenou o pão dos filhos, respondem: "Querido irmão, lamentamos saber disso; e para combater o mal, abriremos a janela e lhes daremos ar puro". Sim, abram a janela e forneçam atmosfera saudável por todos os meios. Não podem fazer coisa melhor, por vários motivos;

mas ao mesmo tempo, deviam ter feito isso sem esquecer a outra coisa. Prendam os envenenadores e abram também as janelas. Enquanto os homens prosseguem divulgando falsa doutrina, podem falar o que quiserem sobre uma vida espiritual profunda, porém fracassarão. Enquanto fazem uma coisa boa, não descuidem da outra. Em vez de afirmar que a vida é mais importante que a verdade ou o caminho, unamo-nos na firme convicção de que cada uma destas é igualmente importante, e que nenhuma delas pode firmar-se bem ou marchar sem as demais.

Alguns abandonam os ensinos de Cristo por pura extravagância e amor pueril às novidades. Para os mais jovens, as doutrinas falsas são como uma espécie de enfermidade *infantil, algo como um inevitável sarampo espiritual. Desejo* que se recuperem da doença e espero que ela não lhes deixe nenhuma seqüela. Com profunda ansiedade tenho observado as mentes infectadas com essa virulenta epidemia e me alegro em ver como a rajada de incredulidade se distancia e o paciente diz: "Graças a Deus, nunca mais tornarei a passar *por aí*". É pena que haja tantos que julgam necessário passar pelo caminho lamacento que já manchou a outros, mas os sábios se beneficiam da experiência dos demais.

Alguns caem na dúvida por causa de uma sinuosidade interna. Há homens que iniciam novas igrejas ou criam diferentes doutrinas numa tentativa de encobrir suas próprias falhas. Onde há podridão, desenvolvem-se vários tipos de vermes. Segundo uma lenda, quando o elefante vai a um poço, e se vê refletido na água, fica tão desgostoso ante a própria fealdade, que passa a removê-la imediatamente até turvá-la, a fim de não se ver. Há homens que se lhe assemelham na sua atitude. As santas Escrituras não estão de acordo com o que eles pensam; portanto, pior para as Escrituras. Estas ou aquelas doutrinas não se adaptam a seus gostos, de modo que é preciso deturpá-las ou negá-las. O que

há no íntimo do "pensamento moderno" é o coração irregenerado. Os homens são modernistas em doutrina porque nunca puderam revestir-se do puritanismo, porquanto lhes falta a renovação do entendimento.

Não duvido que alguns tentem remendar os ensinos e o evangelho de Cristo com o intuito de produzir maior bem. Nos "avivamentos" permite-se dizer e fazer algo que ninguém poderia justificar. Vocês já observaram como se apresenta o evangelho atualmente? Não desejo pronunciar juízos condenatórios sobre ninguém em particular, mas estou lendo constantemente a exortação: "Entrega seu coração a Cristo". A exortação é boa, porém não permitam que substitua a mensagem evangélica: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás *salvo". O ensino na Escola Dominical costuma ser: "Queridos* meninos, amem a Jesus". Ora, isso não é o evangelho. O amor a Cristo vem como fruto, pois o evangelho ensina: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo". Se julgamos alcançar maior bem substituindo o mandamento do evangelho por outra exortação, seremos envolvidos em graves dificuldades. Se por um momento nossas reformas parecem produzir um resultado maior que o antigo evangelho, será no surgimento de ervas daninhas, talvez venenosas – mas não no desenvolvimento de árvores do Senhor. Fiquemos perto de Cristo como nosso Mestre infalível nesta época perigosa e sejamos em extremo zelosos pela verdade; do contrário, talvez sejamos seduzidos com drogas, como Pompeu enganou a certas cidades que não queriam abrir as portas às suas tropas, dizendo-lhes: "Não lhes peço que alojem meus exércitos; mas temos uns homens enfermos e feridos pelos quais suplico permissão para que descansem entre vocês". Quando os portões foram abertos para os doentes, os soldados também seguiram e os habitantes foram dominados facilmente. Não permitam a entrada de pequenos erros que pedem um pouco de tolerância; do contrário, sua cidadela será capturada antes que dêem conta do ataque.

Permaneçam firmes na fé uma vez dada aos santos, e que ninguém os seduza com doutrinas enganosas e teorias vãs.

Continuando, irmãos, é preciso que insistamos cada vez mais em que *Cristo é o único legislador e único governante da Igreja.* Temos sistemas religiosos entre nós, nos quais a organização inteira é pura invenção; seria impossível descobri-la na Bíblia; mas tem por costume adaptar um texto como etiqueta. Temos vizinhos religiosos que dificilmente tentariam demonstrar que seu sistema nunca foi sancionado pelo Senhor e pelos apóstolos. Contudo, é tão antigo que nos vemos obrigados a tolerar toda espécie de anomalias; mas tolerar não é o mesmo que aprovar ou imitar. Em nossas igrejas, entretanto, devemos ater-nos ao precedente apostólico e seguir o mandato de Cristo em todas as coisas. Não há homem, por mais respeitável que seja, que possua autoridade suficiente para justificar o afastamento das Escrituras Sagradas. "À lei e ao testemunho!" Se um ensino ou alguma cerimônia não está ali, será totalmente rejeitada, pois nossa única autoridade é a Palavra do Senhor.

Ainda será mais grave o erro se omitirmos parte dos conhecidos mandamentos de Cristo. Como podemos pôr de lado ordenanças da Bíblia? Não somos censores dos ensinos e dos atos do Senhor. Não podemos cair em total descuido ou errar por desobediência obstinada. Se alguém dissesse: "Não vejo que isso seja mandamento do Senhor", cometeria pecado de ignorância; porém se admite uma ordem divina e se recusa a cumpri-la, transgride por desobediência voluntária. Que tipo de fé a que não opera pelo amor, mas faz sua própria vontade, opondo-se ao preceito de Cristo? Convém que sejamos fervorosos em praticar todos os aspectos do mandamento sagrado. Reconheçamos a Cristo, não apenas como Salvador, mas como Senhor.

Alguns são tentados a afastar-se da vontade do Senhor de outra maneira. Quando precisam tomar resoluções referentes

a assuntos importantes da obra do Senhor, antes procuram saber qual a opinião dos que contribuem com grandes somas para a igreja. Se alguém age assim, podemos indagar: "Quem é na verdade seu senhor: Judas com sua bolsa ou Cristo, a quem ele saudou com o beijo traidor?" Sejam fiéis, e atrevam-se a tudo. Se não fazemos assim, Cristo não é legislador para nós. Rejeitem o suborno, mesmo encoberto, e renunciem a tudo por amor à verdade, se necessário.

O Senhor está também diante de nós como *exemplo e modelo.* Pregamos a graça de Deus e o sangue de Cristo; mas se alguém supõe que não anunciamos Cristo como exemplo, ainda não conhece o nosso ministério, pois insistimos em que a fé precisa obedecer à vontade do Senhor ao mesmo tempo que confia na Sua graça. Alguns entre nós se assemelham à velha escocesa que disse no término do culto: "O sermão foi bom em tudo, com exceção dos deveres mencionados no final". É possível que apresentemos os preceitos de tal modo que despertemos a suspeita de sermos legalistas em espírito; é necessário que evitemos cuidadosamente tal coisa. Desejamos apresentar Cristo como perfeito modelo, a fim de que os santos aspirem tornar-se semelhantes a Ele; é preciso que os homens tenham o Espírito de Cristo, pois do contrário estão perdidos. Não se alcança o céu por mera justificação legal, divorciada de uma obra, espiritual dentro da alma, uma genuína mudança de coração, uma renovação do entendimento.

Além disso, espero que sempre tenhamos Cristo como *Senhor e Deus.* Acima de tudo que é para nós, é Senhor e Deus. Portanto convém falar a respeito dEle e pensar nEle com a mais profunda reverência. A pessoa que joga com a Palavra de Deus e as coisas concernentes a Cristo, é mais maligna que as ações que produz. Cultivemos o mais elevado respeito para com nosso divino Senhor e a mais absoluta confiança em Seu poder e na Sua vitória final. Confiem sem reserva na mão com a qual Ele sustém o leme. Não tenham

a menor sombra de dúvida de que Sua sabedoria e Seu poder farão que tudo termine bem. Avante pois, e falem em Seu nome. Quando terminarem de expor uma doutrina, ordenem aos ouvintes, em nome de Jesus, que creiam nela. Sejam ousados em fazê-lo. Do modo que os apóstolos mandavam aos coxos que se levantassem, e aos mortos que revivessem, em nome de Jesus, o Nazareno, ordenem aos pecadores que se voltem para Ele e vivam. Ele que lhes concede fé atenderá à Sua própria Palavra.

Prestemos agora viva atenção ao tema de NOSSA POSIÇÃO PARA COM O SENHOR. A posição do ministro cristão para com Cristo é algo sobre o qual se poderia falar de várias maneiras e durante muitos dias; contudo, apenas trataremos do assunto de modo sucinto.

Um dos aspectos mais surpreendentes deste assunto surge-nos ao meditar sobre o fato de que, assim como Ele ocupou nosso lugar, *também nós ocupamos a dEle.* Podemos dizer em verdade aos nossos ouvintes: "Rogamo-lhes em nome de Cristo (em lugar de Cristo): reconciliem-se com Deus". O Senhor Jesus põe Suas mãos feridas sobre nossos ombros e diz: "Como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio". Estamos encarregados de suplicar em lugar de Cristo, como Ele Se ocupa de rogar em nosso lugar. Em Seu lugar subimos ao púlpito para apontar à uma mulher enferma e simples o sangue da reconciliação. Nós O substituímos no púlpito a fim de falar a respeito de pecado, justiça e juízo vindouro. Ocupamos Seu lugar para clamar: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Amados irmãos, estaríamos conscientes de que não apenas estamos trabalhando para Cristo, e sim, ocupando Seu lugar? Poderíamos apresentar alguns dos nossos sermões como pregados substituindo a Cristo? Não esperaríamos que nossas consciências nos repreenderiam se fizéssemos tal afirmação? Por certo há grande diferença se o Senhor Jesus falasse pessoalmente;

seria necessário que houvesse distinção no sentido de menor autoridade e capacidade divinas; mas não deveria havê-la quanto ao propósito fiel e fervoroso.

Precisamos apelar aos homens, lembrando que ocupamos o lugar de Cristo; isso impedirá que sejamos parciais. Não pensaremos somente numa minoria de ricos e educados; porém, como Cristo fez, nos dirigiremos às multidões. Busquemos primeiramente aos pobres, aos enfermos, aos ignorantes – enfim aos mais necessitados. Aproximemo-nos dos pobres, dos desprezíveis, dos caídos, como Jesus fazia.

Se estamos ocupando o lugar de Cristo, não forçaremos, mas procuraremos persuadir carinhosamente. Sentiremos verdadeira solidariedade até às lágrimas, como se a ruína deles fosse nossa dor e sua salvação o nosso gozo. Choraremos por eles, pois Jesus o teria feito; demonstraremos paciência com eles, por causa de Sua divina longanimidade. Vigiaremos na espera das oportunidades e as empregaremos com persistência, pois assim o teria feito Jesus. Trataremos a nossos ouvintes como o pastor em relação à sua ovelha perdida, e jamais descansaremos até que a conduzamos ao lar sobre nossos ombros com intenso júbilo; dessa forma agiria o Senhor.

Esta posição nossa, substituindo a Cristo, implica em grande responsabilidade; necessitamos de muita graça para suportar o peso. Portemo-nos bem, pois levamos um grande Nome. Que ofensa tão cruel para o Senhor Jesus, quando um ministro rude, orgulhoso e negligente afirma que está atuando em substituição a Cristo! Deus perdoe tamanha falsidade; é algo verdadeiramente repugnante. Se estão em verdade substituindo a Cristo, que espécie de pessoas deviam ser! Que o Senhor nos faça dignos da embaixada a que fomos enviados!

Portanto, *precisamos amar aos pecadores por causa de Cristo.* Não haveria muitos em sua congregação aos quais não podem amar por outra razão? Poderia o Senhor amar vocês

por seus méritos? Ele nos amou, a vocês e a mim, por uma razão que encontrou em Seu próprio coração. Cristo "me amou e se entregou a Si mesmo por mim" e se agora me ordena: "Ama aos outros e entregue-se a si mesmo por eles" porventura não deveria fazê-lo? É preciso expulsar de nós toda predisposição ao desprezo. É preciso que os caídos, os frívolos, os capciosos, os indiferentes e até os maliciosos participem do nosso amor. Temos de amá-los para conduzi-los a Jesus. Precisamos atraí-os com cordas de homem e laços de amor. Nossa missão é perpetuar na terra a compaixão do Salvador.

Ainda mais, nosso relacionamento com Cristo é de tal natureza que temos de *cumprir o que falta das Suas aflições por Seu corpo, que é a Igreja.* Seus padecimentos expiatórios terminaram; nenhum de nós pode pôr o pé naquele lagar. Todavia, aqueles sofrimentos através dos quais as almas são ganhas para Cristo estão longe de terminar. Toda a hoste dos mártires derramou o sangue e se sacrificou a fim de manter viva a verdade com o objetivo de que chegasse a nós, para que por meio dela os homens possam ser atraídos a Jesus. Todo o que sofre suportando dor, difamação ou perdas, por amor de Cristo, está cumprindo a quantidade necessária de sofrimento para reunir todo o corpo de Cristo e edificar Sua Igreja escolhida. "Tenho sido tratado de modo realmente vergonhoso", declara um ministro. Sim, mas outros homens igualmente dignos enfrentam idênticas humilhações; considera como o próprio Senhor "suportou tal contradição dos pecadores".

Quando Alexandre conduzia seus homens até a Pérsia, tendo que atravessar uma autêntica montanha de neve e gelo, eles estavam a ponto de dar meia volta, quando o famoso conquistador desceu do cavalo, tomou uma ferramenta para cortar o gelo e avançou, às vezes coberto de neve até à cintura, partindo os blocos de gelo e abrindo o caminho. Então os macedônios se certificaram de que seriam capazes de apossar-se da terra se o imperador fosse à frente deles. Tendo a Cristo

seu Senhor abrindo o caminho por meio das agonias da cruz, acaso não O seguirão por onde quer que vá, cumprindo a medida que resta de esforço, labor e sofrimento, para a salvação daqueles a quem Ele quer redimir com o Seu sangue? Nada há mais comovedor em nossas súplicas que as orações dos que são terrivelmente afligidos. Através do sofrimento vem a bênção. Quando o Senhor deseja fornecer vinho à Sua casa, para que nossas festas sejam cheias de gozo, que fazEle? Ordena: "Enchei estas talhas de água". É necessário que experimentemos aflições até ao máximo. Temos de conhecer toda a provação de que somos capazes, e então Ele dirá: "Tirai agora". Assim surgem Seus milagres; e muitos de nós nos alegramos . porque como aconteceu em Caná, tem ocorrido conosco.

No entanto, muitas vezes cometemos equívocos quanto ao que seja bênção. Relacionado com a cura pela fé, a saúde é nos apresentada como se fosse aquilo que convém desejar acima de qualquer outra coisa. Será assim? Atrevo-me a dizer que a maior bênção terrena que Deus pode conceder a qualquer de nós é a saúde, *com exceção da enfermidade.* Esta tem sido freqüentemente mais útil que a saúde aos santos de Deus. Até onde eu vejo, se alguns fossem favorecidos com um mês de reumatismo, tal coisa, pela graça de Deus, os amadureceria maravilhosamente. Necessitam de algo melhor para pregar do que comumente transmitem à congregação; é possível que o aprendessem no leito de dor. Não desejo para ninguém um período prolongado de enfermidade e dor – mas uma torcedura de vez em quando quase vale a pena pedi-la! Uma enfermidade na esposa, uma sepultura recém-aberta, a pobreza, a difamação, a depressão do espírito, ensinam lições que em nenhuma outra parte se aprende tão bem. As provações nos aproximam das realidades espirituais.

Nossas aflições se transformam em bênçãos, ainda que se apresentem num aspecto ameaçador. Muitas vezes a Providência, com mão rude, concede incontáveis benefícios em

forma de provas da fé, muito mais preciosa que o ouro. Bendito seja o Senhor, pois nossa contusão temporal logo desaparece, enquanto o lucro espiritual permanece para sempre. Em qualquer circunstância, a causa de Cristo é a nossa causa, e estamos unidos a Ele numa comunhão que não pode ser interrompida. Calculamos o custo e podemos dizer: "De agora em diante, ninguém me moleste. Sou escravo de Jesus, e minha orelha está marcada para Ele".

Nossa posição para com o Senhor será mais prática quando compreendemos o que Ele fez por nós. Não creio que sempre percebamos: com clareza o que Ele realmente efetuou a nosso favor. Dizemos: "Somos pobres, mas Cristo nos faz ricos". Por que não dizemos: "Somos ricos, porque Cristo nos tem feito tais?" Nossa pobreza terminou, e nos tomamos ricos em Cristo. "Ele nos tirou das trevas para a Sua maravilhosa luz." Quando pregamos sobre o texto, somos propensos a estender-nos demasiadamente sobre as trevas da natureza; não seria mais conveniente ser mais extensos ao descrevermos a "maravilhosa luz"? "Por que damos tanta ênfase à expressão do apóstolo: "Quando sou fraco?" Acaso não devemos destacar as palavras seguintes: "Então sou forte?" As bênçãos do Senhor são realidades, não fantasias; tratemo-las como tais. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos." Por que empregar todo o tempo falando de fome e sede? Não somos fartos? Se não o somos, roguemos ao Senhor que nos encha. Mas se o somos, experimentemos e anunciemos a doçura do pão celestial, repartindo-a, de corações alegres, a nossos ouvintes. Proclamemos o aspecto luminoso da nossa religião, e não estejamos sempre repetindo o que somos em nós mesmos. "As trevas já passaram, e a verdadeira luz já alumia." Estamos agora em Cristo Jesus. Éramos miseráveis, mas fomos lavados e purificados. Quanto desejamos o desfrute abundante das bênçãos atuais do pacto! Quanto desejamos graça para anunciar o que encontramos! Como o servo de

Abraão se ocupou em descrever amplamente as riquezas do seu Senhor, apresentando os objetos valiosos que trouxera com ele, esforcemo-nos para conquistar os corações para nosso poderoso Senhor, mostrando quem Ele é, o que possui e o que pessoalmente conhecemos dEle.

Faremos bem em estar diante de Cristo conscientes de Seu poder e presença. O Senhor está conosco. O mais importante é que Ele está ao nosso lado realmente e em verdade. Se estamos com Jesus e pregamos Sua verdade, não há dúvida de que Ele está conosco "todos os dias, até o fim". Esta promessa não foi o bonito final de um poema: é certo de que está conosco nesta hora. Creiamos nisso e atuemos de acordo. Se não sentimos sempre a proximidade da Sua luz, voltemo-nos, como as flores, em direção ao sol. Ao subirmos ao púlpito, miremos e inclinemo-nos em direção a Cristo. Que lugar tão maravilhoso é o púlpito, quando Jesus está ali! No estudo, quando nos sentamos e começamos a impacientar-nos, interrogando: "Sobre que devo pregar?", voltemo-nos para o Senhor, e oremos com a janela voltada para Sua cruz e Seu trono. Oxalá possamos sentir sempre uma influência que nos impulsione até Cristo quando a Bíblia está aberta diante de nós! Quando isso acontece, toda a nossa fraqueza desaparecerá, pois Seu poder será evidenciado.

Preparando-se para a grande luta contra o pecado, reunindo as forças que estão ao lado da justiça, lembrem-se de Jesus. Estão alistados, mas isso representa menos do que nada. Contam com irmãos fiéis que os apoiam; embora os estimem e lhes dediquem grande carinho, são também como nada. Um grupo de amigos e obreiros intercedem por vocês; mas a soma total é apenas uma porção de cifras. A que se reduzem todos esses zeros? Sua desconfiança clama: "Aqui não tenho nada". Que vão colocar diante de todos eles? Onde porão o Infinito? Cada zero colocado diante do UM usurpa Sua glória e O faz diminuir. Mas se Ele é posto em primeiro lugar, diante das

cifras, que soma tão enorme obterão! Isso não é fantasia; é pura matemática. Verifiquem como é idêntico na esfera espiritual. Ainda que impotentes quando sozinhos, o Senhor está conosco.

Parece que alguns pregadores não crêem que o Senhor esteja com evangelho deles, porque, para atrair e salvar pecadores, sua mensagem é insuficiente e precisam acrescentar invenções humanas; acham ser necessário adicionar um suplemento à simples pregação evangélica. Mas se a mensagem que vocês pregam não é capaz de atrair as pessoas para ouvi-los, e quando elas vêm, não as influenciam, então renunciem. Alguém contrapunha ser inútil apelar a um pecador morto que creia. Respondo que creio que Deus ordenou que assim o faça; transmito a ordem em nome do Senhor, e os pecadores mortos crêem e vivem. Não acho que um homem morto em seus pecados possa viver, porém o evangelho tem poder de transmitir vida. Ora, se seu evangelho não conta com o poder do Espírito Santo, não podem pregá-lo com confiança, e serão tentados a utilizar métodos para atrair as pessoas às quais o Cristo crucificado não atrai. Se dependem de tais expedientes, estão degradando a religião que pretende honrar.

Além disso, irmãos, *nossa posição quanto ao Senhor é de aguardar o Seu regresso.* Não sei até que ponto vocês são ardorosos quanto à verdade da volta de Cristo; espero que creiam nela e sejam vivificados pela fé nela. Essa grande esperança ganha terreno entre os amantes da doutrina evangélica. Alguns ministros se mostravam tímidos na divulgação desse ensino, em face do fanatismo que pode produzir. Charlatães têm causado males ao fingirem saber o dia e a hora em que o Senhor virá. Não nos foi dado conhecer tempos e estações, *mas o Senhor voltará.* Ele já está a caminho, pois declarou: "Eis que venho sem demora". Sua vinda pode ocorrer brevemente; certos sinais avivam nossa esperança. O amor de muitos esfria; o diabo está mais ativo do que nunca. Ele se esforça ao máximo, sabendo que lhe resta pouco tempo. No caso do menino

endemoninhado, o derrubou, querendo destruí-lo; sabendo que ia ser expulso, fez o pior que pôde. O espesso véu dos céus só se reveste na parte mais obscura da noite que precede a aurora do dia. Quando foi duplicada a conta dos tijolos, surgiu Moisés; o mesmo acontecerá ao nosso Libertador. Tenhamos bom ânimo e esforcemo-nos; enquanto exaltamos a Cristo e glorificamos o Seu nome, Ele está a caminho para intervir na disputa do Seu pacto e desalojar definitivamente os inimigos.

Finalmente, duas ou três palavras sobre NOSSA POSIÇÃO COMO INDIVÍDUOS. Que estas frases atuem poderosamente em cada um.

Aconselho-os a *ser cabais.* Desejo de todo o coração ter entre nós maior número de homens na plenitude do vigor espiritual e mental. O que mais falta nesta época são homens que conheçam o evangelho por si mesmos, que tenham uma experiência pessoal do seu poder, que o tenham provado como se prova a prata no forno, e que o tenham em tal apreço que antes perderiam a vida do que renunciá-lo. Há muitos que costumam ir para onde os conduzem e que nadam na direção certa quando a corrente é bastante forte para arrastá-los; isso é bom no caso do vento soprar para onde deve; mas se chega o mau tempo, são de pouca utilidade. Na atualidade precisamos dos capazes de enfrentar a correnteza e nadar rio acima. Necessitamos de heróis dispostos a marchar sozinhos, se necessário, que pensem por conta própria por terem compreendido a verdade e a sentirem em suas almas, os quais não permitem que nada os afaste da esperança de sua vocação. São colunas na casa de Deus e permanecem no seu posto. Necessitamos de capitães para o barco celestial, conscientes da área onde navegam, os quais sabem de onde vêm e a que porto se dirigem. Nosso Comandante precisa de batalhadores pela verdade para esta hora de luta. Tais homens são mais preciosos do que o ouro de Ofir. Depender nesta época dos juízos humanos é ser apenas meio homem. Levantemo-nos ante o

Deus vivo em toda a integridade e não busquemos a proteção de pessoas ou de entidades. Receio que os que dependem de Deus são ainda poucos. Com a força e direção do Espírito caminharemos seguramente.

Também é preciso que nestes tempos aprendamos a *selecionar nossos companheiros.* Se alguém anda na justiça, que não transija associando-se a pessoas que não possuem posição clara. Por que deixar-se arrastar e submergir por aproximar-se dos destroços do navio que está afundando? Estar em constante contato com os que não têm afinidade com as grandes verdades do evangelho, é correr constante perigo. Quanto a mim, considero a aproximação com pessoas de posição relaxada como algo demasiadamente doloroso. Os de mentalidade mundana são companhia imprópria para as mentes espirituais. Os que adotam pontos de vista modernistas, hábitos licenciosos e conversação pouco espiritual são igualmente incômodos como amigos, sobretudo se se arvoram de ortodoxos e ao mesmo tempo rejeitam a fé antiga. Livrem-se de todo tipo de relacionamento que prejudique sua fidelidade. Não podemos falar de separação do mal e manter comunhão com ele. Sejam tão puros em seus relacionamentos como em suas pessoas, pois do contrário só poderão esperar maus resultados.

Outrossim, *levem vidas santificadas.* Não podemos dar excessiva ênfase a isso. Gostaria de deixar este prego bem cravado. Sejam santos, pois servem a um Deus santo. Se alguém desejasse fazer um presente a um príncipe, não procuraria um cavalo coxo, nem ofereceria um livro do qual tivessem sido arrancadas algumas folhas ou um relógio cuja máquina estivesse defeituosa. Aquele a quem vocês amam e querem honrar darão o melhor do melhor. Dediquem o melhor que possuem ao Senhor. Procurem estar nas melhores condições possíveis quando pretendem servi-lO, suplicando que lhes faça perfeitos em toda a boa obra a fim de cumprir a Sua vontade,

e então apresentem-se a Ele como sacrifício vivo. Se tiverem de falar a um pequeno grupo de pessoas numa reunião simples em ambiente rural, façam o melhor que puderem. Nosso melhor fruto é em si mesmo pobre. *Nunca* apresentem *algo senão* o *melhor* que podem dar. Reservem o melhor e mais completo que possam produzir para Cristo; que suas vidas inteiras sejam o esforço mais nobre de que são capazes. O ministro que pode fazer mais e não o realiza é um ocioso. Precisamos fazer tudo o que for possível e da maneira mais perfeita que saibamos, pois do contrário somos negligentes.

Sejam muito diligentes na ação. Preparem todas as fronteiras. Usem todas as faculdades para Cristo. Estejam atentos às oportunidades e sejam rápidos em aproveitá-las. A menor das esferas possui em si gloriosas ocasiões de desenvolvimento. Mesmo atuando no meio de um povo pequenino, podem ser alcançados resultados infinitos. Se um lugar está evangelizado, avancem para outro, almejando cada vez mais explorar o terreno. Jamais nos contentemos com o que fizemos se há ainda vastíssima área a conquistar. Oxalá alimentassem a seus rebanhos como pastores, e os aumentassem como evangelistas! Neste aspecto, sejam fecundos, multipliquem-se e encham a terra. É preciso que usemos todas as energias, e revelemos nestes tempos um espírito aventureiro e laborioso a fim de que possamos neutralizar as atividades do príncipe das trevas.

Concluindo, desejo despedir-lhes com as seguintes palavras em seus ouvidos e em seus corações: *sejam confiantes em espírito.* Não toleremos sequer um pensamento vacilante. Já fui acusado de ser pessoa petulante e jocosa; outros me julgam desesperado, pessimista, amargo. Há pessoas cheias de amargura, desanimadas, derrotistas, as quais nunca sorriem e alardeiam horríveis catástrofes que jamais ocorrem. Afirmo que sou alguém tão alegre quanto me permito. Nunca perdi o senso de humor, e se não vigiasse chegaria a ser demasiadamente brincalhão.

Alguns se preocupam pelo fato de eu combater a tantos. Mas podem transferir essa preocupação aos outros. Não desejamos contender; porém se o fizermos, esperamos que os que necessitam de compaixão sejam aqueles contra os quais fazemos oposição. Estou satisfeito pelo que acontece inevitavelmente ao obreiro que protesta com absoluta seriedade, isto é, estou pronto a ser objeto de críticas, mal entendimentos e incompreensões. O custo foi calculado há tempo, e de modo tão minucioso que não há perigo de ser ultrapassado. "Sei em quem tenho crido, e estou certo que é poderoso para guardar meu depósito até aquele dia."

Não há lugar para o temor; pelo menos não vejo motivo de espanto se nos apegamos à verdade. Nunca ouviram referência a um lobo do mar perturbado porque a maré está baixando durante horas. Não! Ele aguarda confiadamente a mudança das ondas, que na hora certa virá. De igual modo jamais haveremos de supor que o evangelho se tome desacreditado ou a verdade eterna repudiada. Servimos a um Senhor todo-poderoso. Ao ser interrogado sobre o que faria se os inimigos o atacassem, Pompeu respondeu: "Se eu levantar a mão, toda a Itália se tornará um exército". Desse modo o guerreiro se orgulhava; mas não é jactância declarar que se o Senhor erguer a mão, pode conquistar para Si todas as nações da terra frente ao paganismo, ao maometanismo, ao agnosticismo, ao pensamento moderno e a todas as outras idéias errôneas. Quem é que pode prejudicar-nos, se seguimos ao Senhor Jesus? Como poderia ser a Sua causa derrotada? Ante o poder da Sua soberania, os convertidos serão atraídos à Sua verdade em tão grande número como as areias da praia. Acaso não está escrito: "Teu povo o será de boa vontade no dia do teu poder, na formosura da santidade; desde o seio da aurora, tens o orvalho da tua juventude"? Portanto, tenham bom ânimo e prossigam neste caminho cantando: "O Senhor dos Exércitos está conosco; nosso refúgio é o Deus de Jacó".